



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Campus I – Rodovia BR 285, Km 292

Bairro São José – Passo Fundo, RS

CEP: 99.052-900

E-mail: ppgletras@upf.br

Web: www.ppgl.upf.br

Fone: (54) 3316-8341

THIANE DE VARGAS

**O ESPAÇO DA BIBLIOTECA ESCOLAR:
DINAMIZAÇÃO DO ACERVO DO PNBE 2013 NOS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Passo Fundo

2016

THIANE DE VARGAS

**O ESPAÇO DA BIBLIOTECA ESCOLAR:
DINAMIZAÇÃO DO ACERVO DO PNBE 2013 NOS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da Prof. Dr. Tania Mariza Kuchenbecker Rösing.

Passo Fundo

2016

À minha orientadora, profa. Tania Mariza
Kuchenbecker Rösing, pelo amor à literatura e aos
leitores.

AGRADECIMENTOS

Deem graças ao Senhor porque ele é bom;

o seu amor dura para sempre.

Salmos 106:1 (Bíblia)

Neste momento, minha gratidão dirige-se, única e exclusivamente, a Deus, que me deu a vida e me concedeu a graça de estar concluindo o Mestrado em Letras. A Ele, toda honra e toda glória! Ao mesmo tempo, agradeço a Deus por ter colocado em meu caminho pessoas especiais, que me apoiaram nesse percurso.

Agradeço a Deus pelos ensinamentos, pelo apoio, pelo direcionamento correto e pelo carinho que recebi de minha orientadora, profa. Tania Mariza Kuchenbecker Rösing. A ela dedico a proposta deste trabalho, pois sua incansável batalha pela formação de leitores movimentou, além de pessoas, sonhos em prol da leitura e da literatura. A sua saga rendeu frutos incalculáveis. Os mais preciosos estão dentro do coração de cada leitor. Sinto-me privilegiada por ter bebido nessa fonte.

Agradeço a Deus pelos amigos que conquistei durante o mestrado, amigos para toda a vida. Em especial, gostaria de citar o nome de dois: Caticiane Belusso Serafini e Ivertom Jessé Gonçalves. Pessoas que se doaram e se dedicaram ao mestrado. Em nome deles, abraço cada um dos colegas da turma do Mestrado em Letras de 2014.

Agradeço a Deus pela minha família: mãe, avó, irmãos, cunhadas e sobrinhos, que compreenderam a minha ausência e os momentos em que precisei de silêncio e reclusão. Com carinho especial, agradeço pelo amor que recebi de minha pequena filha, Luísa, que, dentro de seu conhecimento, soube entender com paciência quando minha atenção tinha de ser dividida entre ela e os livros. Com apreço e amor, agradeço pela presença constante, cuidadosa e solícita de meu amado, Paulo Roberto, pela dedicação que teve comigo em todos os momentos, pelo abraço de consolo, pelas orações, por organizar a minha rotina e por demonstrar tanto amor.

Agradeço a Deus pelo apoio de duas importantes instituições que me acolheram e reconheceram o potencial desta pesquisa: a Universidade de Passo Fundo, por meio do Programa de Pós-graduação em Letras, representado pela coordenadora profa. Fabiane Verardi Burlamaque; a Escola Municipal de Ensino Fundamental Daniel Dipp, representada pela diretora profa. Leonise Colla, que não mediu esforços para que a pesquisa pudesse ser

realizada, bem como pela colaboração dos colegas de trabalho e dos estudantes que participaram deste estudo.

Agradeço pelo trabalho admirável de Constanza Mekis, enquanto coordenadora do Programa Bibliotecas CRA – Centro de Recursos para a Aprendizagem – existente há mais de duas décadas no Chile, que inspirou a criação dessa proposta de trabalho na biblioteca escolar.

Agradeço a Deus pelo apoio financeiro da Fapergs, que custeou durante 24 meses minha permanência no mestrado e possibilitou a elaboração desta dissertação.

Agradeço a Deus por poder contribuir com a formação de leitores, por meio da valorização dos acervos literários do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), da biblioteca escolar, da literatura e da proposição de atividades que possibilitam despertar nos estudantes da escola pública o desejo de ler.

“Hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ensina a viver.” Tzvetan Todorov

RESUMO

No contexto educacional, a biblioteca escolar e seus atores constituem-se como importantes protagonistas na formação social dos estudantes, pelas possibilidades educativas e culturais, mediante a dinamização dos acervos da biblioteca e da ação docente. A presente pesquisa, cujo tema é “a biblioteca escolar como espaço de formação de leitores”, propõe um estudo acerca da dinamização do acervo literário do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) 2013, pela mediação docente no espaço da biblioteca escolar de uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Passo Fundo, RS. O PNBE faz parte de uma política pública de formação de leitores, promovido pelo governo Federal, o qual, historicamente, busca garantir o acesso dos estudantes das escolas públicas a obras literárias de qualidade. Compreendendo a importância do PNBE na escola, a dimensão que a biblioteca escolar possui no processo de formação de leitores e realidade como esse espaço vem sendo tratado, percebe-se a importância de se pesquisar medidas de dinamização dos acervos literários do PNBE existentes na biblioteca. Nesse sentido, o objetivo geral desta investigação visa ressignificar a utilização do espaço e a mediação de leitura na biblioteca escolar, por intermédio da dinamização do acervo literário do PNBE 2013, objetivando a formação de leitores críticos, reflexivos e atuantes na sociedade, com atividades voltadas aos educandos dos anos finais do ensino fundamental. O trabalho de pesquisa caracteriza-se como bibliográfico e exploratório, os procedimentos técnicos podem ser considerados como uma pesquisa-ação. Os referenciais teóricos utilizados para as questões da leitura e da formação de leitores na escola encontram-se nos preceitos de Chartier (1999, 2002, 2007, 2010, 2014, 2016), Silva (1986, 1996, 2009) e Zilbermann (2009). O aporte teórico de Lévy (1999) remete às questões do ciberespaço, da cibercultura e os diferentes suportes de leitura disponíveis aos leitores. Cool (2010), por sua vez, faz referência à importância das tecnologias de informação e comunicação na educação. Ainda, vislumbra-se o protagonismo dos novos perfis de leitores, preconizados por Santaella (2004, 2013). Ao final, aborda-se a importância da mediação de leitura pelo docente e o perfil do mediador de leitura na biblioteca escolar, de acordo com os preceitos de Rösing (1996, 2001, 2009, 2011), Santos (2009) e Silva (2009). Para refletir sobre o Programa Nacional Biblioteca na Escola, buscam-se referenciais dos documentos oficiais da Política de Formação de Leitores e em Ramos (2013). A proposta de intervenção no espaço da biblioteca da escola se deu pela construção de um conjunto de portfólios para a dinamização do acervo literário do PNBE 2013, por intermédio do docente responsável pela biblioteca, e da organização do espaço, na perspectiva de um centro cultural multimídia. Essa iniciativa contribuiu para despertar o interesse dos educandos para a leitura literária e, conseqüentemente, para a ampliação de seu universo cultural.

Palavras-chave: Biblioteca escolar. Mediação de leitura. Programa Nacional Biblioteca na Escola.

ABSTRACT

In the educational context, the library and its actors are important protagonists in the students' social construction due to educative and cultural possibilities they may provide through the enhancement of their collection and teaching action. This investigation - namely "the school library as a space for readers' formation" - proposes a study considering the enhancement of the literature collection from *Programa Nacional Biblioteca na Escola* (PNDE) – National Program Library in Schools - of 2013, through the active participation of teachers in the library space of a public school which is part of the municipality of Passo Fundo-RS. The PNDE is part of a governmental policy for encouraging new readers promoted by the federal state, which historically attempts at securing the access of public school students to quality literature. Aware of the importance of PNDE in schools, the dimension school libraries have in the process of forming readers, and the reality of how this space has been treated, the importance of researching ways of enhancing the literature collection from PNDE located in libraries is understandable. In this sense, the general aim of such investigation is to (re)signify the use of space and the reading mediation through the enhancement of the literature collection of the 2013 PNDE, targeting the formation of new critical readers who may contribute to society. The study is directed at students in their final years of elementary school. It is a bibliographical and exploratory work whose procedures may be considered as those from an action research. The theoretical corpus by Chartier (1999, 2002, 2007, 2010, 2014, 2016), Silva (1986, 1996, 2009), Zilbermann (2009) is used to discuss the reading matters as well as the reader formation. Lévy (1999) points to questions of cyberspace, cyber culture, and the variety of reading resources available to readers. Cool (2010) discusses the relevance of information technologies and communication in education. Still, it must be pointed out the protagonism of the new reader profiles debated by Santaella (2004, 2013). Finally, Rosing (1996, 2001, 2009, 2011), Santos (2009) e Silva (2009) contribute with their view concerning the teacher and its role as a reading mediator in school libraries. So as to reflect on *Programa Nacional Biblioteca na Escola*, official documentation on the Policies of Reading Formation and in Ramos (2013) are used. The activity proposal in the library space happened through the construction of a set of portfolios aiming at enhancing the PNDE 2013 literature collection, with the collaboration of the teacher responsible for the library and the organization of such space as a cultural multimedia center. This initiative contributes to awaken the students' interest for the literary reading and consequently for the enhancing of their cultural sphere.

Keywords: School library. Reading mediation. National Library Program in School.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1	Biblioteca de Nínive	25
Ilustração 2	Tabuleta de argila.....	25
Ilustração 3	Ruínas da Antiga Biblioteca de Alexandria.....	25
Ilustração 4	Nova Biblioteca de Alexandria.....	26
Ilustração 5	Ruínas da Biblioteca de Pérgamo	26
Ilustração 6	Vista frontal da escola.....	74
Ilustração 7	Vista aérea (satélite) da escola.....	75
Ilustração 8	Interior da escola.....	75
Ilustração 9	Sala principal	78
Ilustração 10	Sala auxiliar	78
Ilustração 11	Sala de leitura.....	83
Ilustração 12	Expositor do projeto Viagem da Leitura.....	83
Ilustração 13	Sacolas do projeto Hora da Leitura.....	84

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Dados de Atendimento ano 2013 – PNBE Literário - Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.....	57
Tabela 2	Dados de atendimento ano 2013 – PNBE Periódicos - Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.....	57
Tabela 3	Dados de atendimento ano 2013 – PNBE do Professor - Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.....	57
Tabela 4	Critérios de Atendimento ano 2013 – PNBE Literário - Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.....	59
Tabela 5	Critérios de Atendimento 2013 – PNBE Periódicos - Educação Infantil, Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio	60

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALPAC	Associação Latino-Americana de Pesquisa e Ação Cultural
CEALE	Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.
ECT	Empresa de Correios e Telégrafos
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FAE	Fundação de Assistência ao Estudante
FAE/UFMG	Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira
IPT	Instituto de Pesquisas Tecnológicas
LPP	Laboratório de Políticas Públicas
MEC	Ministério da Educação
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
PNBE	Programa Nacional Biblioteca na Escola
PNSL	Programa Nacional Salas de Leitura
PROLER	Programa Nacional de Incentivo à Leitura
SEB	Secretaria de Educação Básica
TIC	Tecnologia de Informação e Comunicação
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UMElS	Unidades Municipais de Educação Infantil (Belo Horizonte)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A LEITURA	19
2.1	A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA	22
2.2	PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DAS BIBLIOTECAS	24
2.3	AS BIBLIOTECAS ESCOLARES NO BRASIL.....	27
2.4	O QUE DIZEM AS PESQUISAS	30
2.5	MATERIALIDADES CONTEMPORÂNEAS DA LEITURA	33
2.6	O PERFIL DOS NOVOS LEITORES.....	37
2.7	A MEDIAÇÃO DE LEITURA E O PERFIL DO PROFISSIONAL RESPONSÁVEL PELA BIBLIOTECA ESCOLAR	40
3	PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA NA ESCOLA (PNBE)	46
3.1	CONCEPÇÃO	48
3.2	EXECUÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO.....	50
3.3	DADOS NUMÉRICOS	57
3.4	CRITÉRIOS DE ATENDIMENTO ÀS ESCOLAS.....	59
3.5	DINAMIZAÇÃO DOS ACERVOS	60
3.6	AVALIAÇÃO DO PROGRAMA	64
4	A REALIDADE DA BIBLIOTECA ESCOLAR NA ESCOLA SELECIONADA	68
4.1	PERCURSO INVESTIGATIVO	68
4.1.1	A pesquisa	68
4.1.2	A aplicação dos instrumentos de pesquisa	70
4.2	ESTRUTURA FÍSICA E ACERVOS	71
4.2.1	A biblioteca escolar	76
4.2.1.1	Estrutura da Biblioteca.....	77
4.2.1.2	Atividades da biblioteca.....	80
4.2.1.3	Projetos de Leitura	82
4.2.1.4	Acervos	84
4.3	RECURSOS HUMANOS.....	87
4.4	RELACIONAMENTO COM DOCENTES	90
5	FORMAÇÃO DE LEITORES NO ESPAÇO DA BIBLIOTECA ESCOLAR: A CONSTRUÇÃO DE PORTFÓLIOS	93

6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	160
	REFERÊNCIAS	162
	APÊNDICES	166
	ANEXOS	180

1 INTRODUÇÃO

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Bíblia (João 1:1)

A palavra, em todos os tempos, sempre teve grande significado para a humanidade. A citação bíblica, em epígrafe, exemplifica o grandioso valor que era, e ainda é, conferido à palavra, sendo comparada a Deus, que, no contexto bíblico, significa sabedoria. Deus é sabedoria; portanto, quem domina a palavra possui sabedoria. A leitura, enquanto viabilizadora da significação da palavra, adquire essa valoração.

A motivação que suscita a presente pesquisa consiste no meu¹ desejo de aprofundar os estudos relacionados à leitura, à biblioteca escolar e às ações de mediação de leitura que esse espaço pode inspirar.

Em princípio, a escolha do tema se dá pela familiaridade que possuo com a escola pública, enquanto aluna e, hoje, educadora da rede municipal de ensino. Por isso, vejo na escola um espaço de transformação da realidade. A biblioteca pública foi o espaço em que tive minhas primeiras experiências literárias de forma autônoma. Nesse caso, não se tratava da biblioteca escolar, em virtude da escassez de obras naquela instituição, mas da biblioteca pública municipal, que era maior, com mais livros, na qual transitava sem pressa pelas estreitas e geladas prateleiras à procura de algum título que despertasse meu interesse.

Nesses momentos, não havia a mediação de alguém mais experiente nas questões literárias que me ajudasse na escolha dos livros; então, esse passeio durava muito tempo. Demorava-me na leitura das primeiras páginas, das abas, dos resumos ao final da obra, interessava-me por algum título, desinteressava-me, voltava a interessar-me por outro e, assim, passavam-se as horas. Esse movimento, algumas vezes, não era bem visto pelos bibliotecários que, com seus olhos atentos, em certos momentos, interrompiam-me indagando: “já escolheu?” ou ainda manifestavam: “como é indecisa!”. A partir daí, uma dessas obras era escolhida e iniciava-se uma nova viagem por um mundo ainda a ser descoberto.

Momentos iguais a esse se repetiram por muito tempo, mas a ansiedade ao folhear um novo livro e aquele frio na barriga permanecem até hoje. A biblioteca era o lugar do refúgio, do novo e teve grande influência na minha vida pessoal e profissional. Por isso, escolhi olhar com mais atenção para esse espaço tão peculiar.

Enquanto professora da área de Letras e atuante na escola pública, *corpus* desta pesquisa, optei por investigar a biblioteca escolar, que está mais acessível aos estudantes, e os

¹ Nesse momento, tomo a liberdade de usar a primeira pessoa para referir-me às causas pessoais que motivaram a presente pesquisa.

atores que dela fazem parte, com atenção principal ao docente responsável pela biblioteca escolar, por ser esse profissional que está diariamente em contato com os estudantes, tem o conhecimento dos acervos e possui a capacidade, em parceria com a direção, de transformar esse espaço em um ambiente de aprendizagem, numa perspectiva de um centro cultural multimídia.

Considero que meu olhar de profissional da área de Letras e docente empenhada em desenvolver práticas de leitura, que possibilitem aos estudantes o acesso aos diversos materiais, com o auxílio de novos suportes, pode contribuir positivamente na elaboração dessa pesquisa e na proposição de atividades que despertem o gosto pela leitura no espaço escolar e fora dele..

Inúmeros estudos² já embasaram teses a respeito da importância da leitura, comprovando quanto o ser humano desenvolve sua criticidade e sua reflexão sobre o mundo ao se apropriar dos conhecimentos transmitidos pela leitura e construídos a partir dela. O ato de ler é a forma mais profunda de construção do pensamento abstrato; por isso, quem lê tende a tornar-se um ser crítico e atuante na sociedade. Tem-se, então, a leitura como essencial na construção do indivíduo, fazendo-o compreender com mais lucidez o mundo social, o passado, o ser humano e a si mesmo³.

Entende-se que o estímulo à leitura literária deva iniciar na infância, quando os pais ou cuidadores proporcionam às crianças o contato com a cultura e sua participação nesse processo, por meio da contação de histórias, das obras literárias, cantigas, artes plásticas, teatros, fazendo com que a criança interaja com esses objetos, amplie seus horizontes e faça fluir sua imaginação. Atividades como essas são essenciais para um futuro leitor.

Contudo, o que percebemos, atualmente, é um cenário no qual há falhas no processo de letramento literário na família, tornando-se a escola uma importante mediadora no processo de promoção da leitura para crianças e adolescentes, por meio de experiências que o levem a lidar melhor com as imprevisibilidades das situações exigidas pela vida social⁴.

No contexto da escola, a biblioteca escolar e seus atores constituem-se como importantes protagonistas na formação social dos sujeitos, pelas possibilidades educativas e culturais que podem permitir mediante a dinamização de seus acervos e da ação docente.

Esta pesquisa, cujo tema é a biblioteca escolar como espaço de formação de leitores, propõe um estudo acerca da dinamização do acervo literário do Programa Nacional Biblioteca

² Chartier (1999, 2002, 2007, 2010, 2014), Silva (1986, 1996, 2009), Lajolo e Zilbermann (2009), Rösing (1996, 2001, 2009, 2011).

³ Chartier (2014).

⁴ Lajolo (2009).

na Escola (PNBE) 2013, pela mediação docente no espaço da biblioteca escolar de uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Passo Fundo, RS.

O Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) faz parte de uma política pública de formação de leitores, promovido pelo governo Federal, por intermédio da Secretaria da Educação Básica (SEB/MEC) e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), o qual vem, historicamente, buscando garantir o acesso dos estudantes das escolas públicas a obras literárias de qualidade. O Programa visa distribuir gratuitamente a todas as escolas públicas do país, da Educação Infantil ao Ensino Médio, obras literárias de referência e periódicos, como forma de desenvolver a leitura na escola.

Compreendendo o grande investimento do PNBE na escola e a dimensão que a biblioteca escolar possui no processo de formação de leitores, percebemos a importância de pesquisar medidas de dinamização do acervo literário desse Programa, pois, conforme relatam algumas pesquisas⁵, esses livros não são utilizados de forma eficaz na formação literária dos estudantes.

A relevância deste estudo está nas contribuições que serão apresentadas à escola, como alternativas de ressignificação dos espaços e utilização de textos literários a partir da ação do docente responsável. Pretendemos colaborar com professores e alunos no sentido de projetar mudanças necessárias à biblioteca escolar e às vivências literárias da escola.

A questão que norteia este estudo assim se configura: como dinamizar o acervo literário do PNBE 2013 existente na biblioteca, a partir do trabalho docente e da organização do espaço na perspectiva de um centro cultural multimídia? Tendo em vista a questão norteadora, as hipóteses estabelecidas são: 1) diversidade de acervos no espaço da biblioteca escolar é garantia de formação do leitor; 2) convergência de acervos do PNLD e do PNBE demonstra o potencial da biblioteca escolar no processo de formação de leitores; 3) professor(es) responsável(is) por bibliotecas escolares estão dispensados de comportamentos leitores e de atuar como mediadores de leitura; 4) a dinamização do acervo literário do PNBE 2013, por intermédio do docente e a organização do espaço na perspectiva de um centro cultural multimídia, pode contribuir para despertar o interesse dos educandos para a leitura literária e para a ampliação de seu universo cultural.

O objetivo geral desta investigação visa ressignificar a utilização do espaço e a mediação de leitura na biblioteca escolar, por intermédio da dinamização do acervo literário do PNBE 2013, objetivando a formação de leitores críticos, reflexivos e atuantes na sociedade, com atividades voltadas aos educandos dos anos finais do ensino fundamental.

⁵ Pereira (2011), Montuani (2012) e Cirino (2015).

O processo de pesquisa compreendeu os seguintes objetivos específicos: 1) observar o espaço da biblioteca escolar identificando o acervo em questão e sua utilização por professores e alunos; 2) analisar o perfil leitor necessário aos professores responsáveis por bibliotecas escolares e de docentes que atuam nos anos finais do ensino fundamental; 3) propor atividades de mediação leitora e de ampliação do universo cultural dos educandos, a partir da dinamização do acervo do PNBE 2013 e do uso de distintos materiais e suportes; 4) elaborar portfólios em suporte impresso e digital e implementá-los na biblioteca escolar para orientar o processo de formação do leitor entre professores responsáveis por bibliotecas escolares e alunos; 5) estimular os sujeitos a vivenciar novas experiências de leitura, ampliando o universo cultural.

A pesquisa está organizada em quatro capítulos – além desta introdução. O primeiro consiste de uma revisão de literatura, considerando as principais referências em relação às questões da leitura e da formação de leitores na escola, seguindo princípios defendidos por Chartier (1999, 2002, 2007, 2010, 2014, 2016), Silva (1986, 1996, 2009), Zilbermann (2009). Consideramos as recentes pesquisas sobre os hábitos leitores dos brasileiros (Retratos de Leitura e PISA) e a análise de Failla (2012). Na sequência (1999), as questões do ciberespaço, da cibercultura e os diferentes suportes de leitura disponíveis aos leitores. Cool (2010), por sua vez, faz referência à importância das tecnologias de informação e comunicação e sua repercussão no processo de ensino e aprendizagem. Vislumbramos, na sequência, o protagonismo e os novos perfis de leitores, preconizados por Santaella (2004, 2013). Ao final do capítulo, abordamos a importância da mediação de leitura pelo docente e o perfil do mediador de leitura na biblioteca escolar, de acordo com os estudos de Rösing (1996, 2001, 2009, 2011), Santos (2009) e Silva (2009).

No segundo capítulo, apresentamos o Programa Nacional Biblioteca na Escola, sua concepção, formas de execução e implementação, bem como os dados numéricos que demonstram o investimento que o governo federal tem importado ao Programa e os critérios de atendimento às escolas. Fazemos, ainda, uma referência aos documentos oficiais da Política de Formação de Leitores, os objetivos desse documento e seus desdobramentos em ações, inclusive das ações de fomento à leitura que antecederam o PNBE. Delineamos as principais fragilidades do Programa, segundo algumas pesquisas já realizadas por Pereira (2011), Montuani (2012) e Cirino (2015), no âmbito do conhecimento do Programa, por parte dos docentes e da distribuição dos acervos às escolas.

O terceiro capítulo é dedicado à apresentação da escola e da biblioteca *corpus* desta pesquisa, primeiramente, trazendo uma perspectiva histórica das bibliotecas da antiguidade e

das bibliotecas escolares no Brasil e, na sequência, expondo a estrutura física e os acervos que compõem esse espaço, as ações que nele se desenvolvem, os recursos humanos que a escola disponibiliza para atender à demanda da biblioteca e os resultados obtidos na aplicação do instrumento de pesquisa junto aos docentes, buscando traçar um perfil de espaço diferenciado para a formação de leitores na escola, bem como do perfil do profissional responsável, enquanto leitor e mediador de leitura.

Como proposta de intervenção, no quarto capítulo, apresentamos o conjunto de portfólios de práticas leitoras para os estudantes e para o docente responsável pela biblioteca escolar, utilizando obras literárias do PNBE 2013, destinadas ao Ensino Fundamental.

A pesquisa tem como *corpus* a biblioteca de uma escola pública municipal do município de Passo Fundo, pertencente à comunidade dos bairros Hípica e Valinhos, onde a pesquisadora exerce a docência. A escola atende à comunidade há mais de 20 anos e conta com, aproximadamente, 800 alunos, 40 professores e 15 funcionários. Além da biblioteca escolar, o objeto de estudo abrange o acervo literário do PNBE do ano de 2013, a partir do qual são propostas atividades de práticas leitoras.

Para alcançar os objetivos propostos, o trabalho de pesquisa caracteriza-se como bibliográfico e exploratório. Ainda, os procedimentos técnicos podem ser entendidos como uma pesquisa-ação, os quais procuram estabelecer uma relação com uma ação ou um problema coletivo⁶. A abordagem foi qualitativa, cujo ambiente natural é fonte direta para a interpretação de fenômenos e atribuição de significados⁷.

O ponto culminante da pesquisa consiste na construção de portfólios para o docente que atua como responsável pela biblioteca escolar e outro para alunos dos anos finais do Ensino Fundamental – 6º a 9º anos – em meio impresso e digital, o qual abordará três aspectos: 1) proposta de resignificação dos ambientes que constituem a biblioteca escolar; 2) perfil desejável do profissional responsável pela biblioteca; 3) atividades de leitura a serem desenvolvidas pelo professor responsável pela biblioteca, com foco no acervo do PNBE 2013, para uso interno dos usuários e para leitura extensiva.

O conjunto de portfólios constitui um guia para que a biblioteca escolar possa se transformar em um espaço de promoção à leitura, através da dinamização do acervo literário do PNBE 2013, por intermédio do docente responsável pela biblioteca, e da organização do espaço, na perspectiva de um centro cultural multimídia, contribuindo para despertar o interesse dos educandos para a leitura literária e, conseqüentemente, para a ampliação de seu universo cultural.

⁶ Prodanov e Freitas (2009).

⁷ Prodanov e Freitas (2009).

Por fim, destacamos um espaço para as considerações finais, nas quais refletimos sobre a análise dos dados e das atividades de leitura propostas para a biblioteca da escola. Verificamos, igualmente, as contribuições que este estudo e suas propostas podem trazer às bibliotecas escolares da rede municipal de Passo Fundo e aos docentes engajados na formação de leitores.

2 A LEITURA

Este capítulo aborda os conceitos de leitura e sua importância para a formação pessoal e escolar dos sujeitos. Em suas seções, observamos alguns resultados de pesquisas brasileiras em relação à leitura, recentemente realizadas, os diferentes materiais de leitura multimídia disponíveis aos leitores e, igualmente, os novos perfis e necessidades dos leitores. Além disso, tece considerações sobre a mediação de leitura na biblioteca escolar, o perfil realizado e o perfil desejável do profissional responsável por esse espaço.

De acordo com Chartier (2014, p. 21), a leitura “é uma prática essencial para compreender com mais lucidez o mundo social, o passado, o ser humano e, finalmente, a si mesmo.” Ler promove o exercício da cidadania, a emancipação do sujeito, o pensamento crítico, a abertura ao conhecimento e à diversidade do mundo. Ainda, para Chartier (2014, p. 21), “não saber ler é uma forma de exclusão social que deixa o indivíduo totalmente desprovido frente às exigências burocráticas ou às necessidades de comunicação.” Assim, o sujeito leitor, ao se apropriar da leitura, cria subsídios para melhor se relacionar com a sociedade, com as pessoas, com a escola e consigo.

É pela leitura que o ser humano compreende o mundo no qual está inserido. Ao desenvolver experiências de leitura, o leitor concebe a realidade que o rodeia e atribui significados ao discurso, compreendendo os horizontes inscritos na obra de determinado autor. Conforme Silva (1996, p. 43), “o compreender deve ser visto como uma forma de ser, emergindo através das atitudes do leitor diante do texto, assim como através do seu conteúdo.” Nesse sentido, não basta ao leitor somente decodificar os signos durante a leitura, mas, a partir do texto, buscar transformá-lo e, ao mesmo tempo, transformar-se.

Ao mesmo tempo, Chartier (2010, p. 34), ao debater a questão da cultura, refere a leitura como integrante das “práticas comuns através das quais uma sociedade ou um indivíduo vivem e refletem sobre sua relação com o mundo, com os outros ou com eles mesmos.” Nessa perspectiva, cultura e linguagem estão intimamente ligadas, de modo que a linguagem é um produto social, fruto das experiências individuais e coletivas dos homens em sociedade, representando, assim, suas experiências sociais e culturais.

Consoante Zilbermann (2009, p. 27), “seja no âmbito coletivo, seja no plano individual, a conquista da habilidade de ler é, simultaneamente, o primeiro passo na direção da liberdade, de uma parte e de outra, para a assimilação dos valores da sociedade.” Nesse sentido, o ato de ler é considerado uma atividade libertadora, pois confere ao indivíduo mecanismos e ferramentas para entender a sociedade e interferir em seu interior.

Silva (1986, p. 49) faz uma importante constatação em relação ao poder que a leitura tem de libertar o sujeito das amarras sociais, conscientizando-o de seu potencial, da necessária autonomia de pensamento e de ações, afirmando que

ler é, numa primeira instância, possuir elementos de combate à alienação e ignorância. [...] dominar o mecanismo da leitura e ter acesso àqueles livros que falam criticamente e a respeito da estrutura hierárquica, ditatorial e discriminatória, da estrutura, enfim, injusta da nossa sociedade é ser capaz de detectar aqueles aspectos que, através das manobras ideológicas servem para alienar, massificar e forçar o povo a permanecer na ignorância. Dessa forma, a pessoa que sabe ler e executa essa prática social em diferentes momentos de sua vida tem a possibilidade de desmascarar os ocultamentos feitos e impostos pela classe dominante, posicionar-se frente a eles e lutar contra eles. Mais especificamente, o ato de ler se constitui num instrumento de luta contra a dominação.

O sujeito leitor, portanto, mediante a leitura, adquire melhores subsídios para compreender as estruturas sociais e ideológicas, impedindo tornar-se manipulável, posicionando-se criticamente em relação às manobras das classes dominantes.

Silva (1986, p. 10) é enfático quando defende que

o combate ao desgosto pela leitura da palavra começa pela compreensão crítica dos mecanismos e das manobras que vêm sendo acionados com o objetivo de manter o povo brasileiro na ignorância e na alienação. O pão da leitura se movimenta lentamente devido aos peões e pelegos que, inocentemente ou inconscientemente, continuam a ideologia existente.

Nesse sentido, a leitura, além de desenvolver no sujeito o pensamento crítico, tem o poder de transformar a realidade a partir das transformações do próprio sujeito. Pressupõe-se que a formação literária do sujeito tem sua deflagração no grupo social primário da sociedade, a família. É na família que o indivíduo deveria ter suas primeiras experimentações literárias, nas quais tem a oportunidade de significar as narrativas orais contadas pelos pais ou avós e dar os primeiros passos pelo caminho das letras. É nesse contexto que tem início uma jornada na vida dos leitores, a qual se complementa no ambiente escolar, observando-se a finalidade da escola.

Esse processo é, em tese, o que desejamos em termos de domínio da leitura. Contudo, observamos que, em grande parte da nossa sociedade, principalmente nas áreas mais deficitárias, esse caminho é rodeado de imperfeições. As famílias têm pouco acesso aos livros e quase nenhuma orientação sobre a importância do estímulo à leitura precoce. Esse fato atribui à escola a responsabilidade de desenvolver nas crianças e adolescentes o gosto pela

leitura, por meio de práticas leitoras e acesso a livros de qualidade, levando em conta as diversidades culturais e as novas tecnologias.

De acordo com Chartier (2007, p. 24),

é papel da escola incentivar a relação dos alunos com um patrimônio cultural cujos textos servem de base para pensar a relação consigo mesmo, com os outros e o mundo. É preciso tirar proveito das novas possibilidades do mundo eletrônico e ao mesmo tempo entender a lógica de outro tipo de produção escrita que traz ao leitor instrumentos para pensar e viver melhor.

A escola é, portanto, o ambiente em que grande parte dos educandos tem acesso, pela primeira vez, ao mundo letrado das movimentações culturais, no qual há troca de experiências, em que o aluno pode exercitar sua visão crítica, mantendo contato com a leitura literária, com o teatro, com o cinema, com as artes plásticas e com as demais produções culturais, bem como pode ter acesso aos ambientes virtuais de leitura e interação. As experiências vividas pelos alunos no ambiente escolar têm o objetivo de prepará-lo para o convívio em sociedade.

Lajolo (2009, p. 104) colabora com a questão ao referir que

o espaço escolar é um espaço no qual textos têm uma circulação programada, experimental. Acredito que as experiências de leitura que a escola deve patrocinar precisam ter como objetivo capacitar os alunos para que, fora da escola, lidem competentemente com a imprevisibilidade das situações de leitura (no sentido amplo e no restrito da expressão) exigidas pela vida social.

Constatamos, no entanto, que as vivências sociais dos jovens têm sido mais influenciadoras de seus usos, costumes, comportamentos do que a escola. Com esses propósitos, observamos a importância de buscar soluções e estratégias para desenvolver o hábito, transformá-lo em comportamento de leitura ao lado do prazer que essa atividade propicia aos alunos. A busca por formar leitores na escola é um esforço de caráter interdisciplinar, que envolve toda a estrutura da escola.

Para Zilbermann (2009, p. 26), escola e leitura se relacionam, pois

a escola é um elemento de transformação que não pode ser negligenciado. E este fator relaciona-se especialmente com a leitura, o que é sugerido, em uma primeira instância, pelas políticas educacionais das nações emergentes: ao conquistarem sua emancipação, desencadeiam programas de alfabetização em massa, por meio de campanhas patrocinadas pelo Estado, sobretudo quando este se proclama de extração popular.

Percebemos, em Lajolo e Zilbermann, uma convicção do papel da escola na formação do leitor, embora justifiquem esse compromisso com certa dúvida em relação ao que realmente acontece no espaço escolar. Desse modo, a escola pode interferir de forma fundamental no processo de desenvolvimento intelectual e crítico do ser humano. Conforme Silva (1986), a leitura crítica é a condição para a educação libertadora, a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas. A proximidade da escola permite observar as dificuldades de os professores alcançarem esse objetivo, especialmente se não podem se considerar leitores literários.

2.1 A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

Ações de leitura na escola atual não passam pela leitura literária. A escola, muitas vezes, explora a leitura literária, desvinculando-a das preferências e das expectativas dos estudantes. A literatura está, na maioria dos currículos escolares, presa ao estudo de estilos ou períodos literários sem o contato e a familiaridade com o que entendemos por literariedade, subjugando os alunos à obra literária, subjugando os alunos à leitura de fragmentos isolados constantes nos livros didáticos.

De acordo com Todorov (2009),

o leitor não profissional, tanto hoje quanto ontem, lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre as sociedades a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo. O conhecimento da literatura não é um fim em si mesmo, mas uma das vias régias que conduzem à realização pessoal de cada um. O caminho tomado atualmente pelo ensino literário, que dá as costas a esse horizonte (“nesta semana estudamos metonímia, semana que vem passaremos à personificação”), arrisca a nos conduzir a um impasse - sem falar que dificilmente poderá ter como consequência o amor pela leitura.

Nesse sentido, a literatura, enquanto dimensão que permite ao leitor entender com mais clareza o mundo que o rodeia e a si mesmo, não deve ser concebida de forma reducionista. Todorov (2009, p. 41) refere que “o que se destina a todos é a literatura, não os estudos literários”; dessa forma, o que deve prevalecer é a interação direta com a obra literária e não somente com estudos sobre ela.

A literatura permite o encontro de diversas formas de arte ou conhecimento, possibilitando infinitas formas de experiências humanas. Nesse sentido, Antônio Candido (2004) percebe a literatura como fator de humanização, o que determina a necessidade de

valorizar o ensino da literatura, em todos os níveis da escolaridade, por meio da leitura do texto literário, como requisito fundamental à formação de leitores e à formação humana desses leitores, aspecto principal na relação entre literatura e ensino.

Humanização, de acordo com Candido (2004, p. 180), constitui

o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

Assim, a literatura é indispensável à humanização, tornando-se um direito necessário para o equilíbrio entre homem e sociedade. De acordo com Zilberman (1985), o texto literário pode desencadear com eficiência um novo pacto entre o jovem e o texto, estimulando uma vivência singular com a obra, visando ao enriquecimento pessoal do leitor, sem finalidades de cobrança. Assim, perceber a multissignificação do texto literário não deve ser privilégio de alguns, mas uma experiência de todos. A literatura possibilita ao sujeito uma transformação em relação ao mundo e a si mesmo.

Em relação à literatura no contexto escolar, Ramos (2013, p. 13) defende que

o livro pode desempenhar um papel fundamental na vida da criança, ao atuar como intermediário entre ela e o mundo, a fim de estimular interesses do leitor e despertarlhe diferentes aspectos do mundo que o rodeia. O objeto da literatura é, pois, a ação humana possível e, em sentido amplo, a literatura não pré-determina seu público; contudo a linguagem empregada direciona-se a determinado grupo de prováveis leitores.

Nesse sentido, é essencial que a escola perceba a importância de oferecer o contato direto dos estudantes, desde as etapas iniciais, com a obra literária, de boa qualidade e adequada à faixa etária, de maneira que privilegie ao leitor realizar as significações do texto literário.

Nesse contexto, consideramos que o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), cujo acervo literário é objeto de estudo desta pesquisa, faz parte de uma política pública federal, contribuindo de forma importante para a visualização e o contato dos estudantes com obras literárias de qualidade no espaço da biblioteca escolar.

É necessário lembrar que os acervos enviados pelo governo federal para uso de alunos e professores são disponibilizados no espaço da biblioteca cuja importância e histórico de sua evolução precisam ser conhecidos.

2.2 PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DAS BIBLIOTECAS

As bibliotecas são instituições que surgiram anteriormente ao surgimento dos livros, no formato como o conhecemos na atualidade. Na Idade Antiga já existiam bibliotecas, que eram locais próprios para a preservação da escrita, a qual tinha como suportes tabuletas de argilas, rolos de papiros ou pergaminhos.

Por esse motivo, consideramos importante trazer informações sobre as bibliotecas relevantes na antiguidade, para perceber a importância dessas instituições milenares para a constituição das bibliotecas na atualidade.

De acordo com Martins (1996), o que variou foram as matérias que recebiam a escrita, até chegarmos ao livro como hoje conhecemos. No entanto, as bibliotecas sempre mantiveram o mesmo funcionamento, natureza e finalidades. “A biblioteca foi assim, desde os seus primeiros dias até aos fins da Idade Média, o que o seu nome indica etimologicamente, isto é, um depósito de livros.” (MARTINS, 1996, p. 71). Nesse sentido, desde a Antiguidade, o formato e as finalidades das bibliotecas da Antiguidade possuem uma uniformidade e seguem reproduzidos em grande parte das bibliotecas atuais.

As bibliotecas de grande destaque da Antiguidade foram as Bibliotecas de Nínive, Alexandria e Pérgamo. A Biblioteca de Nínive localizava-se no palácio de Assurbanípal, em Nínive, cidade que foi a capital do Império Assírio e é considerada a primeira biblioteca da história, construída durante o reinado de Assurbanipal II, no século VII a.C. Consideramos que Sir Austen Henry Layard (1817-1894), arqueólogo britânico, tenha sido o descobridor da Biblioteca de Nínive por volta de 1849, quando iniciou uma expedição para investigar as ruínas da Babilônia.

O acervo da biblioteca contava com, aproximadamente, 25 mil placas de argila contendo textos em escrita cuneiforme – alguns apresentados em duas línguas: sumério e em acádio. Tais escritos versavam sobre assuntos que eram a fonte de preocupação e estudo na época e apresentavam textos sobre geografia, matemática, astrologia, medicina, religião e leis, além de servirem como manuais de exorcismo e de presságio. Apresentavam também alguns relatos de aventuras. Dos textos mais famosos da Biblioteca de Nínive encontra-se parte da Epopeia de Gilgamesh e a placa Vênus de Ammisaduqa, com previsões astrológicas. Atualmente o acervo de placas de argila está localizado no Museu Britânico, em Londres.

Na sequência, a reprodução de como seria a Biblioteca de Nínive e a imagem de uma placa de argila, pertencente ao Museu Britânico.

Ilustração 1 – Biblioteca de Nínive



Fonte: Google

Ilustração 2 – Tabuleta de argila



Fonte: Blog Biblioinstrucción

A Biblioteca Real de Alexandria ou Antiga Biblioteca de Alexandria foi uma das maiores bibliotecas do mundo antigo, desenvolveu-se com o amparo da dinastia ptolemaica e existiu até a Idade Média, quando supostamente foi totalmente destruída por um incêndio cujas causas são controversas.

A famosa biblioteca continha praticamente todo o saber da Antiguidade, em cerca de 700 mil rolos de papiro e pergaminhos. Seu lema era “adquirir um exemplar de cada manuscrito existente na face da Terra”.

Acredita-se que a biblioteca foi fundada no início do século III a.C., concebida e aberta durante o reinado do faraó Ptolemeu I Sóterou durante o de seu filho Ptolomeu II. Como homenagem, foi erguida e inaugurada em 2002 uma cópia da biblioteca original, a Bibliotheca Alexandrina, próxima ao local da antiga biblioteca.

Na sequência, a imagem das ruínas da antiga Biblioteca de Alexandria e a imagem externa da Nova Biblioteca de Alexandria.

Ilustração 3 – Ruínas da Antiga Biblioteca de Alexandria



Fonte: vanialina.blog.br

Ilustração 4 – Nova Biblioteca de Alexandria



Fonte: www.vanialina.blog.br

A Biblioteca de Pérgamo, localizada onde hoje é a Turquia, foi uma das mais importantes bibliotecas do mundo antigo e um dos maiores centros da cultura helenística grega. Na Antiguidade, era a segunda em importância depois da Biblioteca de Alexandria. Ambas competiram, durante certo período de tempo, tanto em qualidade quanto em número de volumes.

Acredita-se que a Biblioteca de Pérgamo abrigava, aproximadamente, 200.000 volumes, segundo os escritos de Plutarco. Construída por Eumenes II e situada no extremo norte de sua acrópole, que se tornou uma das mais importantes bibliotecas antigas. Conforme a lenda, Marco Antônio deu a Cleópatra como um presente de casamento todos os 200.000 volumes de Pérgamo para o acervo da Biblioteca de Alexandria, esvaziando as prateleiras da Biblioteca de Pérgamo. As obras eram escritas em rolos de pergaminho e armazenadas em prateleiras. Ainda, nesta biblioteca, foram guardados os manuscritos do filósofo Aristóteles como um grande tesouro durante mais de um século sem edições ou novas publicações.

A seguir, a imagem das ruínas da Biblioteca de Pérgamo, na atual Turquia.

Ilustração 5 – Ruínas da Biblioteca de Pérgamo.



Fonte: História... (2011)

2.3 AS BIBLIOTECAS ESCOLARES NO BRASIL

Após a retomada histórica das bibliotecas da Antiguidade, este espaço apresenta a história das bibliotecas escolares no Brasil. Essas instituições têm sua origem nas escolas de ordem religiosa, especialmente com a chegada dos jesuítas, por volta de 1549, liderados por Manuel da Nóbrega, cuja finalidade era catequizar índios e camponeses. De acordo com Carvalho Silva (2011), “pode-se afirmar que a relação entre biblioteca escolar e o contexto escolar e educativo esteve diretamente relacionada a uma instituição: a igreja.” As bibliotecas escolares jesuíticas que mais se destacaram, com relação à estrutura física, acervo e a presença de profissionais, considerados intelectuais, para gerenciar as atividades da biblioteca, estavam localizadas em Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Maranhão, Pernambuco (Olinda e Recife) e Pará (CARVALHO SILVA, 2011).

Além dos jesuítas, outras denominações religiosas chegaram ao Brasil, instituíram seus colégios, estruturaram suas bibliotecas escolares e formaram acervo de acordo com seus métodos de atuação e ideologia.

A colaboração das escolas religiosas na estruturação das bibliotecas escolares aconteceu até o final do século XVIII, quando iniciou seu declínio. De acordo com Carvalho Silva (2011, p. 493),

a decadência dos conventos em decorrência da censura introduzida por Pombal, fez com que grande parte do acervo das bibliotecas fosse abandonado e, por conseguinte, perdido por causa da umidade e dos insetos. Esses aspectos foram mais intensos nas bibliotecas de conventos localizados em cidades tropicais, devido ao clima quente e úmido, principalmente do Norte e Nordeste brasileiros. Outro fator preponderante para a essa destruição foi a falta de pessoal para cuidar do acervo.

Contudo, com a decadência dessas escolas, surgem outras escolas que, apesar da influência religiosa, estavam voltadas ao ensino dos estudantes. A marca inicial do ensino de São Paulo foi a criação da biblioteca escolar George Alexandre, do Mackenzie College, em 1886.

A biblioteca escolar ganha uma nova configuração no final do século XIX e início do século XX, especialmente em colégios privados, que buscavam instituir métodos educativos com ênfase religiosa, uma vez que lá estudava a elite brasileira, portanto, com grande aparato estrutural, tanto de infraestrutura quanto de acervo.

De acordo com Carvalho Silva (2011, p. 494),

Esse aparato religioso dado à biblioteca escolar, construído desde o século XVI, tem duas situações complementares que influenciam a sua realidade atual: a primeira é de que ela seria acessível essencialmente a um público com *status* econômico e social mais elevado, principalmente ao dos colégios particulares; e, a segunda é que a ideia de biblioteca escolar está amplamente concatenada à percepção religiosa.

Nesse sentido, a biblioteca escolar era considerada mais uma biblioteca especializada, pelo acervo de materiais para estudos religiosos e científicos, cujo objetivo era aprimorar os conhecimentos das pessoas que iriam catequizar índios e camponeses.

De acordo com Castro (2000), é a partir da década de 70 do século XIX que a biblioteca escolar das grandes escolas privadas, que enfatizavam as doutrinas católica e protestante, começa a adquirir a noção que tem hoje.

Nesse momento, observa-se uma tendência de expandir a biblioteca escolar para as demais instituições escolares, principalmente as públicas. Contudo, de acordo com Carvalho Silva (2011, p. 495), “nessa tentativa menospreza-se o potencial educativo e informacional da biblioteca escolar, predominando nela, ainda hoje, a composição de um espaço qualquer com livros de qualquer natureza, dentro da escola.” Nesse sentido, expandir as bibliotecas escolares para a rede pública sem equipá-las de acervo, equipamentos e profissionais adequados para atuar junto ao espaço não se configura em uma ação educativa eficaz na tarefa de promover a leitura e o conhecimento.

No século XX, a partir das reformas educacionais, a biblioteca escolar conquista um novo patamar no ambiente educativo. Carvalho Silva (2011, p. 495-496) defende que “a biblioteca escolar, nas décadas de 30 e 40 do século XX está incluída nesse processo de reforma educacional, principalmente construindo uma valorização educativa e de estímulo ao processo de ensino-aprendizagem, tendo como finalidade prioritária a intensificação do gosto pela leitura.” Assim, esse espaço de aprendizagem começa a adquirir novo perfil e novos

objetivos pedagógicos passam a ser almejados, o que implica valorização do espaço, do acervo e da atuação junto à comunidade escolar.

A partir da década de 80, iniciativas de fomento à criação, manutenção e desenvolvimento de bibliotecas escolares tiveram evidência. Destacamos a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), que consideram a biblioteca escolar um espaço de estímulo à leitura e ao aprendizado. Enfatizamos, igualmente, a criação do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) em 1997, foco deste estudo, que distribui acervos literários e de formação docente a todas as escolas públicas do país.

Em nível estadual, é importante salientar o Indicador 33/80, elaborado pelo Conselho Estadual de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, o qual visa indicar ao Sistema Estadual de Ensino medidas para a organização e o funcionamento de bibliotecas nas escolas. De acordo com o documento,

em face da necessidade da oferta de modalidades mais flexíveis de educação, impõe-se que a biblioteca escolar se constitua em oportunidade para desenvolver habilidades de estudo independente, para aquisição personalizada de conhecimentos, para cultivo de áreas de interesse individual, além de manter o tradicional papel de suporte ao ensino de diferentes disciplinas do currículo. Instituída a serviço da educação formal, a biblioteca escolar serve, portanto, como ponte para a educação não formal e permanente. (RIO GRANDE DO SUL, 1980, p. 1).

Nesse sentido, de acordo com o Indicador, configura-se a biblioteca escolar como um verdadeiro laboratório de aprendizagem, disponibilizando acervos adequados, como materiais para pesquisa às diferentes disciplinas, mas também acervos não formais que possibilitem o desenvolvimento do gosto pela leitura e pela literatura.

Igualmente, em 1994, uma significativa ação em relação às bibliotecas foi o lançamento do documento Manifesto da Unesco para a Biblioteca Pública, elaborado em conjunto com a Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Bibliotecas (IFLA), cujo objetivo é proclamar as instituições Bibliotecas Públicas como essenciais à promoção da paz e do bem-estar espiritual da humanidade.

A mais recente iniciativa, do ano de 2010, foi a promulgação da Lei 12.244, a qual dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país. O documento garante que todas as instituições de ensino públicas e privadas do país contarão com bibliotecas escolares e que o acervo deverá compreender, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação desse acervo (BRASIL, 2010).

Contudo, observamos que o investimento na biblioteca escolar da rede pública de ensino não se efetiva satisfatoriamente e de acordo com as diversas ações e iniciativas governamentais. Há, nas instituições de ensino, deficiências em termos de composição e dinamização de acervos, equipamentos, estrutura física e, principalmente, formação de recursos humanos.

Embora haja uma preocupação quanto ao funcionamento da biblioteca escolar, como demonstram as orientações do Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul, não existe biblioteca em muitas escolas brasileiras. Em outras, elas são espaços desprezados, cumprindo mais a função de depósito de livros e de materiais diversos do que de um ambiente pedagógico que promova a informação, o letramento e a fruição. Enfim, poucos são os espaços de promoção de leitura e de formação do leitor na sociedade. (RAMOS, 2013, p. 29).

Percebemos, nesse sentido, um descompasso entre o que apregoam as políticas públicas de promoção à leitura e desenvolvimento de bibliotecas escolares com as efetivas ações junto à rede pública de ensino.

Em Passo Fundo, conforme informações da Secretaria Municipal de Educação, a rede municipal de ensino conta com 37 escolas de Ensino Fundamental, as quais contam com 1.300 docentes para atender os 14.000 estudantes da rede. Desse total de escolas, 27 possuem biblioteca escolar; destas, apenas 22 contam com profissional responsável pelo espaço.

Dessa forma, são fundamentais os estudos que buscam discutir a questão das bibliotecas escolares, bem como o aprimoramento das políticas públicas de promoção à leitura e formação de leitores e das ações governamentais de distribuição de acervos para as bibliotecas das escolas públicas do país.

2.4 O QUE DIZEM AS PESQUISAS

A tradição e o esforço governamental de manter bibliotecas nas escolas não são suficientes para desenvolver comportamentos leitores entre professores e estudantes. Observamos, a todo o momento, notícias e comentários de que os brasileiros leem pouco e, em virtude disso, são realizadas inúmeras campanhas mercadológicas e governamentais em torno da leitura.

Nos últimos anos, testemunhamos uma explosão de projetos para a democratização do acesso à leitura, desenvolvidos pela sociedade civil: bibliotecas comunitárias implantadas em diferentes espaços; expositores ambulantes, livros na padaria, em paradas de ônibus, em estações de metrô, além de pontos de leitura em praças e parques. Eventos literários, por outro lado, extrapolam as capitais e ganham os pequenos municípios. É importante, contudo,

basearmos-nos em fontes confiáveis, para ter uma noção real do nível de leitura dos cidadãos brasileiros.

Desde 1996, o Brasil participa do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa)⁸, desenvolvido e coordenado internacionalmente pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Segundo informações do portal do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)⁹, o objetivo da pesquisa é produzir indicadores que contribuam para a discussão da qualidade da educação nos países participantes, de modo a subsidiar políticas de melhoria do ensino básico, verificando em que medida as escolas de cada país participante estão preparando seus jovens para exercer o papel de cidadãos, a partir da leitura, na sociedade contemporânea.

De acordo com a pesquisa, em comparação com os resultados de 2009, ano em que também ocorreu um ciclo de avaliação com ênfase em leitura, o Brasil foi um dos países que mais evoluiu no período e que as regiões Centro-sul e Sul foram as que apresentaram crescimento mais consistente na área. Contudo, o Brasil ocupa o 55º lugar entre 65 países no *ranking* de habilidade para leitura.

Alguns estudos, embora sem reconhecimento acadêmico, revelam a mesma realidade. Um exemplo é um estudo realizado pela Federação do Comércio do Rio de Janeiro sobre os hábitos culturais em 70 cidades de nove regiões metropolitanas: 70% dos brasileiros não leram um livro sequer no ano de 2014. Telles (2014) afirma que, segundo a pesquisa, o mapa do lazer do brasileiro revela um consumidor sem muito entusiasmo pela arte e literatura. Em 2014, 55% dos brasileiros responderam que não fizeram nenhuma atividade cultural no ano; em 2013, essa porcentagem era de 49%.

A leitura de livros caiu de 35% para quase 30% dos entrevistados; 70% dos pesquisados não leram um único livro neste último ano. O uso da internet, facilitado pelos *smartphones*, é apontado na pesquisa como um dos responsáveis pela queda na leitura, principalmente entre os jovens. No entanto, em meio à fragmentação e à não linearidade da leitura no hipertexto, percebemos que os equipamentos eletrônicos – *smartphones*, *tablets* – têm se constituído como suportes para a leitura e para a leitura literária.

Outros apontamentos foram feitos pela pesquisa Retratos de Leitura no Brasil, promovida pelo Instituto Pró-livro¹⁰, com o objetivo principal de fomento à leitura e à difusão do livro. O instrumento, aplicado trienalmente desde 1997, possibilita uma avaliação

⁸ Informações referentes ao programa podem ser acessadas em: <<http://portal.inep.gov.br/pisa/sobre-o-pisa>>.

⁹ Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/pisa/sobre-o-pisa>>.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br>>.

consistente sobre o comportamento leitor, segundo a percepção da leitura no imaginário coletivo; o perfil do leitor e do não leitor de livros; as preferências e motivações dos leitores; as influências; os suportes e formas de acesso ao livro. Segundo os dados obtidos, há no Brasil 88,2 milhões de leitores, ou seja, 50% da população – 7,4 milhões a menos do que em 2007, quando 55% dos brasileiros se diziam leitores.

De acordo com Failla (2012, p. 29), que avalia a pesquisa, a

explicação possível sobre a redução no número de leitores em 2011 vem da composição demográfica da amostra de entrevistados. Outras pesquisas já informaram: estamos envelhecendo! Com 7,1 milhões de brasileiros a menos na faixa etária de 5 a 17 anos, temos menos estudantes e, portanto, menos leitores.

Mesmo assim, com esse e outros argumentos, o país não avançou como deveria ou como se esperava. Ainda de acordo com Failla (2012), os índices de leitura – 4,7 (2008) ou 4 (2012) livros por pessoa ao ano, incluindo os didáticos – ainda são muito baixos. Ao comparar os dados em relação a outros países, a autora mostra-se preocupada com os resultados quando defende que

se compararmos esses indicadores com os de outros países ibero-americanos – que desenvolveram a pesquisa seguindo a mesma metodologia proposta pelo Cerlalc – percebemos que o Brasil, com 4 livros lidos/ano, está melhor do que o México (2,9) e a Colômbia (2,2), mas lê menos do que a Argentina (4,6); o Chile (5,4) e menos da metade do que se lê em Portugal (8,5) e Espanha (10,3). (FAILLA, 2012, p. 30).

Contudo, a autora afirma que não se podem desprezar os avanços obtidos desde o ano 2000, pois, se olharmos os números a partir desse ano, a melhoria dos indicadores foi significativa.

Quando comparamos a população de mais de 15 anos (conforme amostra da 1ª edição), saímos de 1,8 livros lidos/ano, em 2000, para 3,7 livros lidos/ano, em 2007, e 3,1 livros lidos/ano, em 2011. Esses resultados não podem ser desprezados. Eles não deixaram dúvidas de que os investimentos orientados pelas políticas públicas, se olharmos para os últimos 12 anos, trouxeram bons resultados. (FAILLA, 2012, p. 30).

Segundo as pesquisas, o ritmo de crescimento parece ser mais lento do que o país necessita, contudo é importante ressaltar que transformar comportamentos exige tempo e investimento.

Ao observar os dados das pesquisas e levar em consideração os altos investimentos na compra de livros pelo PNBE, segundo dados do MEC, em 2013 chegou à quantia de R\$ 248.055.011,74, há precondições e incentivos para que se fomente a leitura e se criem as condições para o acesso e o interesse pelo livro. Continuar a investir em compra de livros e

formação de bibliotecas é necessário e imediato, porém é tão importante e necessário que o leitor em formação seja cativado e compreenda aquilo que lê. Para isso, é preciso ressignificar os conceitos para identificar os caminhos para a construção de um país de leitores.

Chartier (1999, p. 51) constata que

Aqueles que são considerados não-leitores lêem, mas lêem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima. O problema não é tanto o de considerar como não-leituras estas leituras selvagens que se ligam a objetos escritos de fraca legitimidade cultural, mas é o de tentar apoiar-se sobre essas práticas incontroladas e disseminadas para conduzir esses leitores, pela escola mas também sem dúvida por múltiplas outras vias, a encontrar outras leituras. É preciso utilizar aquilo que a norma escolar rejeita como um suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude.

Essa declaração precisa ser entendida como um desafio para que pais e professores observem a preferência dos jovens. É importante, igualmente, observar o que as pesquisas revelam. As dificuldades de leitura precisam se transformar em propulsores à escola brasileira, bem como à necessidade brasileira para contribuir com a ampliação dos índices de leitura pela qualificação e diversificação de materiais que possam ampliar o interesse e o gosto pela leitura. Observar que suportes são usados por crianças e jovens assume importância relevante no desenvolvimento da leitura.

2.5 MATERIALIDADES CONTEMPORÂNEAS DA LEITURA

O uso de equipamentos tecnológicos já é inerente à sociedade contemporânea e a sua diversidade está cada vez mais presente na vida cotidiana dos jovens, desafiando-os a comportamentos consumistas. Vivemos em meio à variedade e à dispersão, em um mundo de tecnologia, em que os jovens têm a capacidade de interagir nas redes sociais, ouvir músicas e falar ao celular ao mesmo tempo. Comunicam-se pelos aplicativos de recebimento instantâneo sem paciência não apenas para escrever *e-mails*, mas também bilhetes ou cartas e assistem a filmes baixados pela internet.

Nesse contexto, emergem os termos ciberespaço e cibercultura. De acordo com o que postula Lévy (1999), o ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não só a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo grandioso e complexo de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo cibercultura, especificamos aqui como o conjunto de técnicas (materiais e

intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem com o crescimento do ciberespaço.

Chartier (2007) considera que a internet pode ser uma poderosa aliada para manter a cultura escrita, de modo que, além de auxiliar no aprendizado, a tecnologia faz circular os textos de forma intensa, aberta e universal e possibilita a criação de um novo tipo de obra literária ou histórica.

A internet, seja do ponto de vista comunicacional, seja no âmbito profissional e educativo, pode ser considerada como geradora de cultura. A primeira formulação teórica nesse sentido parte de Rheingold (1993 apud COLL, 2010), o qual considera que as comunicações mediadas por computador (CMC) são capazes de prover formas de interação muito ricas e de proporcionar o espaço idôneo para a formação de comunidades. Ainda definiu que “as comunidades virtuais são congregações sociais que emergem da internet quando suficientes pessoas se mantêm em uma discussão pública, [...] com sentimento humano suficiente para estabelecer redes de relações pessoais no ciberespaço.” (RHEINGOLD, 1993 apud COLL, 2010, p. 59).

Para Santaella (2013, p. 13), fazer parte dessa sociedade requer algumas habilidades e consequentes possibilidades, uma vez que

ser cidadão nessa sociedade hipercomplexa, que potencializa a hipersociabilidade, significa tornar-se capaz de distinguir entre diferentes linguagens e mídias, suas naturezas comunicativas específicas, suas injunções político-sociais e, a partir disso, ter condições para desenvolver a capacidade de levantar perguntas acerca de tudo que lemos, vemos e escutamos.

Dessa forma, o cidadão inserido em um ambiente com diversidade tecnológica de informação e comunicação tem seus horizontes expandidos, desenvolvendo novas capacidades cognitivas.

Ainda, segundo a autora,

os espaços multidimensionais, que as redes fizeram emergir, têm um impacto significativo na aquisição personalizada e customizada do conhecimento. A absorção em si do conhecimento é individual e específica. Mas, para que isso se dê, há a dependência do contexto, da experiência e da história de cada um. Contextos não são puramente individuais. São sociais e institucionais, envolvendo signos, significados e hábitos de pensamento socialmente construídos. (SANTAELLA, 2013, p. 14).

Nesse sentido, o ciberespaço aponta para novos atores na produção e no tratamento dos conhecimentos e nas diferentes formas de apropriação dos saberes. Com a internet, por

exemplo, indivíduos e grupos podem navegar no oceano da informação e de conhecimentos disponíveis na rede e, mais rapidamente do que em qualquer outro tempo passado, podem compartilhar e difundir suas experiências.

Em uma sociedade permeada pela tecnologia, os livros convivem com os demais produtos culturais e associam-se à rede de informação e lazer disponível em tantos outros suportes e modos de expressão. *Sites* de bibliotecas, acervos literários e demais livros podem ser baixados e arquivados nos *tablets* e *laptops*; *sites* de museus e galerias podem ser acessados e mais de milhares de obras de arte ficam disponíveis ao público, o que antes só poderia ser visitado pessoalmente.

Segundo Santaella (2013, p. 14), “a fertilização de ideias é aperfeiçoada pelo amplo acesso a redes globais. Com a internet aliada à mobilidade, aumenta a quantidade de informação e o conhecimento não apenas cresce, mas também se diversifica.” Temos, então, a ampliação dos horizontes de informação e conhecimento, que passa a atingir um público mais amplo e diversificado.

Chartier (2007, p. 22), igualmente, reflete que “estamos vivendo a primeira transformação da técnica de produção e reprodução de textos e essa mudança na forma e no suporte influencia o próprio hábito de ler.” O suporte material dos textos e as variadas formas de ler são decisivos para a construção de sentido e interpretação da leitura em qualquer época.

Por exemplo, um *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes (1547-1616), era lido em silêncio, como hoje, mas também em voz alta, capítulo por capítulo, para plateias de ouvintes. Todas as pesquisas nessa área formam um patrimônio comum com o qual os professores podem construir estratégias pedagógicas, considerando as práticas de leitura, avalia Chartier (2014).

O autor complementa a análise da questão, acrescentando que

a tecnologia reforça a possibilidade de acesso ao texto literário, mas também faz com que seja difícil apreender sua totalidade, seu sentido completo. A leitura atualmente se dá de forma fragmentada, num mundo em que cada texto é pensado como uma unidade separada de informação. Essa forma de leitura se reflete na relação com as obras, já que o livro impresso dá ao leitor a percepção de totalidade, coerência e identidade - o que não ocorre na tela. É muito difícil manter um contato profundo com um romance de Machado de Assis no computador. (CHARTIER, 2007, p. 26).

Nesse sentido, observamos que uma nova prática de leitura, que se mostra instantânea, fácil, é fragmentada e superficial. Mudam-se os suportes, mudam-se as formas de leitura e a profundidade de abstração dos sentidos do texto.

Contudo, Chartier (2007, p. 26) pondera que

o professor deve ensinar que um romance é uma obra que se lê lentamente, de forma reflexiva. E que isso é muito diferente de pular de uma informação a outra, como fazemos ao ler notícias ou um site. Por tudo isso, não tenho dúvida de que a cultura impressa continuará existindo.

Quanto mais informação e conhecimento disponíveis, maiores e melhores as oportunidades para a criação do conhecimento, permitindo o acesso às diferentes áreas do conhecimento e à aquisição de informações, com um crescimento significativo nas novas formas de aprendizagem, de ensino e de comunicação.

A facilidade de acesso às tecnologias não garante sua utilização, muito menos que seu uso seja inovador e repercuta no aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem. O uso e o caráter inovador dependem de vários fatores, desde a formação técnica dos educadores, o apoio tecnológico disponível, o valor educativo e as expectativas que se atribuem às TIC, o planejamento pedagógico e a visão do que se quer ensinar e aprender. Coll (2014) refere que “não se trata de fazer com as TIC o mesmo que se vinha fazendo sem elas. Mas analisar e rever reflexiva e criticamente o que se faz.” Dessa forma, utilizar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) sem planejamento, visão e conhecimento pouco irá agregar ao processo educativo.

Lévy (1999) contribui com o conceito de Engenheiros de mundos, os quais são considerados como os grandes artistas do século XXI. Segundo o autor, são eles que arquitetam os espaços de comunicação, organizam os espaços coletivos de cognição e da memória, estrutura e promovem a interação sensório-motora com o universo dos dados. A *web* é considerada um mundo que favorece a inteligência coletiva. “Os inventores de programas para trabalho ou aprendizagem cooperativa, os criadores de videogames, os artistas que exploram as fronteiras dos dispositivos interativos ou dos sistemas de virtualidade também são engenheiros de mundos.” (LÉVY, 1999, p. 45).

A incorporação das TICs no contexto escolar requer do professor a incorporação de uma nova cultura de aprendizagem. Essa nova cultura pode ser caracterizada, de acordo com Coll (2010), em três traços básicos: capacidade de organizar e atribuir significados e sentidos às informações; capacidade de mudar de forma rápida e constante, sendo que a aprendizagem e a formação permanente ao longo da vida estão situadas no próprio centro de vida das pessoas; capacidade de os estudantes entenderem, frente às diversidades culturais e

interpretativas, a conviver com a relatividade das teorias, com a incerteza do conhecimento e a necessidade de formular sua própria visão de mundo.

Nesse contexto, a escola é atingida e, em consequência, seus processos de aprendizagem igualmente afetados. Diante disso, acreditamos que a criação de ambientes de ensino e aprendizagem, digitais ou híbridos, para esse novo contexto, seja de grande importância para os novos perfis dos leitores contemporâneos. Além disso, atitude como essa “constitui um esforço importante e de longa duração para o coletivo de professores.” (COLL, 2010, p. 119).

Focalizando os ambientes de aprendizagem que atualmente ultrapassam o espaço da sala de aula, pela importância e vivência da ubiquidade, visualizamos o professor com a função de orientador do processo de ensino-aprendizagem, estimulando o aluno no processo de autoria da construção do seu próprio conhecimento. Para Rösing (1996, p. 56), “tomando como foco o ato de ler enquanto experiência individual, este não deixa de constituir, ao mesmo tempo, uma experiência social, uma vez que envolve pensamento e linguagem, cuja gênese é marcadamente social.”

Nesse sentido, a mediação de leitura configura-se em uma ação participativa e social, na qual aluno e professor são coautores, instaurando-se uma inter-relação dos três elementos: “o aluno, que aprende desenvolvendo sua atividade mental de caráter construtivo; o conteúdo, que é objeto de ensino e aprendizagem; e o professor, que ajuda o aluno no processo de construção de significados.” (COLL, 2010, p. 125).

Nesse sentido, defendemos um trabalho conjunto da escola com o docente e os estudantes, tendo por foco a construção do conhecimento. Percebendo os estudantes enquanto sujeitos participantes ativos do processo ensino-aprendizagem, buscamos desenvolver nesses atores a criticidade, a autonomia e a capacidade de interagir com os diversos tipos de textos e suportes, significando-os e atuando na sociedade. Esse processo permite observar hábitos e, posteriormente, comportamentos leitores capazes de identificar peculiaridades dos leitores que desenvolvem novos modos de ler.

2.6 O PERFIL DOS NOVOS LEITORES

A sociedade contemporânea experimentou alterações substantivas nos últimos anos. Os meios de comunicação de massa expandiram-se e introduziram-se novos suportes, como o eletrônico e o digital, e os dispositivos móveis, como o *tablet* e o telefone celular se

inscreveram nos hábitos das pessoas. Ante essa realidade, os modos de ler e escrever modificaram-se a partir das novas tecnologias.

Agora, podemos reconhecer como leitura o envolvimento com o computador, em *e-readers*, em celular, *tablet* e os textos neles veiculados estão interligados e remetem instantaneamente a outros textos, por meio das conexões estabelecidas pela internet, como uma leitura não linear e hipertextual, proporcionando momentos colaborativos e subjetivos de ensino e aprendizagem.

Diante dessa pluralidade de suportes tecnológicos sem desconsiderar a leitura do texto literário impresso, é preciso entender as novas características dos leitores. Santaella (2004) define como leitor aquele que possui as capacidades necessárias para ler, interpretar, internalizar e responder aos conjuntos de signos e linguagens, ou seja, a hipermídia. A autora defende que “fora e além do livro, há uma multiplicidade, aliás, que vem aumentando historicamente.” (SANTAELLA, 2013, p. 266). Ela, ainda, classifica essa multiplicidade de leitores em quatro tipos: o contemplativo, o movente, o imersivo e, como mais recente, o ubíquo, configurados de acordo com suas “habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas.” (SANTAELLA, 2004, p. 19).

O primeiro tipo de leitor é o contemplativo, ou seja, o leitor do livro impresso e da imagem expositiva, que tem como característica o potencial para ler grandes quantidades de textos de maneira individualizada, solitária, silenciosa e vertical, separando o espaço de leitura dos demais espaços.

Em resumo, esse primeiro tipo de leitor é aquele que tem diante de si objetos e signos duráveis, imóveis, localizáveis, manuseáveis: livros, pinturas, gravuras, mapas, partituras. É o mundo do papel e do tecido na tela. O livro na estante, a imagem exposta, à altura das mãos e do olhar. [...] Um leitor que contempla e medita. (SANTAELLA, 2004, p. 24).

O leitor contemplativo é capaz de “acumular grande experiência de leitura”, baseando-se na “apreensão dos conteúdos e na apropriação de significados que construiu no desenvolvimento de sua cidadania.” (RÖSING; TEIXEIRA; RODRIGUES, 2011, p. 6).

O outro leitor a quem Santaella (2004, p. 30) faz referência é o movente, obra da Revolução Industrial, da expansão tecnológica e do surgimento das grandes cidades. É o leitor “sincronizando-se à aceleração do mundo.” Portanto, um leitor do mundo em movimento e dinâmico, de diferentes línguas e signos e com habilidade para lidar com essas novas formas de leitura em interação com o mundo que o cerca.

O desenvolvimento dessas competências, somadas às situações vivenciadas a partir das diversas linguagens, contribuiu significativamente para o surgimento do terceiro tipo de leitor, o qual navega “entre nós e conexões alineares pelas arquiteturas líquidas dos espaços virtuais.” (SANTAELLA, 2004, p. 11). O leitor imersivo nasce na chamada “era digital”, no início do século XXI, em que o poder dos dígitos torna-se fundamental para tratar das informações na linguagem universal que surgem em novos espaços virtuais.

Diferentemente do que ocorria com o leitor contemplativo, Santaella (2004) relata que o leitor imersivo lê textos em formatos digitais disponibilizados direto em telas, tendo como suporte a multimídia. Navega pelas informações sonoras, visuais e textuais, tendo como linguagem a hipermídia. Isso possibilita ao leitor imersivo a ampliação de suas percepções e o desenvolvimento de novas estratégias cognitivas com base em suportes e linguagens multimídiais, marcando, assim, uma subjetividade leitora.

Porém, nos últimos anos, com o surgimento de novas tecnologias digitais, com a ampliação da internet banda larga e das redes sem fio, nasce um novo tipo de leitor, fruto da união do leitor movente com o leitor imersivo, cujo perfil cognitivo se distingue dos demais pela hiper mobilidade, ou seja, pela capacidade de se mover fisicamente, de ler e transitar por entre os espaços informacionais e comunicacionais com grande facilidade. Esse leitor é denominado por Santaella (2013) de leitor ubíquo e caracteriza-se por ser um sujeito onipresente, que, com o domínio de apenas um instrumento móvel, tem o poder de estar em vários lugares do planeta e se comunicar com inúmeras pessoas ao mesmo tempo, sem ter a necessidade de sair do conforto da sua casa, utilizando, por exemplo, seu celular inteligente para manter contato com textos, vídeos, fotos, músicas, jogos, redes sociais, entre outros.

Essa comunicação oral, que também é multimodal, multimídia e portátil, mostra que o leitor ubíquo é detentor de “uma prontidão cognitiva ímpar para orientar-se entre nós e nexos multimídia, sem perder o controle da sua presença e do seu entorno no espaço físico em que está situado [...]” (SANTAELLA, 2013, p. 22) e que sua atenção pode voltar-se para diversas ferramentas simultaneamente ainda que de forma parcial e superficial.

A relação existente entre os tipos de leitores propostos por Santaella (2014) mostra uma ligação intrínseca e de complementaridade, o que dá mais sentido ao ato de ler propriamente dito e exige sempre novas “habilidades perceptivas, sensório-motoras e cognitivas distintas.” (SANTAELLA, 2004, p. 19-20).

Santaella (2013, p. 14), ao se referir à ubiquidade na comunicação, faz a seguinte defesa:

quando a informação está encarnada em redes inteligentes ubíquas, a par da intensificação na absorção individual do conhecimento, ela também propicia a interação com o outro no desenvolvimento de habilidades cognitivas, para a formação de julgamentos a respeito do mundo e para adquirir guias para a ação.

Por isso, há necessidade de criar estratégias de integração entre esses tipos de leitores, o que Rösing, Teixeira e Rodrigues (2011, p. 9) denominam ser um “convívio reflexivo” e que “amplia nosso entusiasmo pela busca de concepções contemporâneas e, ao mesmo tempo, convincentes que norteiam os (des)caminhos da leitura em tempos de ciberespaço, cibercultura, hipermídia.” É fundamental voltar o olhar para o leitor enquanto um sujeito social, que já possui o domínio da leitura do mundo, mas que ainda não se mostra apto a se relacionar e a dialogar com a leitura nos diferentes suportes disponíveis na sociedade atual.

Nesse sentido, os estudos de Chartier (2002, p. 23-24) remetem à ideia de que

o mundo eletrônico provoca uma tríplice ruptura: propõe uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação com os textos, impõem-lhes uma nova forma de inscrição. A originalidade e a importância da revolução digital apoiam-se no fato de obrigar o leitor contemporâneo a abandonar todas as heranças que o plasmaram, já que o mundo eletrônico não utiliza mais a imprensa, ignora o ‘livro unitário’ e está alheio à materialidade do códex. [...] Daí a razão do desassossego dos leitores, que devem transformar seus hábitos e percepções, e a dificuldade para entender uma mutação que lança um profundo desafio a todas as categorias que costumamos manejar para descrever o mundo dos livros e da cultura escrita.

Nesse sentido, o novo contexto social, econômico, político e cultural e os processos de aprendizagem relacionados à leitura nos suportes digitais provocam no perfil do sujeito leitor um processo de ressignificação e reinvenção.

Tipos distintos de leitores, preconizados por Santaella (2004, 2013), entram em ação durante a leitura, alternando-se, complementando-se. Quanto mais informação e tecnologias disponíveis, mais se criam oportunidades de geração de conhecimento e, conseqüentemente, reafirma-se a importância de o docente estar a par das transformações tecnológicas da atualidade, buscando desenvolver novas competências leitoras em diferentes suportes tecnológicos.

Sem esse desenvolvimento, fica difícil ao docente sair da condição de professor de leitura para a de professor leitor. Essa mudança diz respeito a docentes de diferentes áreas, atingindo de forma significativa o profissional responsável pelo espaço da biblioteca escolar.

2.7 A MEDIAÇÃO DE LEITURA E O PERFIL DO PROFISSIONAL RESPONSÁVEL PELA BIBLIOTECA ESCOLAR

A escola é um ambiente rico em potencialidades educativas e culturais. Todos os seus atores podem ser produtores de conhecimento e disseminadores de cultura. Neste estudo, atentamos especialmente para a biblioteca escolar e a dinamização do acervo existente, especificamente o acervo do PNBE 2013, por meio da mediação docente do profissional¹¹ responsável pela biblioteca, pois entendemos que, nessa articulação, ambos podem contribuir para o fortalecimento da relação dos estudantes com a leitura. Potenciais possibilidades educativas se desenvolvem e, por isso, contribuem de forma significativa para a formação cultural dos estudantes.

O uso efetivo da biblioteca escolar exige da instituição e dos profissionais que a dirigem ações programadas para dinamizar o acervo e o espaço disponíveis. Como espaço integrador das ações pedagógicas da escola, deve assumir-se como espaço de construção do conhecimento em cujas leituras se desenvolva o prazer de ler pela possibilidade de construção de conhecimentos, de desenvolvimento da crítica e da sensibilidade.

De acordo com Silva (2009a, p. 197),

a biblioteca escolar é um espaço democrático, conquistado e construído a partir do ‘fazer’ coletivo (alunos, professores e demais grupos sociais) – sua função básica é a transmissão da herança cultural às novas gerações, de modo que elas tenham condições de reapropriar-se do passado, enfrentar os desafios do presente e projetar-se no futuro.

A biblioteca constitui-se em um ambiente de valorização, dedicado à apropriação das heranças culturais e à inclusão do leitor nas práticas letradas, entendidas em seu sentido amplo, devendo ser pensada coletivamente pela instituição escolar, de forma que seja estruturada e seu funcionamento planejado. É importante que o usuário desse espaço possa ter acesso a variados materiais de leitura, do impresso ao digital, abrangendo manifestações artísticas, diferentes linguagens.

Entretanto, apenas circular em meio à diversidade de materiais não desenvolve o gosto pela leitura. É preciso mais do que isso; é “imprescindível conviver com uma ou mais pessoas que se envolvam eventual ou permanentemente com esses materiais, significando-os.” (SANTOS; MARQUES NETO; RÖSING, 2009, p. 13). Nesse contexto, observamos a participação do docente responsável pela biblioteca escolar na dinamização dos acervos

¹¹ Neste capítulo, o docente responsável pela biblioteca escolar pode ser chamado de agente de leitura ou mediador de leitura. Ambos os termos são tratados como sinônimos.

existentes na escola, a fim de proporcionar aos estudantes atividades que desenvolvam a leitura literária e o conhecimento da cultura.

Declaram os mesmos autores que

a existência de materiais de leitura disponibilizados por todos os recantos de uma casa, de uma escola, inclusive de uma biblioteca aliada à presença de pessoas que se envolvam permanentemente com diferentes gêneros textuais, por intermédio da leitura prazerosa, passa a constituir um exemplo de leitor a ser seguido, podendo transformar outros indivíduos em sujeitos leitores. (SANTOS; MARQUES NETO; RÖSING, 2009, p. 13).

Nesse sentido, salientamos a importância da mediação de leitura e a formação do docente responsável por esse ambiente, enquanto leitor, o qual desempenha papel essencial no processo: protagonista na tarefa de promover a transformação do hábito em comportamento leitor, desenvolvendo o gosto pela leitura nos estudantes pela dinamização do acervo existente.

A mediação de leitura, bem como a formação do profissional responsável pelo espaço, tem caráter determinante no processo de construir, incentivar e promover ações de leitura na biblioteca escolar. É o mediador de leitura da biblioteca que irá conduzir os estudantes pelos caminhos letrados, por meio de passos seguros de leitura, ao selecionar leituras adequadas aos seus interesses e incentivando o uso dos diversos suportes. Contudo, isso somente será possível se esse profissional for um leitor, podendo interagir com os leitores em formação e contagiá-los a transformarem-se em verdadeiros leitores.

Em relação à mediação de leitura, Rösing (2001, p. 29) nos traz uma definição ao referir que

a mediação de leitura se constitui numa situação comunicativa, variável, que observa referências psíquicas, políticas, culturais e históricas, comprometida com o processo de construção da criticidade dos leitores e da viabilização de sua cidadania.

Nesse sentido, a mediação de leitura passa pelo processo de formação de agentes culturais, os quais têm o “grande objetivo de estimular o leitor a se envolver com a leitura, cujo prazer vem da ampliação do conhecimento e do desenvolvimento de um olhar crítico para a sociedade em toda a sua complexidade.” (RÖSING, 2001, p. 29).

A configuração da maioria das bibliotecas escolares, como hoje são encontradas nas escolas públicas, não colabora para a promoção da leitura no ambiente escolar, sendo considerada apenas mais um setor qualquer na estrutura física da instituição.

Há projetos governamentais que incentivam o funcionamento da biblioteca como parte do processo de ensino-aprendizagem pelos estudantes, por exemplo, o PNBE. Ações mais efetivas precisam ser desenvolvidas, pois, na maioria das escolas, conforme Nuñez (2002, p. 229), “a biblioteca escolar se concebe mais como um serviço auxiliar ou uma sala de leitura do que como uma parte ativa do currículo ou um laboratório de aprendizagem.”

As novas concepções de leitura determinam um novo perfil de leitor e de mediador de leitura, em virtude dos novos suportes de leitura e comunicação. Como já pormenorizado anteriormente, os jovens alteraram seus hábitos a partir do uso dos equipamentos tecnológicos disponíveis, como *smartphones* e *tablets*. Dessa forma, os hábitos de leitura também se alteraram, o que não pode ser desconsiderado pelos agentes de leitura, pois esses equipamentos também são suportes para a leitura literária.

De acordo com Rösing (2001, p. 26), esses equipamentos

provocam a sua curiosidade e, em especial, o seu desejo de interagir com os recursos deles emergentes. Somam-se a esses aspectos estímulos à produção de textos diferenciados em seu formato, de desenhos, de imagens muito instigantes e materiais diversos.

A escola não pode, assim, desconsiderar o uso das inovações tecnológicas e dos recursos multimídiais em suas atividades de promoção à leitura e à cultura. É necessário pensar a formação do leitor nessa perspectiva, o qual demonstra curiosidade e entusiasmo pelos suportes com tela ao mesmo tempo que sente prazer ao ler um livro.

Nessa perspectiva, os mediadores de leitura, além de leitores, precisam ter conhecimento do uso dos equipamentos tecnológicos, seus recursos e sua implicação na leitura do hipertexto.

Observamos um descompasso entre o que é promovido e transmitido na escola e as reais necessidades, preferências e desejos dos estudantes. “As formas de circulação do saber recebem um tratamento em sua transmissão pelos docentes das diferentes disciplinas bastante diferenciado dos padrões que vão se estabelecendo entre os alunos.” (RÖSING, 2001, p. 26). Conhecer as preferências e os desejos dos leitores em formação contribui para a promoção de ações voltadas para essas necessidades e propicia aos estudantes experiências de leitura contextualizadas com sua realidade.

Percebemos, dessa forma, a necessidade de criação de vivências de leitura multimídiais, estabelecendo-se uma cultura de leitura em diversos suportes. De acordo com

Núñez (2002, p. 242), “a biblioteca é para todos e, por isso, deve dar respostas às necessidades informativas, de entretenimento, etc. que solicitem.”

Atualmente, na rede pública de ensino, a função do bibliotecário, embora seja recomendada pela Lei 12244, que regulamenta a universalização das bibliotecas das instituições de ensino, é geralmente atribuída a um professor do corpo docente da escola. Essa designação é feita, comumente, pela falta do profissional da biblioteconomia nos quadros funcionais das autarquias municipais e estaduais.

Dessa forma, como a prioridade de lotação dos docentes é a sala de aula, em muitos casos, o profissional designado para exercer a função de responsável pela biblioteca escolar na escola pública, quando existe, é o docente que está em fase de readaptação funcional¹², afastado das salas de aula, em grande parte devido a problemas de saúde física ou mental.

O cotidiano dos profissionais responsáveis pela biblioteca escolar é marcado, principalmente, pelos tradicionais empréstimos de livros e organização de estantes, deixando as atividades de incentivo à leitura e atividades culturais em segundo plano.

Outra constatação é de que a maioria dos docentes e profissionais responsáveis pela biblioteca escolar não são leitores, o que, segundo Rösing (2001, p. 25), “afronta a educação e a cultura.” Essa realidade, somada ao descaso com a formação dos docentes, resulta em um distanciamento entre a escola e os estudantes.

O fator fundamental da formação dos docentes é a leitura. É pela e na leitura que o docente forja sua identidade e reconhece os instrumentos para a reprodução de conhecimentos e preparação educacional dos estudantes. Silva (2009b, p. 23) traduz essa necessidade afirmando que “professor, sujeito que lê, e leitura, conduta profissional, são termos indicotomizáveis – um nó que não se pode nem se deve desatar.”

A gênese do ato de ler é social, e essa abordagem imprime abrangência e profundidade da ação docente na mediação de experiências e conhecimentos. Nesse sentido, não podemos conceber que o docente mediador de leitura, enquanto sujeito social e orientador do processo ensino-aprendizagem, não seja leitor.

A função do profissional responsável pela biblioteca escolar, como agente de leitura, extrapola a mera organização e a difusão da informação e insere-se em um patamar de promoção à leitura e ampliação dos horizontes culturais dos estudantes. Assim, como defende Silva (1986, p. 73),

¹² Segundo o artigo 24 da Lei 8112/90, “readaptação é a investidura do servidor público em cargo de atribuições e responsabilidades compatíveis com a limitação que tenha sofrido em sua capacidade física ou mental, verificada por inspeção médica.”

não basta que a biblioteca execute somente as tarefas técnicas de difusão da informação; é necessário que ela exerça influência ativa e dinâmica no contexto envolvente, preocupando-se com a qualidade do seu acervo e dos seus serviços, com a origem e necessidades dos usuários, com a democratização do seu espaço, e com o planejamento de programas socioculturais. Tal movimento impõe aos bibliotecários uma reflexão profunda sobre a razão de ser do seu trabalho, abrindo-lhes a consciência para determinadas necessidades de atualização e de expansão do conhecimento – essa necessidade em muito extrapolavam as tarefas rotineiras de tomar, classificar, catalogar, em prestar e recolher as obras contidas no acervo.

Para tanto, o docente responsável pela biblioteca escolar, com o apoio da equipe gestora, pode transformar esse espaço num ambiente no qual os estudantes tenham acesso e contato com diversos materiais de leitura, com materiais e manifestações culturais, dinamizando seu acervo e promovendo atividades educativas e culturais.

Assim, o mediador de leitura pode contagiar os leitores em formação a se transformarem em leitores verdadeiros, entendendo os textos nos diversos suportes e nas múltiplas linguagens, do impresso ao digital, em sua complexidade, criatividade e interação.

De acordo com Rösing (2001, p. 30),

agentes de leitura e leitores em formação devem descobrir diferentes formas de entrarem nos textos de leitura, considerados no âmbito da multiplicidade [...], objetivando apropriarem-se dos conhecimentos acumulados ao longo da história dos diferentes povos e construindo novos conhecimentos.

Nesse particular, mediador de leitura e leitor em formação procuram buscar as pistas textuais e a identificação da intencionalidade do autor e, assim, significá-las. Essa ação possibilita o estabelecimento de inúmeras relações, por meio do conhecimento, conduzindo o ato de ler a resultados não previsíveis.

Consoante Santos (2009, p. 39), “a relação do homem com o mundo não é uma relação direta, mas uma relação mediada e complexa. Daí o papel do agente como aquele que estabelece uma interação entre os sujeitos e o mundo cultural que o rodeia.” O papel do mediador não deixa de ser uma função social, pois ele se torna um agente social, um agente de transformação da realidade.

Santos (2009, p. 39) ainda esclarece que

o agente é aquele que estabelece pontes de comunicação entre os universos que percorre, enfocando esses atores sociais como sujeitos que transitam entre múltiplos polos, mobilizando ideias, estilos de vida, práticas sociais, modos de percepção, objetos, linguagens e universos culturais.

Nesse sentido, os docentes, enquanto agentes culturais, são intermediários que provocam a comunicação entre mundos diferentes, sendo tradutores, ao mesmo tempo que compreendem, fazem compreender a diversidade cultural e a diversidade humana.

A mediação de leitura, ou mediação cultural, conforme Santos (2009), “trata-se, portanto, de reconhecer a dimensão cultural da sociabilidade e a importância crescente da linguagem na construção social da realidade.”

Dessa forma, a formação dos mediadores de leitura precisa conferir-lhes competências capazes de selecionar os meios eficazes e criativos de dinamização dos acervos existentes e disponíveis na escola, estimulando o leitor a envolver-se com a leitura, buscando prazer no ato de ler, o que acontece quando há ampliação do conhecimento e o desenvolvimento da criticidade do sujeito enquanto ser histórico e social.

O próximo capítulo é dedicado à apresentação do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), cuja concepção e objetivos, em conjunto com a Biblioteca escolar, são o foco de análise das ações deste trabalho. Trata-se de informações referentes ao Programa, acervos, formas de execução e implementação, dados que demonstram a distribuição dos acervos nas escolas públicas do país, bem como algumas particularidades e fragilidades dessa ação, que faz parte de uma política pública de formação de leitores.

3 PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA NA ESCOLA (PNBE)

Este capítulo tem como objetivo apresentar o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), em execução desde o ano de 1997, sob a coordenação da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (SEB/MEC), em parceria com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). O capítulo traz informações referentes à concepção do Programa, formas de execução e implementação, bem como dados que demonstram a distribuição dos acervos nas escolas públicas do país. Para o recorte desta pesquisa, foram utilizados os dados referentes ao ano de 2013¹³; cujos acervos foram destinados aos anos finais do Ensino Fundamental.

A questão da formação de leitores e das políticas públicas que promovem o acesso aos livros vem sendo muito discutida nos últimos anos. Desde 1930, quando da criação do MEC, tem-se pensado e desenvolvido ações de promoção à leitura, mas, somente em 1980, a formação de leitores e a biblioteca escolar foram pautadas enquanto política pública. Contudo, a questão não era tratada de forma prioritária.

Paiva (2012, p. 13) esclarece que

de caráter assistemático e restrito, ações foram desencadeadas com foco nas bibliotecas escolares, no incentivo à leitura e à formação de leitores, mas sempre afetadas pela descontinuidade das políticas públicas que alteravam de acordo com as prioridades e concepções da administração vigente.

Atualmente, ainda há um descompasso entre o ideal e o realizável no programa quanto ao recebimento e, principalmente, ao uso dos acervos por parte da escola.

Dentre as primeiras iniciativas desencadeadas pelo governo para a promoção da leitura, destacam-se, conforme Paiva (2012):

- a) o Programa Nacional Salas de Leitura/PNSL (1984-1987), criado pela Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), com o objetivo de compor, enviar acervos e repassar recursos para ambientar as salas, sendo desenvolvido em parceria com as secretarias estaduais de educação e as universidades responsáveis pela formação de professores;
- b) o Programa Nacional de Incentivo à leitura (PROLER), atualmente em vigência, mas com atuação tímida no país, criado pela Fundação Biblioteca Nacional, do Ministério da Cultura, que tem como objetivo possibilitar à comunidade em geral, em diversos segmentos da sociedade civil, o acesso a livros e a outros materiais de leitura. O MEC

¹³ Informações obtidas no *site* do Ministério da Educação (www.mec.gov.br).

participa repassando recursos aos comitês executores por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE);

- c) o Pró-Leitura na formação do professor (1992-1996) foi desenvolvido a partir de uma parceria do MEC e do governo francês, liderado no Brasil pelo pesquisador Max Buttlen, e pretendia atuar na formação dos professores leitores para que eles pudessem facilitar a entrada de seus alunos no mundo da leitura e da escrita. O programa, inserido no sistema educacional, aspirava estimular a prática leitora na escola, pela criação, organização e movimentação das Salas de Leitura, de cantinhos de leitura e de bibliotecas escolares;
- d) o Programa Nacional Biblioteca do Professor (1994), criado concomitantemente com o Pró-Leitura, objetivava dar suporte para a formação de professores das séries iniciais do ensino fundamental no desenvolvimento de duas linhas de ação: aquisição e distribuição de acervos bibliográficos e a produção e difusão de materiais destinados à capacitação do trabalho docente. Esse programa foi extinto em 1997 com a criação do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE).

Fazendo uma breve análise dos programas que antecederam o PNBE, Paiva (2012) nos remete à constatação de que a democratização da leitura vem orientando as políticas públicas e que a cada programa procura uniformizar as ações em prol da distribuição universal de acervos de literatura a todas as escolas públicas do país.

A partir da criação do PNBE, houve uma ressignificação dos objetivos e o programa representou uma retomada da valorização do espaço da biblioteca escolar, que, segundo Paiva (2012, p. 16), é “um espaço promotor da universalização do conhecimento e, também, da universalização do acesso a acervos pelo coletivo da escola.” Entretanto, o que devemos discutir, nesse momento, é se há uma política de formação de leitores, com o conseqüente grau de investimento na formação de mediadores de leitura.

Considerando-se a universalização do recebimento de acervos literários na escola em todos os segmentos, a aproximação e o vínculo dos estudantes com leitura literária vêm sendo fortalecidos. Apesar disso, como já mencionado, somente a presença de acervos na biblioteca não garante ações efetivas para a formação de leitores. Paiva (2012, p. 16) afirma que “a discussão sobre uma política efetiva de formação de leitores continua a merecer, entre nós, uma reflexão profunda e que, certamente, esteve na base, em maior ou menor grau, de todas as políticas de promoção de leitura desenvolvidas até o momento.” Essa discussão deve englobar não somente a constituição de acervos, mas a formação de mediadores de leitura e a dinamização dos acervos na biblioteca escolar.

Talvez esta seja a maior crítica ao PNBE: manter-se exclusivamente na distribuição de livros e não investir na formação de profissionais mediadores de leitura. Essa estratégia deveria ser acrescida às políticas públicas de melhoria e de implantação de bibliotecas. Percebemos, portanto, necessária a discussão dessa temática e também a pesquisa sobre esse Programa de tamanha magnitude focado na distribuição de livros literários.

Nesse sentido, para que tenhamos melhor entendimento do PNBE, a sequência do estudo traz informações referentes aos seus pormenores, como sua implementação, as formas de distribuição às escolas públicas de todo o país e algumas reflexões sobre as principais dificuldades apresentadas em estudos anteriores.

3.1 CONCEPÇÃO

O Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) foi criado em 1997 e seu principal objetivo é democratizar o acesso a obras de literaturas brasileira e estrangeira, infantis e juvenis, além de fornecer materiais de pesquisa e de referência a professores e alunos das escolas públicas brasileiras. O programa é coordenado pela Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (SEB/MEC), em parceria com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

A iniciativa destina-se à composição e distribuição de acervos para as bibliotecas das escolas públicas brasileiras que atendem aos segmentos da Educação Básica – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

De acordo com os discursos oficiais, o PNBE é apontado como

uma ação pública de incentivo à leitura, como parte de uma política educacional, que tem por princípios proporcionar melhores condições de inserção dos alunos das escolas públicas na cultura letrada, durante o período de sua escolarização. Integra, no contexto da sociedade brasileira, uma forma de reverter uma tendência histórica de restrição do acesso aos livros e à leitura, como bem cultural privilegiado a limitadas parcelas da população. A instituição, pelo Ministério da Educação, de uma política de formação de leitores, é, portanto, condição básica para que o poder público possa atuar sobre a democratização das fontes de informação, sobre o fomento à leitura e à formação de alunos e professores leitores. (BRASIL, 2008, p. 7).

Portanto, o investimento contínuo na avaliação e distribuição de obras de literatura tem por objetivo fornecer aos estudantes e seus professores materiais de leitura variados para promover tanto a leitura literária, como fonte de fruição e reelaboração da realidade, quanto a leitura como instrumento de ampliação de conhecimentos, em especial o aprimoramento das práticas educativas entre os professores (BRASIL, 2008).

O PNBE é um programa federal de grande investimento financeiro, conforme demonstram os dados numéricos divulgados pelo Ministério da Educação (MEC), que serão apresentados na sequência do capítulo; contudo, seus acervos não estão sendo dinamizados como merecem. Igualmente, constatamos que o investimento em materiais de leitura não inclui verbas destinadas à formação de professores leitores. O modelo de intervenção adotado pelo PNBE privilegia um único aspecto da política de formação de leitores: a compra e a distribuição de livros às escolas e aos alunos.

Atualmente, o Programa atende de forma universal e gratuita a todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar, sendo dividido em três ações¹⁴:

- a) PNBE Literário¹⁵ consiste na avaliação e distribuição de obras literárias, cujos acervos são compostos por textos em prosa, em verso, livros de imagens e livros de história em quadrinhos. O PNBE é composto pelos seguintes gêneros literários: obras clássicas da literatura universal; poema; conto, crônica, novela, teatro, texto da tradição popular; romance; memória, diário, biografia, relatos de experiências; livros de imagens e histórias em quadrinhos. As obras são distribuídas em três tipos de acervos, que são conferidas às escolas de acordo com alguns critérios, os quais serão pormenorizados na sequência do capítulo.
- b) PNBE Periódicos distribui periódicos de conteúdo didático e metodológico para as escolas da educação infantil, ensino fundamental e médio. O acervo é destinado a aprimorar o processo de ensino e apoiar a formação e atualização do corpo docente e da equipe diretiva da escola, sendo que as publicações são enviadas às escolas durante o ano letivo.
- c) PNBE do Professor tem por objetivo apoiar a prática pedagógica dos professores da educação básica e também da Educação de Jovens e Adultos por meio da distribuição de obras de cunho teórico e metodológico, para ajudar os professores na preparação dos planos de ensino e na aplicação de atividades em sala de aula com os alunos. Essa ação teve sua primeira edição em 2010 e, em 2013, obras voltadas para a educação infantil foram incluídas. Desse modo, o PNBE do Professor passou a ter acervo em seis categorias: educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental regular, anos finais do ensino fundamental regular, ensino médio regular, ensino fundamental da educação de jovens e adultos e ensino médio da educação de jovens e adultos.

¹⁴ Informações obtidas no site do FNDE (www.fnde.gov.br).

¹⁵ O termo “literário” não consta nos documentos oficiais, mas é utilizado neste trabalho para diferenciar o acervo de obras literárias do acervo de periódicos e obras de referência.

Ao longo da história do Programa, a distribuição dos livros de literatura tem sido realizada por meio de diferentes ações: em 1998, 1999 e 2000, os acervos foram enviados para as bibliotecas escolares; em 2001, 2002 e 2003, o objetivo era que os alunos tivessem acesso direto a coleções para uso pessoal e também levassem obras representativas da literatura para seus familiares; por isso, essas edições do Programa ficaram conhecidas como Literatura em Minha Casa.

A partir de 2005, após inúmeras discussões coordenadas pela SEB/MEC, o PNBE retomou a distribuição de livros de literatura para as bibliotecas escolares; nesse ano, com foco nas bibliotecas de escolas públicas de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental. Em 2007, dando prosseguimento a essa ação, foram distribuídos livros de literatura para as escolas públicas de 5ª a 8ª séries. Em 2008, as escolas das séries/anos iniciais do Ensino Fundamental e instituições de Educação Infantil foram contempladas.

O atendimento às instituições é feito em anos alternados: em um ano são contempladas as escolas de educação infantil, de ensino fundamental (anos iniciais) e de educação de jovens e adultos. Já no ano seguinte, são atendidas as escolas de ensino fundamental (anos finais) e de ensino médio.

3.2 EXECUÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO

As ações do PNBE, de acordo com os documentos oficiais¹⁶, são executadas de forma centralizada, com o apoio logístico das escolas públicas, prefeituras e secretarias estaduais e municipais de educação.

Primeiramente, o FNDE elabora edital que estabelece as regras para a inscrição e avaliação das coleções de literatura, de pesquisa, de referência e outros materiais relativos ao currículo nas áreas de conhecimento da educação básica. Publicado no *Diário Oficial da União* e disponibilizado na internet, o documento determina as regras de aquisição e o prazo para a apresentação das obras pelas empresas detentoras de direitos autorais. De posse do Edital, candidatam-se à instituição parceira na execução desse Programa por meio de encaminhamento de suas propostas, nas quais é exposto de modo minucioso o processo de avaliação a ser utilizado.

¹⁶ As informações referentes à execução e à implementação do Programa, referidas no decorrer desta seção, estão baseadas nas referências obtidas no *site* oficial do FNDE (www.fnnde.gov.br).

A avaliação e a seleção das obras do PNBE são realizadas por equipes de mestres e doutores de universidades federais, profissionais com múltiplas experiências, entre as quais a docência na educação básica e a formação de professores. Desde o PNBE de 2006 até a atual edição do PNBE, a avaliação pedagógica tem sido coordenada pelo Centro de Alfabetização Leitura e Escrita – Ceale/Fae/UFMG. Até o ano de 2013, a instituição recebia carta-convite para participar desse processo. Em 2015, a aprovação da instituição se deu por meio de edital de licitação.

O Ceale é um órgão complementar da Faculdade de Educação da UFMG, criado em 1990, com o objetivo de integrar grupos interinstitucionais de pesquisa, ação educacional e documentação na área da alfabetização e do ensino de Português. Para isso, conta com a participação de professores de diferentes faculdades da UFMG, de outras instituições de ensino superior e de diferentes redes de ensino.

O processo de avaliação das obras estabelecido pelo Ceale, ao longo das últimas edições do PNBE, tem se regulado pela democratização e descentralização da avaliação, já que, como mencionado, reúne avaliadores de diferentes estados e instituições de ensino do Brasil. O Centro empenha-se, segundo Maciel (2008), na tarefa de poder possibilitar a elaboração de políticas e a execução de ações sistemáticas e eficazes de fortalecimento do PNBE, das bibliotecas escolares e da formação de leitores no Brasil.

Ainda, a autora entende que o trabalho de avaliação das obras pelo Ceale permite o acesso dos docentes a novos títulos e espera que esses mesmos docentes, em contato com novos textos, “rememorem textos idos e vividos, se projetem no tempo e no espaço e também se renovem como leitores fazedores de novos leitores.” (MACIEL, 2008, p. 17). As ações governamentais e o trabalho dos avaliadores do Ceale direcionam-se a essa perspectiva, tentando promover a mediação docente na dinamização dos acervos do Programa.

A avaliação das obras literárias leva em consideração o acesso a diferentes gêneros textuais, orientando-se por meio de três critérios básicos, contemplados nos editais: qualidade textual, temática e gráfica:

- a) qualidade textual: esse critério considera que o texto literário deve contribuir com a ampliação do repertório linguístico e propiciar o prazer pela leitura. Nesse sentido, avalia-se a qualidade textual e o trabalho estético com a linguagem;
- b) qualidade gráfica: esse critério preocupa-se em garantir à obra equilíbrio entre o texto principal, as ilustrações e as várias intervenções gráficas que conduzem o leitor para dentro e para fora do texto principal. Deve ser legível do ponto de vista tipográfico,

espaçamento entre letras, palavras e linhas, alinhamento do texto e da qualidade do papel e de impressão;

- c) qualidade temática: esse critério preocupa-se com a diversidade temática, com os diferentes contextos sociais, culturais e históricos. Observa-se a capacidade de motivar a leitura, o potencial para estimular novas leituras, a adequação às expectativas e à faixa etária dos leitores, as possibilidades de ampliação das referências do universo cultural do aluno e a exploração artística dos temas.

Os referidos critérios buscam garantir maior qualidade às obras, visando a uma melhor utilização dos acervos do Programa pela escola, pretendendo atingir os objetivos da política de formação de leitores.

De acordo com Maciel (2008, p. 13),

mais do que conhecer as obras valorizadas do passado, é essencial que o estudante saiba como se localizar em um universo letrado, com fluxos de informações cada vez mais acessíveis e velozes. A leitura do texto literário, em seus diferentes gêneros, proporciona ao aluno essa localização cultural, contribuindo de maneira única para a formação de um leitor crítico e capaz de articular o mundo das palavras com o seu eu mais profundo e a comunidade onde ele se insere.

É essa preocupação que impulsiona professores, escola e governo a se preocuparem com a constituição de bibliotecas escolares. No escopo dessa preocupação, insere-se a aquisição de obras literárias pelo PNBE.

É critério, ainda, para constituição dos acervos a seleção, entre as obras consideradas de qualidade, nas três categorias (prosa, verso e imagem) daquelas que representam diferentes níveis de dificuldade, de modo a atender crianças em diferentes estágios de compreensão dos usos e funções da escrita e de aprendizagem da língua escrita.

Segundo Maciel (2008, p. 16), esse critério possibilita “formas diferentes de interação com o livro: a leitura autônoma da criança (de livros só de imagens, de livros em que a imagem predomina sobre o texto verbal, quando este é reduzido a poucas palavras) e a leitura mediada pelo professor.” Essa estratégia suscita a formação de leitores críticos, reflexivos, autônomos e acostumados com as diferentes linguagens.

Um dado relevante no histórico do PNBE, lembrado por Montuani (2012), é que, no ano de 2005, os acervos de literatura foram selecionados por representantes de escolas de 1ª a 4ª séries cadastradas no Censo Escolar do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC). Através de uma carta convite enviada pelo MEC,

algumas escolas puderam participar pela primeira vez da escolha dos acervos que seriam distribuídos para todas as escolas públicas do país.

Essa iniciativa possibilitou melhor conhecimento das obras e favoreceu uma escolha mais consciente; para isso, foi disponibilizada, no *site* do FNDE, uma resenha de cada título do acervo. Segundo Montuani (2012, p. 88), “houve, assim, uma aproximação do profissional da escola com o Programa, além disso, pôde-se atender às expectativas e necessidades das bibliotecas escolares, uma vez que os profissionais elegiam acervos que mais se adequassem à realidade de sua prática pedagógica.”

Após avaliação e seleção das coleções e acervos, o FNDE inicia o processo de negociação com as editoras. A aquisição é realizada por inexigibilidade de licitação, prevista na Lei n. 8.666/93, tendo em vista os direitos autorais das obras. Concluída a negociação, o FNDE firma contrato e informa os quantitativos e as localidades de entrega para as editoras, que dão início à produção dos livros, com supervisão integral dos técnicos do FNDE. O Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) é responsável por coletar amostras e realizar o controle de qualidade dos livros, de acordo com as normas técnicas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), as normas ISO e os manuais de procedimentos de ensaio pré-elaborados.

A distribuição dos livros é feita diretamente das editoras às escolas ou, dependendo do tipo de acervo, das editoras a um centro de mixagem, para formação das coleções e posterior envio às escolas. A distribuição do PNBE é feita pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT). Essa etapa do PNBE conta com o acompanhamento de técnicos do FNDE e das secretarias estaduais de educação. Em se tratando de escolas das zonas rurais, os acervos são entregues na sede das prefeituras ou das secretarias municipais de educação, que devem distribuí-los às escolas. Nem sempre esses acervos são abertos e disponibilizados aos integrantes da comunidade escolar.

Montuani (2012)¹⁷ comenta os resultados de sua pesquisa sobre o PNBE, por meio da qual buscou verificar nas escolas da rede municipal de Belo Horizonte, entre outros aspectos, o conhecimento do Programa e se a política de distribuição estava sendo efetivada no que se refere à chegada dos livros na biblioteca da escola.

¹⁷ Referente à dissertação de mestrado *O PNBE/2005 na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte: uma discussão sobre os possíveis impactos da política de distribuição de livros de literatura na formação de leitores*, defendida no Programa de Pós-graduação em educação da FAE/UFMG, em agosto de 2009, sob a orientação da professora Aparecida Paiva. Os dados dessa pesquisa foram acessados por meio do artigo: MONTUANI, Daniela. Acervos de literatura chegam na escola? In: PAIVA, Aparecida (Org.). *Literatura fora da caixa: o PNBE na escola: distribuição, circulação e leitura*. São Paulo: Unesp, 2012. p. 77-110.

Por meio da pesquisa, que entrevistou 176 pessoas, 78% dos entrevistados disseram conhecer o programa. Contudo, em uma análise mais profunda, percebeu-se a fragilidade dessa afirmação, visto que 71% dos profissionais afirmaram que o conhecimento se deu a partir da chegada dos livros na escola. As entrevistas revelaram, ainda, que os profissionais entrevistados não conheciam o programa PNBE, mas os livros das caixas do FNDE que chegavam à escola, o que revelou, segundo Montuani (2012), uma não diferenciação entre o que é o programa e o seu órgão financiador. Ainda, conforme a pesquisadora, 7% afirmaram ter tomado conhecimento do programa apenas quando da chegada dos ofícios do MEC e 6% pelas informações repassadas por bibliotecários.

A pesquisadora relata ainda que

deparamo-nos com o conhecimento do acervo, mas espantamo-nos com o fato de haver pouquíssimos relatos que demonstrem um conhecimento maior do PNBE e apresentem com clareza as demais características do programa. Notamos que, também, eram ignorados seus objetivos referentes à formação de leitores literários. (MONTUANI, 2012, p. 81).

Outro aspecto observado na pesquisa refere-se ao recebimento dos acervos na biblioteca da escola. Das 148 escolas selecionadas, 86% receberam o acervo, 9% não souberam informar sobre o recebimento e apenas 5% declararam o não recebimento dos acervos, o que correspondeu a oito escolas. Dessas oito escolas, apenas cinco não tiveram recebimento, sendo que, de três delas, duas não possuíam turmas que correspondiam ao foco da distribuição e uma era voltada para o Ensino Especial e seus alunos não liam.

Nas escolas que não souberam informar sobre o recebimento (9%), os responsáveis pela biblioteca estavam no cargo havia pouco e não sabiam da existência desse programa. Nessas escolas, encontraram-se nas estantes alguns livros com o selo do PNBE/2005.

A pesquisa ainda destacou que, em 95% das escolas que receberam o acervo, os livros estavam disponibilizados nas estantes para uso coletivo, 2% não sabiam onde os livros estavam, em outros 2% os livros estavam em caixas e em 1% os livros ainda estavam sendo catalogados. São dados que surpreendem em relação às notícias que temos da realidade das escolas.

Em contrapartida, algumas pesquisas já demonstraram que em muitas escolas os livros não são usados, ficando trancados em armários na sala da direção ou na própria biblioteca. Um desses estudos foi apresentado por Pereira (2011)¹⁸, que teve como um dos aspectos

¹⁸ Referente à monografia de final de curso *O PNBE nas UMEIs de Belo Horizonte: Literatura Infantil distribuída, literatura incluída?*, defendida no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da

analisados a distribuição de livros de literatura do PNBE para as bibliotecas escolares das Unidades Municipais de Educação Infantil (UMEIs) de Belo Horizonte, enfocadas as edições de 2008 e 2010.

A pesquisadora observou que, das 40 pessoas indagadas sobre o conhecimento do programa, apenas duas afirmaram conhecer e saber o que realmente significa o PNBE, o que representa 8% dos entrevistados. Uma das pessoas referiu que conhecia o programa, mas não sabia com certeza do que se tratava, a outra conhecia com profundidade, visto ter tomado conhecimento pelo curso de biblioteconomia que estava concluindo. As demais não tinham nenhum conhecimento do programa, apenas sabiam que a escola recebia os livros do FNDE, porque viam esse nome nas caixas, o que igualmente foi referido por Montuani (2012).

Em relação à chegada dos acervos nas UMEIs de Belo Horizonte, a pesquisa de Pereira (2011) constata que, das 40 UMEIs pesquisadas, os acervos do PNBE foram encontrados apenas em duas, o que representa 5% das escolas. Uma das escolas recebeu o acervo da forma correta, por meio da escola polo, nas caixas originais e ainda lacradas. A outra escola recebeu o acervo destinado a uma escola estadual que, anteriormente, ocupava o espaço da atual UMEI, ou seja, recebeu o acervo por engano, pois foi enviado com o objetivo de atender à escola estadual.

Embora as pesquisas tenham substanciais diferenças em relação aos dados de conhecimento do Programa e recebimento dos acervos, algumas observações merecem destaque. Em princípio, destacamos o pouco – ou nenhum – conhecimento em relação ao Programa, seus materiais de leitura e seus objetivos por parte dos responsáveis pelas bibliotecas escolares. O conhecimento do Programa se dá, na maioria das vezes, quando da chegada dos livros às escolas. Essa questão se explica, em princípio, pela inexistência de divulgação do Programa, o que, de acordo com Pereira (2011, p. 53), “faz com que as instituições de ensino apenas recebam caixas de livros sem saberem ao menos que esses livros foram cuidadosamente selecionados com foco no público alvo que o receberá.” Inclusive, as instituições não têm conhecimento de que os acervos passam por criteriosa seleção e avaliação, fazem parte de uma política pública que visa ampliar e democratizar o acesso ao livro e que possui grande esforço intelectual e alto investimento financeiro por parte do governo.

Outra pesquisa traz um novo viés sobre a recepção e dinamização dos acervos do PNBE. A pesquisa de Kich (2011)¹⁹, relativa ao acervo do PNBE de 2008, revela que, nas duas escolas municipais de Caxias do Sul/RS pesquisadas, os docentes responsáveis pelas bibliotecas conferem atenção diferenciada para o acervo novo que chega à escola, expondo-os em estantes próprias, etiquetando-os de maneiras diferentes, incentivando a leitura e até fazendo “propaganda” desses materiais.

De acordo com a pesquisadora,

uma das professoras bibliotecárias afirmou que, se a professora apresenta o livro aos alunos e trabalha com ele de forma diferenciada (lendo a história ou uma parte dela, falando sobre o autor, ou até mesmo somente mostrando a capa), a curiosidade dos alunos é despertada e eles se mostram mais interessados para a leitura. (KICH, 2011, p. 71).

Percebemos, dessa forma, um olhar e uma preparação diferenciada para acolher os acervos do programa. Ainda de acordo com a pesquisadora, as diferenças iniciam desde a contratação dos docentes que irão atuar nas bibliotecas da rede municipal de Caxias do Sul.

Kich (2011) refere que

o professor necessita, para trabalhar na biblioteca de uma escola da rede municipal de ensino, apresentar um projeto que contemple questões de leitura e apropriadas para esse ambiente, o qual deve ser aprovado pela equipe diretiva e pelos demais colegas.

Nesse sentido, investir na formação e capacitação do professor responsável pela biblioteca escolar é primordial para melhor recepção dos acervos do PNBE e um trabalho diversificado com as obras literárias.

Os aspectos citados anteriormente remetem a uma realidade em que as escolas têm desenvolvido um trabalho apropriado para com a leitura. E isso é revelado nos índices do IDEB das instituições da investigação, em relação à prova que avalia competências dessa área. No entanto, esses índices são baixos se comparados com outros países, porque o Brasil não está entre os melhores em relação à avaliação da Educação. Isso mostra que ainda falta um preparo no país, comprovando que algo precisa ser feito para obter melhorias. [...] Considera-se que a questão da formação de professores está relacionada a tais índices e à qualidade do ensino. Dessa forma, investir em cursos de capacitação e fazer com que os professores participem é um tópico primordial para a melhoria da qualidade do ensino nas escolas. (KICH, 2011, p. 71).

¹⁹ Referente à dissertação de mestrado *Mediação de leitura literária: o programa nacional biblioteca da escola (pnbe)/2008*, defendida no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, no ano de 2011, de autoria de Morgana Kich e orientação da professora Flávia Brocchetto Ramos.

Embora a pesquisa de Kich (2011) tenha obtido resultados diferentes das demais pesquisas apresentadas neste capítulo, consideramos que, para os objetivos do PNBE serem coerentes, é necessária uma política pública de formação de leitores.

Essa estratégia é imprescindível para os docentes responsáveis pelas bibliotecas escolares, os quais estão em contato direto com os estudantes e com o acervo distribuído às bibliotecas, para que se desenvolvam como mediadores de leitura no espaço escolar, conhecendo os acervos, objetivos e, a partir deles, desenvolvendo ações eficazes. É necessária a articulação das secretarias de educação e do governo federal para melhorar a distribuição e o conhecimento do programa.

3.3 DADOS NUMÉRICOS

No ano de 2013, o PNBE atendeu às escolas de Ensino Fundamental (anos finais) e de Ensino Médio de toda rede pública do país. Na sequência, apresentam-se os dados numéricos referentes à distribuição de acervos às bibliotecas escolares das escolas públicas no ano de 2013.

A Tabela 1 informa os dados referentes ao PNBE Literário de 2013.

Tabela 1 – Dados de Atendimento ano 2013 – PNBE Literário - Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio

Ano de Aquisição	Segmento de Ensino	Acervos Distribuídos	Escolas Beneficiadas	Livros Distribuídos	Investimento Total R\$
PNBE LITERÁRIO 2013	Ensino Fundamental (6º ao 9º ano)	50.556	86.794	5.207.647	56.677.338,63
	Ensino Médio	19.144	36.981	2.218.884	29.704.045,58
Total		69.700	123.775	7.426.531	86.381.384,21

Fonte: Tabela construída a partir de dados obtidos através do site do FNDE (<http://www.fnde.gov.br/>).

A Tabela 2 informa os dados referentes ao PNBE Periódicos de 2013.

Tabela 2 – Dados de atendimento ano 2013 – PNBE Periódicos - Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio

Programa	Escolas Beneficiadas	Periódicos Distribuídos	Investimento Total R\$
PNBE PERIÓDICOS 2013	153.840	14.885.649	57.072.470,94

Fonte: Tabela construída a partir de dados obtidos através do site do FNDE

A Tabela 3 mostra os dados referentes ao investimento do PNBE do Professor em 2013.

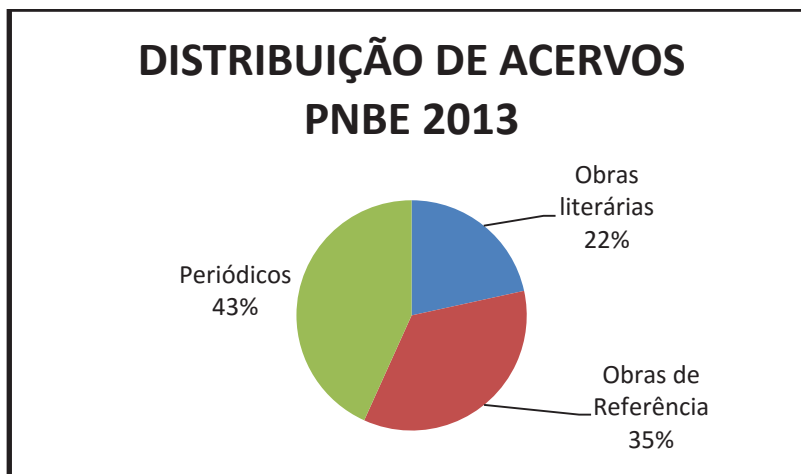
Tabela 3 – Dados de atendimento ano 2013 – PNBE do Professor - Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio

Programa	Segmento de Ensino	Escolas Beneficiadas	Acervos Distribuídos	Livros Distribuídos	Investimento Total R\$
PNBE DO PROFESSOR 2013	Educação Infantil Creche e Pré-escola	87.232	106.626	2.132.520	18.782.370,54
	Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano)	109.822	149.510	4.485.300	38.086.730,30
	Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano)	50.740	102.955	3.088.650	26.751.900,15
	Ensino Médio	19.290	62.177	1.865.310	17.006.450,05
	Educação de Jovens e Adultos - Ensino Fundamental	31.967	43.797	437.970	3.139.931,01
	Educação de Jovens e Adultos - Ensino Médio	7.550	19.406	97.030	833.774,54
Total		153.751	484.471	12.106.780	104.601.156,59

Fonte: Tabela construída a partir de dados obtidos através do site do FNDE

De acordo com os dados numéricos apresentados pelo FNDE, observamos que, ao todo, foram distribuídas 7.426.531 obras literárias, 14.885.649 periódicos e 12.106.780 obras de referência para o professor, no ano de 2013, totalizando 34.418.960 materiais distribuídos.

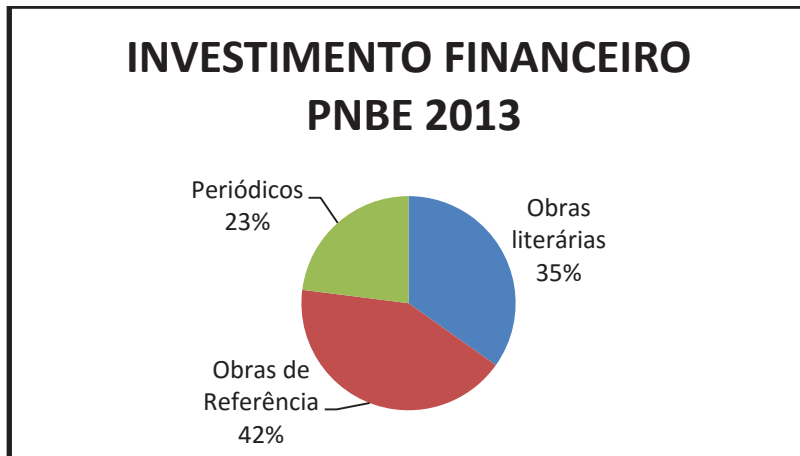
Gráfico 1 – Distribuição de Acervos PNBE 2013.



Em relação ao investimento financeiro, R\$ 86.381.384,21 foram gastos com obras literárias e R\$ 57.072.470,94 com periódicos; já o investimento em obras de referência para o

professor alcançou o valor de R\$ 104.601.156,59. Dessa forma, o investimento do programa na distribuição de livros e periódicos às bibliotecas escolares, no ano de 2013, foi de R\$ 248.055.011,74, o que consideramos alto valor que dinamiza o mercado editorial do país.

Gráfico 2 – Investimento financeiro PNBE 2013



A partir dos dados, percebemos a magnitude e a abrangência do Programa, bem como o alto investimento financeiro disponibilizado na distribuição dos acervos literários, de periódicos e obras de referência.

Conforme mencionado no início do capítulo, o PNBE destina-se exclusivamente à distribuição de livros; dessa forma, os números mostrados referem-se somente a essa demanda, não incluindo demais custos e posterior investimento do Programa.

3.4 CRITÉRIOS DE ATENDIMENTO ÀS ESCOLAS

A quantidade de obras e acervos a serem distribuídos às escolas para cada segmento de ensino é estabelecida pelo MEC e o atendimento às instituições segue alguns critérios.

A seguir, as tabelas demonstram os critérios de atendimento às escolas em relação à distribuição dos acervos:

Tabela 4 – Critérios de Atendimento ano 2013 – PNBE Literário - Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio

Ano de aquisição	Segmento de Ensino	Quantidade de Obras	Quantidade de Obras por Acervo	Critério de Atendimento
PNBE 2013	Anos Finais do Ensino	180	3 tipos de acervos com 60 títulos diferentes	Escolas com até 250 alunos: 1 acervo

Ano de aquisição	Segmento de Ensino	Quantidade de Obras	Quantidade de Obras por Acervo	Critério de Atendimento
	Fundamental		cada	Escolas com 251 a 500 alunos: 2 acervos diferentes
	Ensino Médio	180	3 tipos de acervos com 60 títulos diferentes cada	Escolas com mais de 500 alunos: 3 acervos diferentes

Fonte: Tabela construída a partir de dados obtidos através do site do FNDE

Tabela 5 – Critérios de Atendimento 2013 – PNBE Periódicos - Educação Infantil, Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio

Programa	Título	Quantidade de Edições	Beneficiários	Critério de atendimento por tamanho da escola
PERIÓDICOS 2013	Carta Fundamental	10	Categoria 1	1 a 250 alunos: 1 exemplar
	Nova Escola	10	Educação Infantil, Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Magistério/Normal	251 a 500 alunos: 2 exemplares
	Pátio Educação Infantil	4		501 a 750 alunos: 3 exemplares
	Ciência Hoje das Crianças	11		
	Cálculo Matemática para Todos	12	Categoria 2	751 a 1000 alunos: 4 exemplares
	Língua Portuguesa	12	Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio	
	Carta na Escola	10		1001 a 1250 alunos: 5 exemplares
	Filosofia, Ciência e Vida	12		
	Pátio Ensino Médio, Profissional e Tecnológico	4		1251 alunos ou mais: 6 exemplares
	Revista de História da Biblioteca Nacional	12		
	Presença Pedagógica	6	Categoria 3	1 a 500 alunos: 1 exemplar
Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio			501 a 1000 alunos: 2 exemplares	
			1001 ou mais alunos: 3 exemplares	

Fonte: Tabela construída a partir de dados obtidos através do site do FNDE

Os critérios de atendimento às escolas demonstram a preocupação do Programa para que a distribuição contemple, de forma igualitária, todos os estudantes da rede pública de ensino. Contudo, para que esse acervo chegue até as mãos dos estudantes, a escola tem de torná-lo disponível, de forma eficaz e criativa, contemplando os objetivos do programa, preparando seus professores.

3.5 DINAMIZAÇÃO DOS ACERVOS

O PNBE tem como objetivo principal a formação de leitores, atuando com o foco inicial na distribuição de material literário de qualidade. Sem livros não há leitura; contudo, sabemos que somente distribuir livros não garante esse objetivo.

Percebemos, nos discursos oficiais do governo, menções em relação à importância de um trabalho direcionado que alcance os alunos pela dinamização dos acervos literários enviados às escolas do país. Beremblum (2006, p. 9) menciona que

a instituição de uma política de formação de leitores é condição básica para que o poder público possa atuar sobre a democratização das fontes de informação, sobre o fomento à leitura e à formação de alunos e professores leitores. Além disso, ela se constitui, no contexto da sociedade brasileira, uma forma de reverter a tendência histórica de restrição do acesso aos livros e à leitura, como bem cultural privilegiado, a limitadas parcelas da população.

Para tanto, o Ministério da Educação lançou a publicação *Por uma política de formação de leitores*, buscando propor estratégias de dinamização dos acervos enviados às escolas públicas de todo o país, considerada uma proposta de ação pública e conjunta de formação de leitores e de incentivo à leitura, que tem por princípio proporcionar melhores condições de inserção dos alunos das escolas públicas na cultura letrada, no momento de sua escolarização.

O documento comporta um breve histórico do MEC na área da leitura, do livro e da biblioteca escolar e, ainda, apresenta dados da pesquisa avaliativa realizada pela SEB sobre o impacto da distribuição de livros realizada no âmbito do Programa Nacional Biblioteca da Escola/PNBE, expressando o compromisso do MEC com a formação de leitores e com o debate sobre a leitura e sua mediação. O PNBE é, portanto, uma das ações da política que compreende a ampliação e a implementação de bibliotecas escolares e dotação de acervos.

Entretanto, Beremblum (2006, p. 27) questiona:

Qual pode ser, então, a opção para que se consiga equilibrar o custo social de longo prazo com as necessidades imediatas de investimento na área, pensando-se uma rede de bibliotecas escolares adequadas, com mediadores de leitura capazes de propiciar práticas e eventos de leitura no sentido de produzir novos leitores, favorecendo o acesso à cultura letrada e, conseqüentemente, evitando novas formas de exclusão social?

Essa é, sem dúvida, a maior dificuldade apontada em relação ao PNBE, pois o modelo de intervenção adotado pelo Programa privilegia um único aspecto da política de formação de leitores: a compra e a distribuição de livros às escolas e aos alunos. Cademartori (2012) considera que a falta de uso dos acervos distribuídos pelo PNBE explica-se, em parte, pela falta de investimento na formação de mediadores de leitura. Contudo, o investimento financeiro na formação de mediadores de leitura por meio da dinamização dos acervos, conforme prevê a política, não faz parte das ações do programa.

Na pesquisa de Montuani (2012), mencionada anteriormente, 30% dos responsáveis por bibliotecas escolares afirmaram realizar alguma atividade com o acervo quando de sua chegada à escola. No entanto, a maioria das atividades (36%) restringiu-se em apresentar os livros novos aos professores e alunos, expondo-os em estantes na biblioteca. Na pesquisa de Pereira (2011), as duas escolas que receberam os acervos mantinham-nos ainda nas caixas, guardados em estantes e não haviam disponibilizado os livros aos estudantes.

Essa observação, além de demonstrar a falta de conhecimento da magnitude do Programa e da qualidade dos livros, reitera a importância de esforços em ações de disponibilização e dinamização dos acervos do PNBE na biblioteca escolar. Pereira (2011, p. 54), em suas considerações, defende que “afinal, o que todo livro deseja, se assim o pudesse, seria pertencer a uma bela biblioteca que o ressaltasse, divulgasse e fizesse dele um organismo vivo dentro daquele espaço.” Com esse pensamento, a biblioteca escolar precisa ser pensada e preparada para receber os estudantes, e também os acervos, tornando-se um espaço ativo, apropriado para o estímulo à apreciação dos livros e colocando a criança em contato com a diversidade de linguagens, valorizando as obras e as leituras que ali ocorrem.

Ainda do ponto de vista do profissional responsável pelas bibliotecas, a inexistência de profissionais capacitados para a função, enquanto mediadores de leitura que são leitores, configura-se como um dos grandes problemas. A figura mais comum encontrada nesse espaço é a de professores readaptados, ou seja, desviados de função por problemas de saúde, que desconhecem o Programa, não o diferenciando dos livros didáticos ou obras de referência e não percebendo a importância da realização de atividades de dinamização dos acervos. Quando os profissionais não se enquadram nos parâmetros anteriormente mencionados, percebemos certa desmotivação e desânimo na realização de atividades diferenciadas na biblioteca escolar.

É fundamental que os mediadores de leitura conheçam os acervos do PNBE, visto ser um programa de grande investimento por parte do governo federal, o qual envia anualmente a todas as escolas públicas do país um grande número de obras literárias e de referência, as

quais, conforme Montuani (2012), são de qualidade e passam por uma avaliação rigorosa. É importantíssimo que esse “*corpus* literário” seja competentemente aproveitado pela instituição escolar e que os mediadores de leitura, em especial os responsáveis pela biblioteca escolar, utilizem-no de forma proveitosa e criativa.

Como tentativa de aproximar os docentes dos acervos do PNBE, a Fundação SM²⁰ teve a iniciativa de procurar a Comunidade Educativa CEDAC²¹ e propor a elaboração do Caderno de Orientações para o uso pedagógico e formativo dos acervos do PNBE do Professor²², o qual tem a finalidade de contribuir para que os materiais existentes na escola, em especial as obras destinadas aos professores, colaborem para a garantia de aprendizagem de qualidade para todos os estudantes.

A publicação é composta por orientações gerais de aproximação e estudo dos acervos no contexto da formação continuada²³ dos docentes, considerando as características e os temas dos materiais disponíveis. De acordo com a publicação, o objetivo é que os educadores possam utilizar e interpretar os livros do acervo, reconhecendo-os como parceiros de sua prática.

Nesse sentido, o Caderno apresenta estratégias formativas para usos do acervo, que se constituem em sequências de atividades que podem ser desenvolvidas pelos docentes da escola no contexto das reuniões pedagógicas, organizadas pela gestão escolar. As sequências são exemplos de estratégias que buscam potencializar o uso do acervo, apresentando exemplos de disponibilização dos acervos, passos de análise e seleção das obras, sugestões a serem utilizadas em sala de aula e “dicas” para trabalho em grupo.

A iniciativa da Fundação SM, em parceria com a Comunidade Educativa CEDAC, é um significativo esforço para a dinamização do acervo do PNBE do Professor, que pode

²⁰ A Fundação SM busca contribuir para a melhoria da qualidade da educação no Brasil, desenvolvendo, em parceria com os governos federal, estadual e municipal, instituições privadas e organismos internacionais, diversos projetos de estímulo à formação continuada e valorização do professor, fomento à leitura e produção literária, apoio a atividades e projetos socioeducativos e pesquisa educacional. Mais informações sobre a fundação SM no link: <<http://www.edicoessm.com.br#!/fundacaosm>>.

²¹ A comunidade educativa CEDAC busca apoiar os profissionais da educação no desenvolvimento de conhecimentos e práticas que resultem na oferta de uma educação pública de qualidade, com foco no aprimoramento contínuo dos processos de ensino, gestão em rede e participação comunitária. Mais informações sobre a Comunidade Educativa no link: <<http://www.comunidadeeducativa.org.br/>>.

²² Caderno de Orientações para o uso pedagógico e formativo dos acervos do Programa Nacional Biblioteca da Escola/PNBE do Professor. Disponível em: <<http://www.comunidadeeducativa.org.br/wp-content/uploads/2015/06/123.pdf>>.

²³ De acordo com a Lei 11.738, de 16 de julho de 2008, artigo 2, parágrafo 4, “na composição da jornada de trabalho, observar-se-á o limite máximo de 2/3 (dois terços) da carga horária para o desempenho das atividades de interação com os educandos”, compreendendo que o restante de um terço será destinado à hora-atividade.

servir como exemplo a ser estendido para a dinamização do PNBE Literário, destinado aos estudantes.

A partir do entendimento decorrido no capítulo em relação à proposta do PNBE e dos objetivos da Política de Formação de Leitores, bem como da realidade observada nas escolas públicas de todo o país, é essencial estudos que busquem avaliar o programa e suas implicações nas escolas atendidas.

3.6 AVALIAÇÃO DO PROGRAMA

O Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) – seus objetivos, concepção e suas implicações no cotidiano das escolas públicas de todo país – já foi alvo do olhar de vários estudiosos²⁴, os quais teceram considerações, entre outros aspectos, sobre a chegada dos acervos na escola, a disponibilização dos livros e a utilização das obras em práticas de leitura. Algumas dessas observações já foram contempladas no decorrer deste capítulo e serviram para confirmar alguns quesitos e ponderações desta pesquisa.

É importante mencionar, nesse contexto, a Avaliação Diagnóstica do PNBE, realizada em 2008, pela Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação em parceria com uma equipe de pesquisadores ligados à Associação Latino-americana de Pesquisa e Ação Cultural (Alpac), do Laboratório de Políticas Públicas (LPP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

De acordo com o documento (BRASIL, 2008), a pesquisa teve a finalidade de investigar a realidade das práticas pedagógicas em torno das obras distribuídas pelo PNBE, por meio de um diagnóstico, que envolveu os seguintes aspectos: o que os docentes, diretores, coordenadores pedagógicos, responsáveis por biblioteca, estudantes e pais pensam sobre os livros de literatura que chegam às escolas; que uso vem sendo feito desses livros; quais são as práticas de leitura e de escrita realizadas nas salas de aula e pelas escolas; que papel a biblioteca tem representado nas escolas públicas.

A pesquisa foi um momento importante nas escolas investigadas, pois provocou os docentes a manifestarem quais as implicações do PNBE percebidas por eles no cotidiano escolar. Observamos, em conformidade com as outras pesquisas mencionadas neste capítulo, o pouco conhecimento de estudantes, professores e gestores sobre o PNBE, sua fonte de financiamento e os resultados do Programa, devido à falta de divulgação no momento em que foi implementado e à falta de acompanhamento e avaliação.

²⁴ Pereira (2011), Cirino (2015), Fabrícia Paiva (2008), Brasil (2008), Mota (2012).

De acordo com a Avaliação Diagnóstica do PNBE (Brasil, 2008, p. 9),

nenhum programa de incentivo à leitura, vinculado a políticas educacionais, entretanto, pode subestimar as condições em que a educação escolar vem sendo realizada nas redes públicas deste país. O cotidiano das escolas visitadas pelas equipes, as condições sociais onde estão inseridas, revelam o PNBE como uma ação cultural de baixo impacto em políticas de formação de leitor e produtor de textos. Todo processo educativo se não for capaz de renovar-se de acordo com as novas exigências impostas pelos desafios sociais, como no caso das comunidades vivenciadas na pesquisa, pode perder sua autenticidade e seu poder transformador.

Observamos, nesse sentido, embora seja um programa de grande magnitude e importância no país, sua fragilidade, principalmente quanto ao uso dos acervos. Essa característica é reiterada nas demais pesquisas citadas anteriormente. Ponderamos, contudo, que a ressignificação, para atender às novas exigências sociais, pode resultar em uma nova forma e um novo valor ao Programa, o qual tem, em sua gênese, um potencial modificador e transformador, que é motivado pela leitura.

Semelhante estudo, recentemente disponibilizado, que trouxe significativas contribuições para a percepção do PNBE, foi a pesquisa de Cirino (2015), que buscou verificar e compreender como as escolas da rede pública municipal de Ipameri-Goiás têm se apropriado dos acervos disponibilizados pelo PNBE para promover a formação de alunos leitores no 5º ano do ensino fundamental.

De acordo com a investigadora,

a pesquisa revelou que, para que a apropriação do PNBE aconteça nas escolas, necessita-se de um trabalho consistente, visto que os livros têm chegado às escolas, mas o uso do acervo não tem se efetivado, seja em razão do pouco conhecimento sobre o Programa, pela falta de espaços adequados para a leitura, ou pelo fato de os mediadores não possuírem formação específica. Além disso, as atividades e o tempo disponibilizados para a leitura mostraram-se incipientes, comprometendo a formação de leitores proficientes e ativos e que façam uso social do conhecimento articulado pela leitura. (CIRINO, 2015, p. 7).

Novamente, identificamos a necessidade de um trabalho diferenciado do que vem sendo evidenciado atualmente no Programa, que descentralize a distribuição dos livros e seja focado na formação dos profissionais e na divulgação das ações.

O espaço da biblioteca escolar também foi questionado e investigado nas pesquisas. Em grande parte das escolas, mencionadas por Brasil (2008), esse dispositivo não existia como tal, sendo substituído por salas de leitura, cantinhos ou outros espaços. A inclusão de bibliotecas nos projetos arquitetônicos das escolas foi pouco encontrada, inclusive a dinâmica

da escola acarretava o reaproveitamento das bibliotecas como salas de aula, sempre que havia essa necessidade.

De acordo com a pesquisa,

pensar a biblioteca escolar com características físicas que transcendam a idéia de uma sala com estantes de livros não foi o denominador comum nas escolas visitadas. Pelo contrário, muitas bibliotecas se confundiam com depósitos de livros amontoados sem nenhum critério nem organização e, muitas vezes, encontraram-se os livros empacotados em suas embalagens originais. Outras se reduziam a ‘armariotecas’, os livros encontravam-se guardados em armários trancados a chave, indisponíveis para consulta de alunos ou de professores. (BRASIL, 2008, p. 24).

A não existência de uma biblioteca, organizada como tal, deixa transparecer a importância – ou a falta dela – que esse espaço e os livros que dele fazem parte possuem.

É sabido que em muitas bibliotecas não existem registros dos livros em locais próprios. Quando essas informações estão registradas, não há um mecanismo que faça o controle do acervo, as retiradas, devoluções ou extravios, implicando desconhecimento por parte da comunidade escolar sobre a quantidade e a qualidade das obras de que se dispõe.

Ainda em relação aos resultados obtidos nesta pesquisa, observamos que o profissional que atua nas bibliotecas, na maioria das escolas, não possui formação na área e o que é pior, não entendeu que professor de leitura pressupõe o desenvolvimento de um professor leitor. Identificamos a ausência de cursos que qualifiquem os responsáveis para a função e a pouca valorização da problemática do livro, da leitura e da biblioteca no currículo da maioria dos cursos de formação. A figura mais comum encontrada neste espaço é a do professor readaptado, ou seja, deslocado da função de regente de turma por problemas de saúde (BRASIL, 2008, p. 126).

Em relação aos mesmos quesitos, Cirino (2015) observou em sua pesquisa que cinco escolas declararam possuir biblioteca, constando no Projeto Político Pedagógico esse espaço, bem como suas funcionalidades e a função do bibliotecário. A pesquisadora, ao visitar esses ambientes, percebeu que uma das escolas chamava de biblioteca escolar uma pequena sala, com objetos amontoados e três prateleiras com livros sem nenhum tipo de catalogação do acervo.

Nas instituições, constatamos, em relação ao empréstimo de livros aos alunos, que, em duas escolas, há presença de um professor em readaptação que exerce o cargo de funcionário da biblioteca. Nas demais instituições, essa responsabilidade fica a cargo do professor ou dos funcionários da secretaria, que pegam os livros e se responsabilizam pela devolução e organização.

Essas constatações conferem com os argumentos de outros pesquisadores (MONTUANI, 2012; PEREIRA, 2011) já mencionados no decorrer da pesquisa. Diferentes realidades em diferentes épocas e realizadas por diferentes atores, mas que demonstram resultados semelhantes.

Nesse sentido, um novo pensamento sobre o programa deve perpassar a formação dos docentes, a organização dos espaços e a ampliação da divulgação do programa, para que se propiciem condições básicas à formação de leitores e a leitura exerça seu papel transformador e formativo.

Com essa visão, encaixe-se o presente estudo como um exemplo de esforço coletivo de avaliação do PNBE, de sua política e de suas ações. Igualmente, a intenção da pesquisa é propor alternativas para a dinamização do acervo literário do PNBE na biblioteca da escola pública.

No próximo capítulo, apresentamos o contexto da biblioteca escolar, *corpus* deste estudo, suas particularidades e a visão de estudiosos sobre o que podemos considerar um referencial de biblioteca no âmbito da escola.

4 A REALIDADE DA BIBLIOTECA ESCOLAR NA ESCOLA SELECIONADA

se a escola tiver uma alma, ela habitará na biblioteca

(Heloísa de Almeida Prado)

O presente capítulo apresenta resultados da observação do espaço escolar da biblioteca selecionada, cuja reflexão retoma preceitos teóricos anunciados no capítulo dois. Inclui a estrutura física e os acervos que compõem esse espaço, bem como as ações que nele se desenvolvem. Ainda, aborda a questão dos recursos humanos disponibilizados pela escola para atender à demanda da biblioteca, dando especial atenção ao perfil do profissional que atualmente é responsável pelo ambiente, seu caráter funcional e sua maneira de mediar a leitura. Procedemos a um cotejo entre a realidade da escola e a realidade almejada.

Pretende, ainda, discutir os resultados obtidos na aplicação do instrumento de pesquisa junto aos docentes, o qual buscou levantar aspectos relacionados à formação docente e às práticas de leitura.

4.1 PERCURSO INVESTIGATIVO

Para a realização do presente estudo, os métodos precisam estar bem definidos. Na sequência, apresentamos a descrição dos procedimentos e instrumentos utilizados para a coleta e análise dos dados.

4.1.1 A pesquisa

A definição de pesquisa, de acordo com Prodanov e Freitas (2009, p. 139), é “o modo científico para obter conhecimento da realidade empírica [...] tudo que existe e pode ser conhecido pela experiência. Processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico.” Assim, a presente pesquisa pretende conhecer e analisar a realidade da escola *corpus* deste estudo.

Para isso, realizou-se uma pesquisa exploratória na biblioteca da escola, com o objetivo de proporcionar maior familiaridade com o objeto de estudo, tornando-o explícito ou construindo hipóteses sobre ele (PRODANOV; FREITAS, 2009), cujos dados serviram como subsídios para a construção dos capítulos teóricos e para as propostas de mediação docente no espaço da biblioteca escolar.

Ainda, os procedimentos técnicos podem ser entendidos como uma pesquisa-ação, os quais procuram estabelecer uma relação com uma ação ou um problema coletivo, desempenhando papel ativo na própria realidade dos fatos observados. A abordagem foi qualitativa, cujo ambiente natural é fonte direta para a interpretação de fenômenos e atribuição de significados. (PRODANOV; FREITAS, 2009).

A coleta de dados foi realizada por meio da observação dos espaços, da leitura dos documentos institucionais, do registro de acervos. Realizou-se contato com a direção da escola e com o docente responsável, em conversas informais e na aplicação de instrumento de pesquisa.

A observação dos espaços foi feita no período de novembro a dezembro de 2014, nos horários normais de atendimento aos usuários, sendo registrada por meio de fotografias, acompanhadas pela docente responsável pela biblioteca, buscando reconhecer que ambientes podem ser utilizados e que materiais, mobiliário e equipamentos estão disponíveis aos usuários. Na sequência da observação dos espaços, buscou-se reconhecer qual o perfil dos usuários – professores, funcionários, educandos, comunidade, por meio de informações prestadas pela docente.

Ainda nessa etapa, houve o levantamento das ações que se desenvolvem na biblioteca e o que considera-se atividades positivas ou mesmo atividades negativas no uso da biblioteca escolar. O contato com os documentos institucionais foi feito por meio da leitura da proposta pedagógica da escola, do regimento escolar e de informativos institucionais.

Após essa etapa, efetivou-se a familiarização da pesquisadora com os acervos da biblioteca, pela observação das estantes e armários existentes, de consulta aos livros de registros de acervos e de informações prestadas pela docente responsável. Para verificar qual acervo literário foi disponibilizado à escola pelo PNBE em 2013, consultou-se o relatório de acervos enviados às escolas, disponibilizado pelo Ministério de Educação (MEC), em comparação com o livro de registros de acervos da escola.

A coleta de dados dos recursos humanos da biblioteca foi efetivada por meio de informações prestadas pela equipe diretiva da escola e de documento orientador da Secretaria Municipal de Educação. Ainda, levantou-se informações em conversas informais com a docente responsável e na aplicação de instrumento de pesquisa, elaborado pela pesquisadora (Apêndice A), o qual pretendeu verificar o perfil atual do profissional responsável pela biblioteca.

Após essa etapa, ocorreu a aplicação dos instrumentos de pesquisa aos docentes e ao profissional responsável pela biblioteca escolar, os quais estão descritos na sequência.

Por fim, a intervenção com o objeto de estudo se deu por meio da construção de um conjunto de portfólios de práticas leitoras para o docente responsável pela biblioteca escolar e para os alunos dos anos finais do ensino fundamental, mobilizando o acervo literário do PNBE 2013 e os recursos multimídiais existentes na escola.

4.1.2 A aplicação dos instrumentos de pesquisa

De acordo com Prodanov e Freitas (2009), os instrumentos de pesquisa devem estar alinhados aos objetivos e à abordagem da pesquisa. Portanto, neste estudo, elaboramos dois questionários, um destinado aos docentes que atuam nos anos finais (6º ao 9º ano) do Ensino Fundamental regular (Apêndice B) e outro destinado ao docente responsável pela biblioteca escolar (Apêndice A). Esses recursos têm o objetivo de levantar informações relevantes sobre os docentes e suas práticas de leitura, com a finalidade de formar um perfil de corpo docente que atua na escola, bem como do profissional responsável pela biblioteca escolar e a visão do grupo sobre a leitura e sobre a biblioteca.

Os questionários foram aplicados no mês de agosto de 2015. O primeiro questionário foi aplicado a 24 docentes que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental. O segundo instrumento foi aplicado à docente responsável pela biblioteca. As observações obtidas por meio das respostas ao instrumento foram computadas e fazem parte do presente capítulo da pesquisa, discutidas à luz dos preceitos teóricos.

A aplicação dos instrumentos propiciou à pesquisadora verificar o posicionamento dos docentes em relação à leitura e à biblioteca escolar, formando, juntamente com os dados obtidos na pesquisa exploratória, uma visão da realidade da escola *corpus* da pesquisa. Ainda, constituiu-se numa forma de propiciar aos docentes a reflexão sobre sua práxis pedagógica.

Para que se possa vislumbrar a biblioteca escolar selecionada como um todo, na sequência, o capítulo traz informações referentes à estrutura física e acervos que constituem esse espaço.

4.2 ESTRUTURA FÍSICA E ACERVOS

A biblioteca *corpus* desta pesquisa faz parte de uma escola municipal de Ensino Fundamental, localizada no bairro Hípica na cidade de Passo Fundo, RS. A instituição foi criada em 1992, através do Decreto de criação número 173/92, e recebe, aproximadamente,

700 estudantes do Ensino Fundamental (1º ao 9º ano) na modalidade regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Em sua filosofia, a instituição prima pela dialogicidade como prática, incentivando a participação de cada indivíduo no comprometimento com o coletivo, considerando a realidade social concreta em suas exigências e problemáticas, a unidade de ação na constituição crítica de valores, na aquisição de conhecimento dos educandos, a fim de lhes permitir a ação como sujeitos e aos educadores, a práxis pedagógica na formação continuada.

Como docente da escola, a pesquisadora é testemunha do esforço para manter esse clima de diálogo. Esse esforço ratifica a declaração de Silva (2009b, p. 27):

Na dimensão organizacional ou institucional, podemos dizer que as atividades do professor se voltam à construção coletiva do projeto político-pedagógico da escola e a sua execução através das atividades curriculares. Esse projeto aponta a direção comum a ser perseguida e as ações didáticas para chegar às metas da instituição.

Sem dúvida, o trabalho coletivo de planejamento e discussão dos professores permite observar “que as leituras dos diferentes professores se cruzam e se interpenetram, acionando o processo de planejamento, estabelecendo os pontos de intersecção dos conteúdos e a interação interdisciplinar das unidades de trabalho.” Embora haja uma crítica à escola enquanto instituição, é louvável o esforço de determinados grupos em busca do aprimoramento profissional e pessoal.

Com essa visão, a instituição investe em projetos de leitura (Viagem da Leitura, Livronautas, Hora da Leitura) e ambientais (embelezamento e ajardinamento) que envolvem os educandos e buscam desenvolver suas capacidades cognitivas, objetivando melhor aproveitamento dos conceitos aprendidos nas aulas e de sua aplicação no relacionamento com a comunidade.

Rösing (2001, p. 45) ratifica a ideia quando menciona que

para atuar nesse novo contexto, é necessário o desenvolvimento de capacidades fundamentais, ou seja, de capacidades básicas, de capacidades cognitivas e de qualidades pessoais, além de competências que abrangem recursos, relações interpessoais, informações, sistemas, tecnologia.

O desenvolvimento de projeto ou atividades de leitura é, assim, um dos esforços que a instituição faz para desenvolver as competências cognitivas e pessoais necessárias aos estudantes para uma atuação eficiente na comunidade.

O seu corpo docente é constituído por, aproximadamente, 50 profissionais das diversas áreas do conhecimento e com diferentes níveis acadêmicos, com vínculo efetivo, regime especial ou celetistas. De acordo com o instrumento de pesquisa aplicado aos docentes, 70,8% possuem especialização, 25 docentes possuem somente a graduação e apenas 1 docente (4,2%) possui mestrado.

Os docentes atuam nas diferentes atividades, como direção, vice-direção, coordenação pedagógica, orientação educacional, coordenação de turno, sala de recursos, laboratório de informática, biblioteca ou regência de classe. O grupo possui grande tempo de experiência docente, pois 41,66% atuam no magistério entre 11 e 20 anos e 33,33% atuam há mais de 20 anos no magistério. Contudo, a metade dos docentes exerce atividades na escola a menos de 10 anos.

Silva (2009b, p. 24) colabora com a reflexão sobre essa realidade:

os diversos espaços e tempos que o professor atravessa (infância, escolarização, família, comunidades, ingresso na profissão, etc.) é de suma importância ao desenvolvimento da sua 'pessoalidade', antes, durante e depois do início do seu trabalho em uma ou mais escolas. Nessa trajetória complexa e dinâmica, havemos de lembrar a sua própria aproximação com o universo da escrita e com outras linguagens que fazem circular os sentidos entre os homens.

Nesse sentido, a experiência de vida e de profissão dos docentes é importante referência para suas práticas docentes e de leitura. O corpo de funcionários é composto por, aproximadamente, 15 funcionários, com vínculo efetivo ou cooperativados, compreendendo serventes, merendeiras, secretárias e vigilantes.

A comunidade circundante é composta por dois bairros importantes e populosos da cidade, Hípica e Valinhos, e seus moradores constituem-se, de acordo com o PPP da escola, por

famílias mantidas por assalariados que trabalham em firmas como auxiliar de produção, operador de máquina, técnico de enfermagem, técnico em eletrônica, metalúrgico, marmorista, vigilante, vendedor, secretária, auxiliar administrativo, serviços gerais, auxiliar de escritório, e por aqueles sem renda definida, autônomos, biscateiros, pedreiros, carpinteiros, papeleiros, empregadas domésticas, faxineiras, cozinheiras, merendeira, copeira, agente de saúde, borracheiros, serralheiros, marceneiros, pintores, mecânicos, encanadores. Numa boa parte das famílias, a responsabilidade de prover as necessidades da casa recai sobre a mãe e em muitos casos sobre a avó. Estas, preocupadas com a sobrevivência, ausentam-se por um longo período do dia de suas casas para trabalhar e quando retornam, ainda dão conta das tarefas domésticas, não dando atenção necessária aos filhos. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2011, p. 10).

Dessa forma, verificamos que o público atendido pela instituição é composto de educandos de classe social baixa, filhos de trabalhadores e com poucas condições financeiras para ter acesso direto a livros literários e bens culturais, como visita a teatros e exposições.

De acordo com Silva (2009b), “a literatura científica da área de leitura aponta para o fato de que a formação do leitor passa por diferentes etapas de desenvolvimento, envolvendo a ação de múltiplas instituições sociais: família, grupo de amigos, escola, bibliotecas, clubes de serviços, etc.” Nesse ponto de vista, a convivência com a variedade de gêneros desde a infância possibilita, de acordo com o autor, “a constituição de uma memória particular de leitura.” Nesse sentido, percebemos a carência de estímulos à leitura na grande parcela das famílias dos estudantes da escola.

Observamos, no contato com os educandos, que a maioria possui telefones celulares e muitos deles possuem acesso à internet. Independentemente da classe social a que pertencem, têm acesso a diferentes equipamentos, sejam eles próprios, sejam emprestados, cuja aproximação e uso intenso abrem novas possibilidades de leitura nesses equipamentos móveis.

Segundo Chartier e Chartier (2016, p. 61),

os fragmentos minúsculos de textos que aparecem nas telas não são páginas, mas sim composições singulares e efêmeras. [...] o livro eletrônico não se diferencia das outras produções da escrita pela evidência da sua forma material [...] o mundo digital pode dar realidade aos sonhos, nunca alcançados, que o procederam.

Assim, o acesso aos materiais eletrônicos de leitura, por meio dos equipamentos móveis, proporciona inúmeras experiências, realizando sonhos e desenvolvendo o universo cultural dos estudantes. Daí, o compromisso de a escola manter os equipamentos em perfeito estado para serem utilizados a partir dos interesses e das necessidades.

Em sua estrutura física, a escola é composta por três prédios, banheiros coletivos e ginásio de esportes. Dois prédios possuem 375,06m² cada um e o terceiro prédio possui 201,78m². A instituição conta, ainda, com quadras, guarita, horta, pracinhas, floreiras e gramado. Ao todo, a escola ocupa um quarteirão do bairro.

O primeiro prédio abriga salas de aula, banheiro, almoxarifado, secretaria, direção, coordenação, orientação pedagógica, auditório, laboratório de informática, sala de leitura, sala de estudos e biblioteca.

O segundo prédio conta com salas de aula, banheiros, sala de artes, sala de recursos, sala de professores, sala de reforço, sala do programa Mais Educação, cozinha, despensa,

lavanderia e refeitório. O terceiro prédio é separado para uso exclusivo dos primeiros anos do Ensino Fundamental, sendo equipado especialmente para essa faixa etária, com espelhos, banheiro dentro das salas, espaço reservado e pracinha própria para o intervalo e recreação.

Recentemente, a escola sofreu com um destelhamento e grande parte do segundo prédio ficou danificada. Dessa forma, a instituição passou por reformas, que englobaram: conserto do telhado e da instalação elétrica, instalação de ar-condicionado nas salas de aula, pintura interna e externa de todos os prédios e piso de cerâmica nas salas danificadas.

Após algum tempo buscando recursos com a mantenedora, a escola conseguiu cercar todo o pátio com um muro novo e, a cada ano, investe no ajardinamento do interior e exterior da escola, o que é realizado pelos próprios alunos no período letivo.

Essas melhorias há tempo eram requisitadas e deixaram o espaço da escola mais adequado e agradável para atender à comunidade escolar. A direção da escola manifestou o intuito de redimensionar os espaços do primeiro prédio, com a finalidade de construir um auditório e reformar a biblioteca escolar, adicionando um espaço específico para as atividades culturais, como teatros e contação de histórias.

Na sequência, apresentamos algumas imagens das dependências da escola:

Ilustração 6 – Vista frontal da escola



Fonte: arquivo pessoal

Ilustração 7 – Vista aérea (satélite) da escola



Fonte: Google Maps

Ilustração 8 – Interior da escola



Fonte: arquivo pessoal

Todos os espaços e atores que constituem a instituição escolar, quais sejam as instalações físicas, espaços comuns, equipamentos, professores, funcionários, pais, estudantes, bem como seus entornos (ruas, casas, estabelecimentos) são objetos de leitura. A leitura acontece desde o momento em que o estudante se encontra em sua casa, no caminho em direção à escola, até quando ele chega à sala de aula, percorrendo os corredores, ingressando em seus ambientes, lendo as paredes e as pessoas e imprimindo significados a tudo o que vê, elaborando uma visão particular do mundo que o cerca e no qual interfere.

Zilberman (2009, p. 30-31) colabora com a questão, referindo que

compreendida de modo amplo, a ação de ler caracteriza toda a relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca. Se este lhe aparece, em um primeiro momento, desordenado e caótico, a tentativa de impor a ele uma hierarquia qualquer de significados representa, de antemão, uma leitura, porque imprime um ritmo e um conteúdo aos seres circundantes. Nessa medida, o real torna-se um código, com suas leis, e a revelação destas, ainda que de forma primitiva e incipiente, traduz uma modalidade de leitura que assegura a primazia de um sujeito, e de sua capacidade de racionalização, sobre o todo que o rodeia.

É na escola, portanto, que o estudante tem a possibilidade de experimentar a diversidade de situações que o mundo lhe oferece, possibilitando a esse sujeito uma leitura crítica da realidade e melhor desempenho em sua relação com os sujeitos e com o mundo circundante.

Consideramos importante observar com atenção, nesse contexto, a estrutura da biblioteca da escola selecionada; por isso, na sequência, apresentamos um detalhamento desse espaço.

4.2.1 A biblioteca escolar

Segundo o Regimento Escolar (2015) da escola, a biblioteca é “um local de estudos, consultas e leituras para a comunidade escolar, oportunizando, também, aos educadores e educandos o enriquecimento do processo ensino-aprendizagem.” Essa definição está em consonância com o que diz o Manifesto da Unesco para a biblioteca pública (1999): “a biblioteca escolar promove serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios.” Nesse sentido, percebemos a aspiração da instituição, para que esse ambiente desenvolva a leitura e contribua no processo ensino-aprendizagem dos educandos e de toda comunidade escolar.

Preocupando-se com a qualidade do ensino do estado do Rio Grande do Sul, o Conselho Estadual de Educação elaborou a indicação n. 33/80, cuja finalidade é indicar medidas para a organização e funcionamento de bibliotecas escolares nas escolas do sistema estadual de ensino. Embora sejam dados pensados há mais de três décadas, podem ser tratados como itens a considerar na nova organização em meio ao contexto das novas tecnologias e de diferentes acervos.

De acordo com a Indicação n. 33/80 (1980, p. 03), “para assegurar a consecução de seus objetivos, deve o funcionamento da biblioteca escolar orientar-se pelos seguintes

aspectos básicos: Quanto aos usuários, deverá servir a professores, a alunos e, sempre que possível, aos pais e à comunidade local.”

Dessa forma, a biblioteca está de acordo com o que define o Indicador, pois é frequentada por estudantes e professores, para diversas atividades, desde as rotineiras visitas para empréstimos de livros, encontros para elaboração de trabalhos, consultas bibliográficas, como também para reuniões pedagógicas de professores ou atividades que envolvam os educandos, como projetos ou palestras.

Ainda de acordo com o documento, “a biblioteca deve ser um local de fácil acesso, de preferência perto de passagem obrigatória de professores e alunos. Por outro lado, deve situar-se, longe dos centros de muito rumor.” Assim, a biblioteca da escola obedece a essa determinação, pois é de fácil acesso a todos os educandos e visitantes, estando localizada no primeiro prédio da escola, próxima à entrada principal, sendo local de passagem de estudantes e professores.

4.2.1.1 Estrutura da Biblioteca

As bibliotecas escolares são espaços que precisam ser bem organizados, aproveitados e equipados, para que possam abrigar de forma adequada os acervos e atender satisfatoriamente os estudantes e professores da escola.

De acordo com Silva (2009b, p. 28),

havemos de sublinhar o esforço organizacional que deve ser feito pelo coletivo da escola para a instalação, a aparelhamento, suprimento e dinamização da biblioteca escolar, dos laboratórios de ciências e as salas de informática. Recursos estes que servem como pontes de acesso aos diferentes tipos de linguagem, que carregam informações no mundo atual. Já não mais se concebe uma escola sem a presença de laboratórios atualizados e das tecnologias de informação, mesmo porque o conhecimento, hoje em dia, não é exclusividade dos espaços escolares e muito menos envolve tão unicamente a transmissão unidirecional das matérias.

Nesse sentido, a instituição deve atentar para a perfeita organização dos acervos impressos, mas também oportunizar que o espaço possua equipamentos próprios para o acesso dos diferentes materiais de leitura.

A biblioteca escolar selecionada é equipada com estantes, mesas, cadeiras, cortinas e grande acervo de livros literários e didáticos, bem como mapas, revistas, dicionários, atlas, gibis, CDs, manuais e diversos outros materiais pedagógicos.

O espaço é constituído de duas salas: a principal é grande e comporta a maioria dos acervos; uma auxiliar, que possui livros e outros materiais. A sala principal, de grande porte, possui a mesa da responsável, os livros de literatura para empréstimo e os livros didáticos. Ainda, conta com os seguintes móveis: quatro expositores grandes de madeira; dois expositores pequenos de madeira; cinco estantes de aço; mesa da responsável pela biblioteca; mesa central para leitura e estudos; duas mesas pequenas laterais para leitura e cadeiras.

Ilustração 9 – Sala principal



Fonte: arquivo pessoal

A sala auxiliar é pequena, com dois armários de madeira; dois expositores de aço cheio de livros didáticos; mesa de computador fora de uso, objetos velhos e em desuso. Nessa sala, havia um velho piano subsumido entre os materiais, que, após ter sido encontrado pela pesquisadora, foi retirado de lá e colocado para exposição no *hall* de entrada.

Ilustração 10 – Sala auxiliar



Fonte: arquivo pessoal

A sala principal da biblioteca é um espaço bem ventilado e iluminado naturalmente, com cortinas que não permitem a incidência dos raios solares diretamente sobre os materiais. Essas características estão de acordo com o Indicador n. 33/80, que determina no item 5.2 que

uma biblioteca escolar deve dispor de espaços para os seguintes setores: - setor de leitura e consulta, no qual se localizam os catálogos (fichários), o controle de empréstimo, a seção de periódicos (jornais e revistas) e a seção de referências (material bibliográfico destinado a consultas: enciclopédias, dicionários, atlas, etc.); - depósito de livros (estantes), prevendo o livre acesso dos usuários, o que possivelmente recomenda sua localização, especialmente nas bibliotecas de pequeno porte (até 2.000 livros) e de médio porte (até 5.000 livros), no mesmo recinto em que se encontra a sala de leitura; - setor de preparação, reservado à administração da biblioteca, em que são executados os serviços técnicos e que também poderá servir de almoxarifado de material pertinente. Todos esses setores devem ser mobiliados e equipados a ponto de assegurar a eficiência dos serviços e um mínimo de conforto aos usuários.

Na biblioteca *corpus*, todos os setores expressos pelo Indicador estão reunidos em uma única sala, sendo divididos simbolicamente pelos móveis que a compõem. O mobiliário utilizado no espaço é insuficiente, pois faltam cadeiras e mesas para acomodar os 70 alunos (10%) recomendados pela Association of School Librarians (RIO GRANDE DO SUL, 1980, p. 10).

Nesse sentido, para uma perfeita organização do espaço, é necessário que o conjunto de materiais existentes na biblioteca seja devidamente catalogado, por cores, títulos ou

assuntos. Ainda, de acordo com o documento, recomendamos que, desde cedo - mesmo que um acervo reduzido pareça dispensar tal cuidado -, sejam observadas, dentro do possível, as normas técnicas pertinentes. Com isso, fica assegurada a continuidade dos serviços técnicos, à medida que a biblioteca cresce, preparando o aluno para a racional utilização de qualquer biblioteca organizada nos moldes oficiais (RIO GRANDE DO SUL, 1980, p. 5).

Ainda, observamos que há acúmulo de equipamentos velhos, materiais pedagógicos já usados (isopor, TNT, EVA, cartazes) e que grande parte das estantes está ocupada com livros didáticos não utilizados pelos professores, restando pouco espaço para o acervo literário. A biblioteca, dessa forma, acaba reduzindo-se a um depósito de livros e materiais em desuso, não agregando valor ao espaço, equipamentos e acervos.

Assim, é importante que o profissional responsável pela biblioteca utilize-se de estratégias para organizar o espaço, pois as capacidades de administração e organização são atribuições desse profissional, responsável por manter o acervo atualizado e descartar o que não merece ser guardado, não se omitindo o fato de atuar como agente de leitura e de promoção da cultura.

De acordo com Santos (2009, p. 39),

a ação cultural é um movimento de geração de interação e de diálogo entre os sujeitos de meios sociais e de universos culturais diversos, através do compartilhamento de linguagens artísticas e de experiências culturais. A ação cultural implica, portanto, na compreensão intersubjetiva do lugar que ocupamos no mundo. De como, através da experiência com o saber e o fazer cultural, podemos compor interpretações e leituras como formas possíveis de atribuição de sentidos à produção simbólica e às relações do sujeito com o outro e com o mundo, numa perspectiva de subversão e transformação da realidade social.

Dessa forma, as responsabilidades do profissional responsável pela biblioteca perpassam diversas áreas e atividades no espaço escolar, para exercer sua função de mediação de leitura de maneira eficaz e duradoura. Na impossibilidade de uma só pessoa exercer todas essas funções, sugerimos que o importante trabalho da biblioteca seja organizado e gerido por uma equipe interdisciplinar.

Para discutir as ações de mediação de leitura que aconteceram e que precisam acontecer no espaço da biblioteca, descrevemos, na sequência, atividades desenvolvidas na biblioteca da escola selecionada.

4.2.1.2 Atividades da biblioteca

A biblioteca escolar é um espaço rico em possibilidades educativas que contribuem significativamente para a formação de leitores no contexto escolar. Nesse sentido, seus espaços podem ser bem aproveitados para atividades pedagógicas educativas, lúdicas, criativas, coletivas, multimídiais, aproveitando todos os suportes e materiais disponíveis.

A biblioteca precisa ser um espaço dinâmico e aberto a toda comunidade para atividades que enriqueçam e colaborem com a aquisição de conhecimento e alargamento do universo cultural dos sujeitos, sendo que as ações do profissional responsável pelo espaço, em conjunto com os demais docentes e a equipe gestora, são decisivas para que esse objetivo seja alcançado.

De acordo com Rösing (2001, p. 43),

o trabalho individual tanto do mediador da leitura quanto do aprendiz deve dar lugar ao trabalho em grupo interdisciplinar, transdisciplinar e interativo, eliminando a aprendizagem linear, fragmentada, em favor de um processo de aprendizagem em rede, no âmbito da complexidade que os saberes emergem no mundo em que vivemos.

Dessa forma, o profissional da biblioteca escolar não é o único responsável pelas atividades que nesse espaço são realizadas. É preciso pensar a biblioteca escolar de maneira que perpassasse todos os segmentos da instituição.

Ainda, em relação às atividades realizadas na biblioteca escolar, dividimo-las em dois grupos, as quais nomeamos de Atividades Positivas e Atividades Negativas.

As Atividades Positivas são consideradas aquelas que possuem objetivos pedagógicos, de construção de conhecimento, crescimento educacional e pessoal dos usuários do espaço ou possam contribuir para esses propósitos. Dentre as atividades desenvolvidas na biblioteca da escola, consideramos como Atividades Positivas as seguintes: empréstimo de livros literários aos alunos e de livros didáticos para uso em sala de aula; trabalho em grupos; pesquisa em livros didáticos; visitas de turmas para empréstimo de livros; prova ou trabalho atrasado; reunião de professores para conselho de classe ou formação pedagógica; sala de aula; palestra.

As Atividades Positivas observadas fazem parte das atividades rotineiras da escola; contudo, não se configuram como esforços para promover a leitura e a construção de conhecimentos dos estudantes, pois são limitadas, não ativam a criatividade, não incentivam os usuários a explorar os recursos e materiais, tampouco os desafiam a buscar novas leituras.

As Atividades Negativas são aquelas que não possuem objetivos pedagógicos ou de construção de conhecimentos e podem, inclusive, interferir nesses objetivos. Dentre as atividades desenvolvidas na biblioteca da escola, consideramos como Atividades Negativas as seguintes: espaço para o aluno ficar quando chega atrasado (sem atividade); espaço para o

aluno ficar em virtude de estar indisciplinado na sala de aula (sem atividade); espaço para o aluno ficar no período da Educação Física, quando não veio com uniforme apropriado para as atividades físicas; o estudante tem de ficar na biblioteca todo o período da atividade copiando algum texto, de qualquer assunto.

Percebemos, nessa etapa *in loco*, que as Atividades Negativas são frequentes e tinham o aval da equipe diretiva. Durante a observação, ao indagar alguns estudantes sobre essas práticas, eles relataram que as recebem como castigo e não entendem seus objetivos. Em alguns momentos da observação, presenciamos esse fato várias vezes: em um deles era a turma toda que estava lendo, de castigo, por não ter se comportado no pátio, sob o olhar atento da professora. A direção da escola refere que esse local é próprio para atividades como essa, pois há alguém que cuide dos alunos nesse momento de castigo.

De acordo com Silva (2009a, p. 192-193),

faz-se necessária uma reflexão anterior sobre o trabalho pedagógico, porque até mesmo uma boa biblioteca escolar, em condições ideais de funcionamento, em vez de ser um espaço para a práxis crítica e criativa, pode transformar-se em mais um instrumento de um tipo de ensino já caduco, baseado na exposição dogmática, autoritária, normativa e doutrinal do mestre, ensino este que combina muito bem com alógica da ideologia dominante.

Consideramos, nesse sentido, que as Atividades Negativas, que tratam a biblioteca escolar e a leitura como ambientes de castigo ou repreensão, descaracterizam todos os esforços de transformar a biblioteca em um espaço de construção de conhecimentos e acesso à cultura. A autonomia e a liberdade de pesquisa são desprezadas pela escola quando privilegia a repreensão, o castigo, deixando sobrepor aos aspectos pedagógicos o controle e a autoridade sobre o patrimônio que deveria ser coletivo. Essa questão se torna mais preocupante, pois, conforme Ramos (2013, p. 31), “para a maior parte das crianças brasileiras, o primeiro (ou único) contato com o livro ocorre na escola, em especial, na biblioteca escolar.”

Portanto, a biblioteca escolar, além de deixar de exercer sua função de promover o desenvolvimento de leitores experientes, faz o contrário, afasta os estudantes do contato com o livro e com o texto. Observamos, contudo, atividades significativas de incentivo à leitura na escola selecionada. Por isso, na sequência, descrevemos os projetos que a escola desenvolve visando ao estímulo à leitura.

4.2.1.3 Projetos de Leitura

A escola em análise, paradoxalmente, mantém projetos de incentivo à leitura e espaços de desenvolvimento de leitura na escola - Sala de leitura, Projeto Viagem da Leitura, Projeto Hora da Leitura - os quais são descritos a seguir.

Sala da leitura:

A sala de leitura fica próxima à biblioteca e é equipada com tapete, tatame, almofadas, expositores de madeira, quadros, cabides com fantasias, *pufs*, ursos de pelúcia grandes. O acervo é composto somente por livros infantis, em sua maioria usados e bem manuseados, estando alguns danificados. A sala é mais usada pelos alunos dos anos iniciais.

Ilustração 11 – Sala de leitura



Fonte: arquivo pessoal

Projeto Viagem da Leitura (libertação do livro):

O projeto Viagem da Leitura tem o objetivo de promover o acesso à leitura literária à comunidade dos bairros Valinhos e Hípica, fixando expositores com livros doados pela comunidade em locais públicos desses bairros (libertação do livro). O projeto acontece no período escolar, sendo que semestralmente professores renovam o acervo e verificam as condições dos expositores. Nas férias, os expositores são retirados, lavados e os livros novamente renovados. O projeto iniciou em abril de 2013 e conta com 13 estabelecimentos parceiros. Na escola, esse projeto constitui-se de expositores em sala de aula, com livros para serem libertados e/ou doados de acordo com a faixa etária dos estudantes.

Ilustração 12 – Expositor do projeto Viagem da Leitura



Fonte: arquivo pessoal

Projeto hora da leitura:

Nesse projeto, toda a escola é convidada a parar as atividades diárias para ler durante um período letivo (45 minutos), uma vez por semana. O acervo é composto por revistas, almanaques, livros juvenis e adultos (provenientes de doação), que ficam acondicionados em sacolas na sala dos professores e que são levados para a sala de aula, na hora da leitura semanal. Esse projeto iniciou em março de 2013. Observamos que nem toda equipe administrativa e de serviços gerais faz a pausa da leitura, em virtude de suas funções.

Ilustração 13 – Sacolas do projeto Hora da Leitura



Fonte: arquivo pessoal

Em relação aos projetos de leitura mantidos pela escola, Rösing (2009, p. 134) colabora com a reflexão quando refere que

o importante é que o professor, no exercício da docência, em sendo um leitor, aprecie as peculiaridades das linguagens e, assim, passe essa paixão no processo de formação de leitores. É imprescindível que estes, efetivamente, consigam não somente distinguir a natureza das linguagens, mas também desenvolver o gosto pelo literário, pelo uso estético da linguagem, pelos efeitos que ela produz na construção e no enriquecimento da interioridade de cada leitor.

A oportunização de práticas que desenvolvam a leitura constitui-se num ensaio à construção de um programa mais permanente de leitura, o que precisa de determinação da equipe diretiva para sua continuidade e efetiva participação da comunidade escolar.

Na sequência, há a caracterização dos acervos que compõem a biblioteca escolar selecionada com o objetivo proporcionar uma visão completa dos materiais disponíveis no espaço.

4.2.1.4 Acervos

Há uma diversidade de acervos que chegam à escola enviados pela Secretaria Municipal de Educação, pelo Programa Nacional Biblioteca na escola (PNBE), por doações de outras instituições (Universidade de Passo Fundo, escolas) e doações particulares (professores, alunos, pais). A maior parte das obras que chegam à escola está localizada no espaço da biblioteca, mas há grande parte de materiais que estão armazenados em outros espaços da escola dispersivamente, como na sala da Direção, sala da Coordenação Pedagógica e sala dos professores.

Para este estudo, consideramos acervo da biblioteca todos os materiais que chegam à escola com essa finalidade, mesmo que, por decisão da direção ou por falta de espaço, estejam locados em outros ambientes.

Nesse sentido, segue a diversidade de acervos que compõe a biblioteca escolar: livros literários do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE)²⁵; livros de formação para o professor do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE); periódicos do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE): Revista Ciência Hoje para crianças, Língua Portuguesa, História da Biblioteca Nacional, Filosofia – ciência e vida, Presença Pedagógica, Carta Fundamental, Cálculo –, Matemática para todos, Pátio – revista pedagógica, Seleções, Revista TV escola; livros didáticos do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD); livros do professor do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD); doações da comunidade escolar (poesias, contos, romances, história em quadrinhos/gibis, biografias); dicionários de Língua Portuguesa e Língua Inglesa: Caldas Aulete, Larousse, Saraiva Junior, Aurélio, Aurelino, Dicionário Júnior, Houaiss; jornal *O Nacional*, encartes temáticos de jornais; memórias: fotos antigas, planta arquitetônica da escola; bíblias, livros evangélicos, livros espíritas; enciclopédias, Barsa, fotobiografia, livros da história de Passo Fundo, encarte do Ministério da Saúde (prevenção drogas, raças e etnias, sexualidade, prevenção DST/AIDS), apostilas com exercícios matemáticos, atlas, livros de música, livros de informática,

²⁵ Os acervos literários do PNBE enviados à escola em 2013 encontram-se como anexo.

gramáticas, Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), PCN; DVDs de filmes infantis e infanto-juvenis, programas educativos, videoaulas; globos terrestres, mapas geográficos, tabela periódica dos elementos, jogos pedagógicos.

Alguns livros de literatura ficam separados para o Ensino de Jovens e Adultos (EJA) a pedido dos professores, ficando armazenados em caixas na sala auxiliar à biblioteca.

Os livros do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) ficam disponibilizados aos alunos nas salas de aula dos anos iniciais (1º ao 3º anos), para serem usados pelos professores que se inscreveram nesse programa e irão desenvolver atividades de alfabetização.

Na biblioteca escolar, não há um tratamento diferenciado para os acervos do PNBE. Os livros estão distribuídos no espaço por gêneros literários e são emprestados livremente aos estudantes, sem nenhum estímulo para a leitura.

A escola possui um acervo vasto, desde materiais impressos a suportes eletrônicos, como CDs, DVDs. Entretanto, percebemos que a biblioteca não utiliza computadores, tecnologias de informação e comunicação não estão presentes nas atividades da biblioteca. Essa realidade impede que alunos e professores vivenciem, no espaço escolar da biblioteca, as possibilidades enriquecedoras do ciberespaço, conforme Lévy (1999, p. 157):

essas tecnologias intelectuais favorecem: novas formas de acesso à informação [...]; novos estilos de raciocínio e de conhecimento [...] como essas tecnologias intelectuais, sobretudo as memórias dinâmicas, são objetivadas em documentos digitais ou programas disponíveis na rede [...] podem ser compartilhadas entre numerosos indivíduos, e aumentam, portanto, o potencial de inteligência coletiva dos grupos humanos.

O ciberespaço, portanto, insere-se no contexto educacional e contribui para as atividades pedagógicas e para as práticas de leitura na biblioteca escolar. Essa multiplicidade de acervos constitui-se num desafio à formação de leitores. Para tanto, é preciso promover uma proximidade do leitor em formação desses materiais de leitura: “[...] os livros impressos em papel continuam sendo procurados e, por enquanto, nada poderá nos levar a crer que o seu desaparecimento está próximo.” (SANTAELLA, 2016, p. 103). A tarefa de aproximação desses materiais pressupõe pensar ações eficientes por parte da escola, em conjunto com o grupo de professores.

A catalogação do acervo é feita da seguinte forma: todo livro de literatura que chega à escola é registrado em livro-ata, por ordem cronológica à sua entrada. Após esse registro, o

livro vai para a estante. Quando os alunos escolhem o livro, esse empréstimo é registrado no caderno individual que cada aluno possui na biblioteca. Esse é o único registro de empréstimo feito. Dessa forma, para saber com quem um livro está, é necessário folhear os cadernos de cada aluno, para verificar quem o retirou, caso não esteja na estante. Quando os professores retiram livros, há apenas o registro verbal.

Os livros extraviados pelos alunos devem ser repostos; no entanto, não há uma cobrança efetiva, caso o estudante não devolva algum livro, ele pode emprestar outros livros normalmente no ano seguinte. Constatamos, dessa forma, grande déficit no acervo a cada ano. Como não há um registro informatizado de empréstimos, nem um controle de devoluções eficiente, torna-se impossível mensurar a quantidade de livros que há na biblioteca atualmente.

A constatação da diversidade de acervos promove reflexões sobre a natureza e a complexidade de uma biblioteca, em meio à divulgação de que hoje a internet é a biblioteca universal a que os leitores e os leitores em formação têm acesso.

De acordo com Ramos (2013, p. 29), “o acesso aos diversos modos de representar a condição humana seria a grande finalidade da interação dos estudantes com o acervo literário que compõe uma biblioteca escolar.” Por isso, a importância de uma biblioteca ser constituída com acervo variado e de quantidade e estilos adequados ao público atendido.

A ação conjunta é o grande desafio para a dinamização dos acervos da biblioteca escolar. Por isso, na sequência, discutimos sobre os recursos humanos que compõem a biblioteca escolar e sua função na promoção da leitura.

4.3 RECURSOS HUMANOS

Atualmente, a Secretaria Municipal de Educação disponibiliza um docente para atuar junto à biblioteca da escola, com regime de 20 horas semanais. De acordo com o Regimento Escolar (2015), as atribuições desse profissional são: participar ativamente da elaboração, execução e avaliação da Proposta Político-Pedagógico, dos Planos de Estudos, do Calendário Escolar e do Regimento Escolar, bem como de todas as atividades que envolvem o currículo pleno da escola, zelando pela qualidade de ensino; realizar atividades de organização, seleção, registro, classificação, catalogação, controle e conservação do acervo bibliográfico; atender os usuários com orientação e empréstimo; organizar projetos para ampliação do acervo e incentivo à leitura, fazendo contação de histórias periódicas aos educandos do 1º ao 5º ano; controlar o empréstimo e recolhimento de livros didáticos.

A escola é a responsável por indicar o docente que irá atuar junto à biblioteca escolar a cada início de ano. Contudo, a Secretaria Municipal de Educação, por meio do documento Orientador para elaboração do quadro (2014, p. 2), orienta as escolas que “professores com laudo restrição podem atender a Biblioteca, a Nutrição, a Coordenação de PDE e Mais Educação ou Tempo Integral, bem como a Coordenação de turno.” Dessa forma, as escolas costumam locar os professores que estão afastados da sala de aula por motivos de saúde (com laudo restrição) para atender à biblioteca.

Silva (2009a, p. 192) defende que “a decisão pela implantação de uma biblioteca escolar, organizada a partir de uma iniciativa coletiva (professores, alunos e comunidade), deve aparecer em conjunto com a revisão crítica da postura dos educadores e com a redefinição do papel social das escolas.” Nessa perspectiva, entendemos que manter em funcionamento uma biblioteca escolar, que possua recursos suficientes e promova a leitura e o conhecimento, requer esforços tanto da gestão da escola quanto dos gestores das autarquias públicas. Entre esses esforços, está a importância de prover recursos humanos capacitados para atuar no espaço da biblioteca escolar, que estejam afinados com os objetivos de formação de leitores da escola.

A docente responsável pela biblioteca *corpus* desta pesquisa possui 28 anos de atuação no magistério, sendo 20 anos dedicados a essa mesma escola, é licenciada em Letras e possui especialização em Ensino Religioso. Está atuando junto à biblioteca escolar por estar em laudo restrição há, aproximadamente, cinco anos.

De acordo com o instrumento de pesquisa respondido pela docente, ela demonstra sentir-se envolvida em sua função, entusiasmada com atividades que realiza e disposta a trabalhar em equipe e integrar uma rede efetiva de bibliotecas. Preocupa-se em inovar, contudo, não sabe como fazer isso. Pretende continuar na função e se especializar no atendimento à biblioteca escolar.

Silva (2009a) afirma que “a implementação de um serviço bibliotecário na escola vai exigir ‘suor’- um suor que é o resultado de uma opção política e da tentativa de superar a ignorância e mediocridade do magistério.” Por isso, percebemos a seriedade, a responsabilidade e a determinação destinadas às ações do professor responsável pela biblioteca na escola.

Consideramos que o trabalho da biblioteca escolar constitui um laboratório de aprendizagem das diversas áreas do conhecimento. Para isso, precisa ser abordado de forma coletiva, unindo a equipe diretiva e os docentes das áreas do conhecimento.

Indicamos, dessa forma, a constituição de uma equipe multidisciplinar que possa pensar o espaço, a criação de um Plano de Ação para a biblioteca escolar, uma política de aquisição de acervos e a elaboração de atividades direcionadas aos estudantes. Essa equipe pode ser constituída por representantes dos docentes, dos funcionários, dos alunos e dos familiares dos estudantes. Conforme Silva (2009a), “é necessário ‘arregaçar as mangas’, delinear a proposta da biblioteca escolar, inseri-la no projeto político pedagógico da escola e concretizá-la na prática.” Tarefa essa que somente acontece se estiver no desejo coletivo da instituição e for pensada à luz de suas características e necessidades.

O relacionamento do profissional que atua na biblioteca escolar com professores e estudantes é singular, pois ele não é visto como um professor qualquer, mas aquele que pode propiciar aos usuários novidades. De acordo com o instrumento de pesquisa, a docente responsável pela biblioteca refere que os estudantes sempre buscam sua opinião em relação aos livros que pretendem retirar. Ainda, comenta que, em certa ocasião, um estudante mencionou acreditar que ela já deveria ter lido todos os livros que constam na biblioteca. Demonstra-se, nesse sentido, um relacionamento de confiança e admiração pelo profissional que atua na biblioteca escolar.

A docente também relatou que possui pouco conhecimento da procedência dos acervos, pois não distingue quais acervos são provenientes do PNLD e quais são provenientes do PNBE. Inclusive, quando questionada sobre a importância dos acervos do PNBE, a docente confundiu-os com os acervos do PNLD.

A docente informa que não participa dos encontros de formação para responsáveis por bibliotecas, promovidos pela secretaria de educação do município, pois nas datas marcadas há atividades em outra cidade. Observamos, nesse caso, que há oportunidade de aperfeiçoamento em serviço, porém o profissional não consegue e não decide participar.

De acordo com o instrumento de pesquisa, observamos que a docente, inicialmente distante da riqueza dos acervos, parece demonstrar certa consciência sobre a importância do acervo do PNBE, para atender às necessidades dos estudantes, para empréstimo à comunidade, formação de professores leitores e auxílio às atividades docentes.

Por fim, a docente manifesta que “a biblioteca é um local de suma importância dentro do educandário, gostaria de ser mais qualificada e continuar atuando neste espaço, sei que contribuirei e muito na vida leitora dos educandos. Tenho vontade de aprender e inovar mesmo atuando em dois municípios.” A declaração manifesta seu desejo de aprimoramento para continuar atuando na Biblioteca da escola e contribuir para a formação leitora dos estudantes.

De acordo com Silva (2009a, p. 195),

a preocupação com o planejamento de bibliotecas escolares não é nova e ressurgiu agora, num momento em que os educadores e a sociedade tomam consciência das suas precárias condições de trabalho e de atualização e buscam soluções para interromper o processo de empobrecimento, avacalhamento, picaretagem e falta de ética, impostos de cima para baixo.

A postura da profissional responsável pela biblioteca é paradoxal: ela entende a importância do espaço da biblioteca e a necessidade de formação, mas não demonstra determinação em viabilizar cursos que possam sanar essas lacunas.

Entre essas necessidades, assume importância significativa a perspectiva docente em relação à leitura quando a reconhece como parte significativa da aprendizagem, do sucesso profissional, para o aprimoramento social, cultural e tecnológico.

4.4 RELACIONAMENTO COM DOCENTES

A coleta de dados abrangeu, pela observação e pela aplicação de instrumentos de pesquisa, os docentes que atuam junto aos estudantes do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental. O instrumento de pesquisa foi distribuído a 26 docentes, tendo retornado 24 instrumentos respondidos. Do total de pesquisados, 21 eram do sexo feminino e três do sexo masculino, com idades entre 30 e 70 anos, sendo a maioria (62%) entre 40 e 59 anos.

Observamos, em relação à formação acadêmica, que 70% dos entrevistados possuem especialização na área em que atua e um dos entrevistados (4%) possui mestrado. Ainda, verificamos que a maioria dos docentes (58,3%) concluiu o curso superior nos últimos 26 anos; destes, 50% formaram-se há menos de 16 anos.

A atuação dos docentes no magistério varia de 1 a 40 anos de profissão, observando que a grande parte (75%) dos docentes atua no magistério há menos de 30 anos. Do total, 50% atuam na escola selecionada há menos de 10 anos.

De acordo com Silva (2009b, p. 26), “nunca é demais lembrar que a docência não é um dom, mas um ofício construído através do processo formativo que envolve um percurso pessoal e profissional de vida. Um percurso que é dinâmico, contínuo e progressivo.” Portanto, a formação profissional dos docentes são recursos que eles utilizam para aperfeiçoar sua prática docente e transmitir o saber aos estudantes, de forma a contribuir na formação desses sujeitos.

Em relação à experiência de leitura dos docentes, 58% dos entrevistados declararam ter sido introduzidos na leitura pela mãe e 25% pelo pai. Na escola, essa iniciação se efetivou a partir da influência de algum professor/a, num percentual de 91%; já pela influência do bibliotecário, o percentual foi de 8%, demonstrando uma fragilidade evidente do papel da biblioteca na formação do sujeito leitor.

Ao serem questionados sobre os suportes utilizados para leitura, a maioria (51%) dos entrevistados informou que lê independentemente de o suporte ser impresso ou digital, mas na questão seguinte 70,83% afirmam utilizar o suporte digital para realizar suas leituras. Os docentes demonstraram, ainda, ter bom relacionamento com o uso do computador, sendo que grande parte indicou que o faz com a finalidade de realizar pesquisas, acessar as redes sociais e comunicar-se por *e-mail*.

De acordo com Coll (2010, p. 118), “a nova sociedade digital e do conhecimento transformou as tecnologias da informação e da comunicação (TIC) em um de seus elementos vertebradores e, portanto, não deve nos surpreender que os docentes as tenham integrado na sua atividade profissional.” Dessa forma, percebemos o corpo docente integrado às tecnologias, tanto para leituras quanto para pesquisas e comunicação.

Os docentes foram questionados em relação aos materiais de leitura preferidos por eles, sendo que a resposta deveria indicar a ordem dessa preferência. Os docentes indicaram que, em primeiro lugar, na ordem de preferência, está o jornal, seguido pelas revistas e, por último, pelos livros literários. É importante observar o que refere Silva (2009) em relação às práticas de leitura dos docentes:

o fortalecimento da docência como profissão envolve, irrefutavelmente, a vivência e a incorporação de porções contínuas de leitura. O magistério, em termos de trabalho e de atualização, está calcado em experiências de leitura. Por dever de ofício e por expectativa social, o professor tem na leitura, além de instrumento e de prática, uma forma de atuar ou agir, seja porque ele (o professor) simboliza leituras já realizadas e assimiladas, seja porque faz a mediação e informa relacionadas à matéria que ensina, seja porque o conhecimento, para ser organizado e dinamizado, exige competências multifacetadas de leitura. (SILVA, 2009b, p. 26).

Nesse sentido, a equipe de docentes demonstrou envolver-se com a diversidade de leituras práticas do cotidiano, incluindo o livro literário, contudo como última preferência. Os docentes relataram que não costumam ler em bibliotecas (87,5%), sendo que 100% dos entrevistados revelam realizar suas leituras em casa.

Em relação às efetivas influências em leitura, os docentes relataram em sua maioria (70,83%) que são influenciados por amigos para escolher os livros. Essa situação permite visualizar grupos de conversas, mas não grupos de reflexão.

Em relação aos diferentes graus de importância da leitura, os docentes informaram que ela é considerada mais importante para o desenvolvimento intelectual e pessoal dos sujeitos; na sequência, para a aprendizagem dos estudantes, para o sucesso profissional, para a convivência social e, como menos importante, para as vivências culturais.

Em relação à importância das atividades da biblioteca escolar, os professores demonstraram que esse espaço é mais importante ao desenvolvimento de práticas de leitura e formação de leitores, seguido por empréstimos de livros literários, realização de trabalhos escolares, consulta em acervos e, como menos importante, depósito de livros didáticos.

Para analisar essa questão, trazemos à luz o que refere Silva (2009b, p. 23):

o cerne do desenvolvimento da identidade de um professor é, sem dúvida, a leitura. Para ele, a leitura constitui, além de instrumento e/ou prática, uma ‘forma de ser e de existir’. Isto porque o seu desenvolvimento fundamental, conforme a expectativa da sociedade, se volta para a (re)produção do conhecimento e para a preparação educacional das novas gerações.

Percebemos, em consonância com o que defende o autor, que os docentes consideram a leitura como importante para o desenvolvimento intelectual e pessoal dos sujeitos, bem como percebem nas ações da biblioteca uma ferramenta para desenvolver a leitura e o conhecimento nos estudantes, embora não o façam plenamente.

Após a análise dos dados, na sequência do estudo, apresentamos o conjunto de portfólios elaborados pela pesquisadora como proposta de atividades para a dinamização dos acervos do PNBE 2013, valorizando o espaço da biblioteca escolar selecionada e a dinamização do acervo do PNBE 2013.

5 FORMAÇÃO DE LEITORES NO ESPAÇO DA BIBLIOTECA ESCOLAR: A CONSTRUÇÃO DE PORTFÓLIOS

Este capítulo tem o objetivo de apresentar o conjunto de portfólios construídos para registro dos estudantes dos anos finais do ensino fundamental (6º a 9º anos) e do professor responsável pela biblioteca escolar, utilizando as obras literárias dos acervos do PNBE 2013.

Entendemos que a realidade escolar brasileira não pode ser analisada isoladamente. Experiências de sucesso no Brasil e na América Latina precisam ser consideradas quando pretendemos mudanças significativas. Aproximamos esta pesquisa com os dados que caracterizam a situação da biblioteca escolar do Chile que, há 21 anos, desenvolve uma política de leitura nas Bibliotecas Centro de Referência em Aprendizagem (CRA). Também consultamos dados sobre criação e funcionamento das Bibliotecas-parque de Medellín na Colômbia, bem como os projetos de formação de leitores realizados pelo Conselho Nacional para a Cultura e as Artes (ConaCulta) no México.

Esses esforços foram inspiradores ao desenvolvimento da pesquisa, aproveitando-se o espaço da biblioteca escolar onde a proponente desenvolve a docência, preocupada em contribuir com a formação de leitores entre estudantes de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, a partir desse espaço. A construção de portfólios objetiva estimular usuários dessa biblioteca escolar não apenas a registrar suas práticas nesse espaço, mas especialmente a ampliarem seu entusiasmo pela leitura de textos literários existentes nos acervos disponibilizados. A análise e discussão dos resultados estimularam, portanto, a construção de dois tipos de portfólios a serem usados por alunos e por professor/es responsável/is por essa instituição escolar - a biblioteca numa perspectiva contemporânea.

Entendemos por portfólio o conjunto de folhas, armazenadas em pastas tipo arquivo, onde são propostas diferentes ações, desde perguntas que possam ser respondidas e, assim, identificar a trajetória leitora de alunos, de professores. Apresentam um conjunto de atividades de leitura e de reflexão ampliada a serem realizadas na biblioteca e registradas, na sequência, nas folhas referidas, conscientizando esses sujeitos acerca das relações dos materiais de leitura a que têm conexão com outras linguagens, com diferentes manifestações culturais e com suas práticas sociais.

Os portfólios constituem, mais especificamente, um conjunto de arquivos que registram ações de leitura na dimensão das vivências pessoais e culturais dos alunos e dos professores, explicitando detalhes e implicações do ato de ler desenvolvido por esses sujeitos.

A proposta de intervenção no espaço da biblioteca da escola, que pretende ampliar o esforço pela leitura, pela formação de leitores já existente na escola, abrange encontros presenciais de discussão, participação por meio de comentários em *blog* específico e registros no material impresso, com versão digital, utilizando os formulários do Google.

As diferentes ações dessa proposta e os registros referidos em portfólios denominaram-se de projeto Passos da Leitura, por estimular o engajamento de estudantes e professores em percursos de leitura, com foco não apenas em materiais de leitura apresentados na escola, mas também despertando o interesse dos sujeitos participantes pelos lugares por onde passam em seu cotidiano, em trajetos que percorrem na movimentação no interior de suas casas, entre suas casas e a escola, dentro dos espaços da escola e na biblioteca escolar, em especial. Na elaboração dos portfólios, consideramos a importância do uso das tecnologias de informação e comunicação, do perfil dos leitores contemporâneos e do envolvimento com distintos materiais e suportes disponíveis para a leitura literária.

Nesse sentido, os portfólios podem ser usados na versão impressa e na versão digital interativa, que se encontra disponível no blog do projeto Passos da Leitura: <http://projetopassosdaleitura.blogspot.com.br/>. O mediador de leitura, que constitui o professor responsável pela biblioteca escolar, pode optar em qual suporte são feitos os registros dos alunos: versão impressa ou digital.

As atividades de leitura no espaço da biblioteca escolar, propostas no portfólio dos estudantes foram desenvolvidas a partir de obras literárias que compõem o acervo do PNBE/2013. A escolha das obras se deu pela temática de interesse dos jovens, público alvo desse estudo, pela qualidade literária da obra e pelo contato que o autor e a obra possuem com o meio digital, por meio de blogs e redes sociais.

Na sequência desse estudo, apresentamos a versão impressa do projeto Passos da Leitura, sendo uma destinada ao professor e a outra aos alunos de 6º ao 9º anos.

MÓDULO
PROFESSOR

PASSOS DA LEITURA





PASSOS DA LEITURA

REGISTRE SEU NOME. É IMPORTANTE.

PASSOS DA LEITURA

Você já se deu conta de que a vida é feita de momentos, de etapas mais ou menos importantes?

As oportunidades de práticas de leitura que você tem diariamente contribuem para o seu desenvolvimento.

O uso da internet e a intimidade com as redes sociais tem determinado novos comportamentos de leitura e de escrita.

Celulares, *tablets*, *notebooks* não eliminam as possibilidades de você se envolver com livros, revistas, jornais, histórias em quadrinhos impressos.

O foco de leitura é muito amplo, abrangendo do impresso ao digital, linguagens, manifestações artístico-culturais.

Você é o nosso convidado a registrar e compartilhar os diferentes percursos de leitura que desenvolve.

PARTICIPE!

CURIOSIDADE

O QUE VOCÊ GOSTARIA DE ENCONTRAR NESTE TRAJETO?



PASSOS DA LEITURA

Você já percorreu trajetos inusitados, diferentes?
Já “fez” trilhas?

Considerou uma atividade interessante?

Que descobertas você fez?

Se não nenhum percurso diferenciado, aceite nosso convite para participar do projeto Passos da Leitura.

Sem esquecer o seu cotidiano, as suas atividades, entre na dinâmica desse percurso!

A vida é um conjunto de caminhos. É preciso percorrê-los.

Nesse sentido, caro/a professor/a, você é convidado/a, a registrar seu envolvimento em práticas sociais de leitura na sua vida diária, manifestando as experiências de leitura com que você se depara na sua casa, no caminho de sua casa à escola e na biblioteca de sua escola.

Na sequência, haverá uma proposta de discussão e você é convidado a participar dessa prática.

A partir de agora, você faz parte desse percurso e nós lhe desejamos uma caminhada cheia de surpresas.



PERFIL DO/A PARTICIPANTE

Nome completo:

Sexo:

- Feminino
 Masculino

Cargo ou função que ocupa:

Formação:

Graduação:

Especialização:

Mestrado:

Doutorado:

Livros preferidos com respectivos autores:

Filmes preferidos:

Programas de TV preferidos:

Atividades de lazer:



O que o motivou a trabalhar no espaço da biblioteca escolar?

Após vivenciar a realidade da escola, que ações você planejou para desenvolver, com professores, alunos, pessoas que frequentam a biblioteca, utilizando os acervos existentes nesse espaço?

A partir de sua experiência na biblioteca, o que você considera importante para dinamizá-la e ampliar as ações culturais nesse espaço escolar?



PARA CANTAR...

O que é, o que é? Gonzaguinha

Eu fico com a pureza
Da resposta das crianças
É a vida, é bonita
E é bonita

Viver
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz

Ah meu Deus!
Eu sei, eu sei
Que a vida devia ser
Bem melhor e será
Mas isso não impede
Que eu repita
É bonita, é bonita
E é bonita

E a vida
E a vida o que é?

Diga lá, meu irmão
Ela é a batida de um coração
Ela é uma doce ilusão
Hê! Hô!

E a vida
Ela é maravilha ou é
sofrimento?
Ela é alegria ou lamento?
O que é? O que é?
Meu irmão

Há quem fale
Que a vida da gente
É um nada no mundo
É uma gota, é um tempo
Que nem dá um segundo

Há quem fale
Que é um divino
Mistério profundo
É o sopro do criador
Numa atitude repleta de amor

Você diz que é luta e prazer
Ele diz que a vida é viver
Ela diz que melhor é morrer
Pois amada não é
E o verbo é sofrer

Eu só sei que confio na moça
E na moça eu ponho a
força da fé
Somos nós que fazemos a vida
Como der, ou puder, ou quiser

Sempre desejada
Por mais que esteja errada
Ninguém quer a morte
Só saúde e sorte

E a pergunta roda
E a cabeça agita
Eu fico com a pureza
Da resposta das crianças
É a vida, é bonita

GONZAGUINHA. *O que é, o que é?* 1982. Disponível em <https://www.letras.mus.br/gonzaguinha/463845/>

É significativa a letra desta canção. Você concorda? Que ideia/ideias mais lhe chamam a atenção?



PARA (RE)LER... (RE)PENSAR...

“O cerne do desenvolvimento da identidade de um professor é, sem dúvida, a leitura. Para ele, a leitura constitui, além de instrumento e/ou prática, uma ‘forma de ser e de existir’. Isto porque o seu compromisso fundamental, conforme a expectativa da sociedade, se volta para a (re)produção do conhecimento e para preparação educacional das novas gerações. Professor, sujeito que lê, e leitura, conduta profissional são termos indicotomizáveis – um nó que não se pode nem se deve desatar.”

Citação de Ezequiel Theodoro da Silva, no artigo *O professor leitor*, pertencente ao livro *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*, 2009.

Você concorda com o posicionamento do autor? Você se considera um professor leitor? Que dificuldades você encontra nessa trajetória para transformar-se em professor leitor? Não se intimide, tenha coragem de registrar o que pensa.



PRÁTICAS DE LEITURA NO CAMINHO DA ESCOLA

VAMOS PERCORRER ESTE TRAJETO?

VOCÊ É CONVIDADO/A A REGISTRAR SUAS EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS DE LEITURA QUE REALIZA NO PERCURSO ENTRE A SUA CASA E A ESCOLA (BIBLIOTECA).

1. ANTES DE SAIR DE CASA

1.1 – O que você faz antes de sair de casa para o trabalho?

- cuida da higiene pessoal
- faz uma refeição rápida
- realiza atividades domésticas
- ouve rádio
- vê televisão
- lê revistas
- lê livros
- lê jornais impressos
- revisa os materiais que trabalhará com os alunos
- acessa a internet.

1.2 – Se acessa a internet, o faz com o objetivo de:

- pesquisar
- comunicar-se com amigos nas redes sociais
- ler livros/revistas/jornais
- interagir com jogos
- outros. Quais? _____

AO SAIR DE CASA, EM DIREÇÃO À ESCOLA

2.1 – você lê:

- sinais de trânsito
- placas publicitárias
- outdoors
- nomes de estabelecimentos comerciais
- publicidade em paradas de ônibus
- publicidade no interior de coletivos urbanos
- outros. Quais? _____



2.2 – No trajeto de sua casa à escola, você encontra:

- igrejas
 indústrias
 mercados
 padarias
 associação de moradores
 lojas
 salões de beleza
 centro de tradições gaúchas (CTG)
 escolas
 espaços para animais
 outros. Quais? _____

2.3 – Nesse trajeto, você usa:

- celular
 fones de ouvido

3. CHEGADA À ESCOLA

3.1 – Nessa etapa do seu percurso, o que mais lhe chama atenção além das pessoas?

- cartazes
 comunicações/avisos nas paredes
 quadros/ fotografias
 agenda de aniversários
 outros. Quais? _____

4. NA BIBLIOTECA ESCOLAR

4.1 – Para atrair os alunos usuários do espaço da biblioteca, você costuma preparar e desenvolver alguma atividade diferenciada?

- sim
 não

4.1.1 – Você conta com a participação de outros professores na realização dessas atividades.

- sim
 não



4.1.2 Em caso positivo, você poderia relatar alguma experiência?

4.2 – Considerando que você atua no espaço escolar da biblioteca, entendemos que gosta de ler. Assinale as opções que correspondem às suas preferências.

- contos
 narrativas mais longas
 romances
 poesias
 teatro
 crônicas
 manuais de editoras

E ainda!

- jornal
 revistas
 histórias em quadrinhos

5 – Para sua formação continuada, você costuma ler

- materiais de orientação do Programa Nacional do Livro Didático
 materiais de orientação do Programa Nacional Biblioteca na Escola
 conteúdos inseridos na rede
 outros: Quais? _____

6 – Você é leitor de textos impressos. Costuma usar também usar o celular para

- acessar redes sociais
 fazer pesquisas
 ler livro eletrônico
 jogar
 fazer compras
 fazer pagamentos
 comunicação (*e-mail, whatsapp*)



7 – Você costuma informar-se sobre livros novos que chegam à biblioteca?

- sim
 não

8 – Você está familiarizado/a com *blogs*?

- sim
 não

9 – Você costuma escrever no espaço de *blogs*?

- sim
 não

9.1 – Poderia indicar o nome de um *blog*?

10 – Você costuma visitar *sites*

- literários específicos
 literário interativo
 de editoras
 de escritores
 de ilustradores
 referente a algum livro
 outros. Quais? _____

9.1 – Você poderia indicar o endereço de algum *site*, de fácil acesso, agradável?



11 - Observe a capa deste portfólio. *Passos da leitura* remete aos diferentes modos de ler e de escrever contemporaneamente. Identifique esses modos e registre-os a seguir:

12 - Quando se tem notícia por intermédio de pesquisas que o brasileiro não lê, pode-se afirmar que ele não lê ou que ele lê outros textos e usa outros suportes não reconhecidos pela escola. Registre seu posicionamento.

13 - Estudantes que frequentam o espaço da biblioteca, convidados a participar do projeto *Passos da Leitura*, registraram alguns percursos de leitura já realizados. Leia as respostas e manifeste-se acerca das experiências de leitura registradas por esses estudantes que lhe chamaram a atenção. Justifique sua resposta.



14 - Foram propostas aos estudantes e desenvolvidas por eles práticas leitoras hipermidiais.

14.1 - Em relação à ATIVIDADE 1 – livro O chute que a bola levou, de Ricardo Azevedo –, posicione-se, identificando:

a) Atividades que atenderam às expectativas dos alunos. Argumente sua observação.

b) Ações desenvolvidas que ampliaram o conhecimento/interesse. Justifique sua resposta.

c) Atividades que despertaram menor interesse entre os estudantes. Justifique sua resposta.



d) A pertinência ou não da proposta de leitura hipermedial, desencadeada a partir de um livro literário pertencente ao acervo do PNBE/2013.

14.2 - Em relação à ATIVIDADE 2 – livro Raul Taborin, de Jean-Jacques Sempé –, posicione-se, identificando:

a) Atividades que atenderam às expectativas dos alunos. Argamente sua observação.

b) Ações desenvolvidas que ampliaram o conhecimento/interesse. Justifique sua resposta.



c) Atividades que despertaram menor interesse entre os estudantes. Justifique sua resposta.

d) A pertinência ou não da proposta de leitura hipermedial, desencadeada a partir de um livro literário pertencente ao acervo do PNBE/2013.

14.3 - Em relação à ATIVIDADE 3 – livro A tatuagem, de Rogério Andrade Barbosa –, posicione-se, identificando:

a) Atividades que atenderam às expectativas dos alunos. Argumente sua observação.



b) Ações desenvolvidas que ampliaram o conhecimento/interesse. Justifique sua resposta.

c) Atividades que despertaram menor interesse entre os estudantes. Justifique sua resposta.

d) A pertinência ou não da proposta de leitura hipermídia, desencadeada a partir de um livro literário pertencente ao acervo do PNBE/2013.



MÓDULO
ESTUDANTE

PASSOS DA LEITURA





PASSOS DA LEITURA

REGISTRE SEU NOME. É IMPORTANTE.

PASSOS DA LEITURA

Você já se deu conta de que passa o dia todo lendo? Sim. Você lê desde materiais impressos a anúncios publicitários luminosos, sinais de trânsito. Você lê e escreve nas redes sociais. São momentos de comunicação, de compartilhamento de ideias e de emoções. Novos modos de ler e de escrever ocupam o seu dia-a-dia e contribuem para o seu desenvolvimento.

Celulares, *tablets*, *notebooks*, o uso da internet, portanto, e a intimidade com as redes sociais não descartam o seu envolvimento com livros, revistas, jornais, história em quadrinhos impressos. São experiências distintas. Linguagens artísticas e culturais também se encontram disponíveis para leitura.

Ler e escrever são atividades muito amplas. Aproveite as oportunidades que o tempo atual propicia ao seu desenvolvimento individual e social. Você é o nosso convidado a registrar e compartilhar os diferentes percursos de leitura que desenvolve.

PARTICIPE!

CURIOSIDADE

O QUE VOCÊ GOSTARIA DE ENCONTRAR NESTE TRAJETO?



PASSOS DA LEITURA

Você já percorreu trajetos inusitados, diferentes? Já “fez” trilhas?

Considerou uma atividade interessante?

Que descobertas você fez?

Se não realizou nenhum percurso diferenciado, aceite nosso convite para participar do projeto Passos da Leitura.

Sem esquecer o seu cotidiano, as suas atividades, entre na dinâmica desse percurso!

A vida é um conjunto de caminhos. É preciso percorrê-los.

Nesse sentido, caro/a estudante, você é convidado/a, primeiramente, a registrar seu envolvimento com materiais escritos fora da escola, na sua vida diária. Para isso, dividimos este registro em cinco etapas: 1º) antes de sair de casa; 2º) a caminho da escola; 3º) na chegada à escola; 4º) na sala de aula; 5º) na biblioteca escolar.

Na primeira etapa, você irá assinalar a alternativa que melhor indique as situações de leitura com que você se depara ainda na sua casa, no seu ambiente familiar. Na sequência, você irá assinalar as experiências de leitura no caminho de sua casa à escola. A terceira etapa consiste nos registros dos materiais de leitura com que se depara ao chegar à escola. A quarta, com materiais disponíveis na sala de aula. E a quinta, com materiais existentes no espaço da biblioteca escolar.

Para finalizar, você será convidado/a a realizar a leitura de uma obra literária que compõe os acervos do Programa Nacional Biblioteca na Escola/2013, refletindo, individual e coletivamente, sobre temáticas significativas à sua realidade.

Todos os registros que você irá realizar neste documento serão observados e mediados pelo/a professor/a responsável pela biblioteca escolar, que irá guiá-lo/a e orientá-lo/a nas atividades.

A partir de agora você faz parte desse percurso e nós lhe desejamos uma caminhada cheia de surpresas.



PERFIL DO/A PARTICIPANTE

Nome completo:

Sexo:

Feminino
 Masculino

Idade:

Ano que cursa:

Gosta de:

Não gosta de:

Livros preferidos:

Filmes preferidos:

Programas de TV preferidos:

Seus heróis:

Seus personagens preferidos:



PARA CANTAR...

Aos olhos de uma criança

Emicida

Menino, mundo, mundo, menino (x8)

Selva de pedra, menino microscópico
O peito gela onde o bem é utópico
É o novo tópico meu bem
A vida nos trópicos
Não tá fácil pra ninguém
É o mundo nas costas e a dor nas custas
Trilhas opostas, 'la plata' ofusca
Fumaça, buzinas e a busca
Faíscas na fogueira bem de rua, chamusca
Sono tipo 'slow blow', onde vou vou
Leio vou, vo, e até esqueço quem sou, sou
Calçada, barracos e o bonde
A voz ecoa sós mas ninguém responde
Miséria soa como pilhéria
Pra quem tem a barriga cheia, piada séria
Fadiga pra nós, pra eles férias
Morre a esperança
E tudo isso aos olhos de uma criança

Gente, carro, vento, arma, roupa, poste
Aos olhos de uma criança
Quente, barro, tempo, carma, roupa, nós
Aos olhos de uma criança
Mente, sarro, alento, calma, moça, sorte
Aos olhos de uma criança
Sente o pigarro, atento, alma, louça, morte
Aos olhos de uma criança

É café, algodão, é terra, vendo o chão é certo
É direção afeta, é solidão, é nada (é nada)
É certo, é coração, é causa, é danação, é sonho, é ilusão
É mão na contra mão, é mancada
É jeito, é o caminho, é nós, é eu sozinho
É feito, é desalinho, perfeito carinho, é cilada
É fome, é fé, é os home, é medo
É fúria, é ser da noite é segredo, é choro de boca calada
Saudades de pá, pai, quanto tempo faz, a esmo
Não é que esse mundo é grande mesmo
A melodia dela, do coração, tema
Não perdi seu retrato
Tipo adoniran em iracema

São lágrimas no escuro e solidão
Quando o vazio é mais do que devia ser
Lembro da minha mão na sua mão
E os olhos enchem de água sem querer

Aos olhos de uma criança
Gente, carro, vento, arma, roupa, poste
Aos olhos de uma criança
Quente, barro, tempo, carma, roupa, nós
Aos olhos de uma criança
Mente, sarro, alento, calma, moça, sorte
Aos olhos de uma criança
Sente o pigarro, atento, alma, louça, morte
Aos olhos de uma criança

Menino, mundo, mundo, menino (x8)

EMICIDA. Aos olhos de uma criança. Disponível em <http://www.vagalume.com.br/emicida/aos-olhos-de-uma-crianca.html>

Acesse a internet e assista ao clipe dessa canção, que se encontra disponível em https://www.youtube.com/watch?v=cpOb3db_Xuc

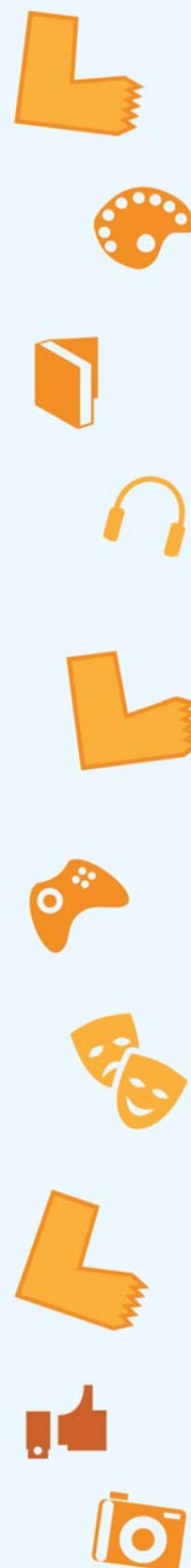
É significativa a letra desta canção. Você concorda? Que ideia/ideias mais lhe chamam a atenção?



Observe os diferentes modos de ler nas imagens e a capa do projeto Passos da leitura.



Faça um comentário crítico sobre as modalidades de leitura existentes na atualidade:



PRÁTICAS DE LEITURA NO TRAJETO DA ESCOLA

VAMOS PERCORRER ESSA ROTA?
ENTÃO, ASSINALE AS OPÇÕES QUE CONSIDERAR AS MAIS ADEQUADAS
PARA O SEU CASO:

1. ANTES DE SAIR DE CASA

1.1 - Você:

- cuida da higiene pessoal
- faz uma refeição rápida
- faz atividades domésticas
- ouve rádio
- vê televisão
- lê revistas
- lê livros
- lê jornais impressos
- acessa a internet.

1.2 - Se acessa a internet, o faz com o objetivo de:

- pesquisar conteúdos escolares
- comunicar-se com amigos nas redes sociais
- ler livros/revistas/jornais
- interagir com jogos
- outros. Quais?

2. AO SAIR DE CASA, EM DIREÇÃO À ESCOLA, VOCÊ TEM CONTATO COM:

- sinais de trânsito
- placas publicitárias
- outdoors
- placas de lojas, mercados, escritórios, associações de moradores
- anúncios sonoros
- anúncios em cartazes
- outros. Qual? _____



2.2 - No trajeto de sua casa à escola, você encontra:

- igrejas
 indústrias
 mercados
 padarias
 associação de moradores
 lojas
 salões de beleza
 centro de tradições gaúchas (CTG)
 escolas
 espaços para animais
 espaços verdes
 outros. Quais? _____

2.3 - Nesse trajeto, você usa:

- celular
 fones de ouvido

3. CHEGADA À ESCOLA

3.1 - Ao chegar na escola, você tem contato com:

- cartazes
 comunicações / avisos nas paredes
 quadros
 outros materiais: quais? _____

4. NA SALA DE AULA

4.1 - No espaço da sala de aula, você tem contato com:

- cartazes
 imagens
 avisos
 expositores de projetos de leitura
 mapas
 exposição de trabalhos
 fotos
 ilustrações
 livros didáticos
 livros de literatura
 revistas
 outros materiais: quais? _____



5. NA BIBLIOTECA ESCOLAR

5.1 - Você costuma entrar na biblioteca de sua escola com que periodicidade?

- diariamente
 uma vez por semana
 duas vezes ao mês
 uma vez ao mês
 outra periodicidade: qual? _____
 não frequento a biblioteca escolar

5.2 - Quando você entra na biblioteca, você tem livre acesso aos livros?

- sim
 não. Por quê? _____

5.3 - Como você escolhe a estante para escolher o livro que irá ler?

- pela divisão do acervo (ano/série que cursa).
 pelo gênero (poesia, romance).
 por indicação do professor responsável pela biblioteca escolar.
 por indicação de um colega.
 não há critérios para a escolha da estante de livros.

5.4- Durante sua permanência na biblioteca escolar, o professor responsável o/a orienta, estimula você a ler?

- sim
 não

5.5 - Se você respondeu Sim na questão anterior, como esse professor responsável pela biblioteca faz essa orientação?

- indicando livros
 fazendo perguntas
 registrando os livros no caderno de empréstimos
 realizando atividades de leitura
 organizando o material
 auxiliando na pesquisa
 outro: Qual? _____



9.2 – A partir dessas experiências de leitura em casa, na rua, na escola, na biblioteca, assinale as opções com as quais você está de acordo:

- devo ler no mínimo um livro por mês.
- preciso estimular meus familiares a ler.
- é importante conversar com meus/minhas colegas, com meus/minhas amigos/as sobre os livros que leio.
- ler antes de dormir não faz bem.
- ler antes de dormir é bom.
- prefiro ler um livro a ver um programa chato na televisão.
- se eu tivesse livros em casa, leria mais.
- A leitura envolve diferentes materiais e suportes.

9.3 – Na vida, preciso fazer opções, escolhas:

- se eu precisasse escolher entre usar o celular ou assistir a um filme de literatura fantástica (vampiros, por exemplo), eu escolheria o filme.
- se eu ficar sabendo da existência de um museu no Centro de Tradições Gaúchas (CTG) e tiver a oportunidade de jogar futebol ou vôlei, eu escolheria praticar esporte.
- se eu fosse solicitado/a a criar uma frase para colocar em camisetas da minha turma, eu escreveria sobre o cuidado com o meio ambiente.

Sugestão de frase:

- se eu for solicitado/a a ajudar pessoas que sofrem uma tragédia, eu, primeiro, desejaria conhecer sua identidade.



10 ATIVIDADES DE LEITURA NO ESPAÇO DA BIBLIOTECA ESCOLAR

10.1 ATIVIDADE 1

O CHUTE QUE A BOLA LEVOU

Autor: Ricardo Azevedo
 Editora: Moderna



Sinopse: Aquela bola de couro vivia sonhando trezentas mil coisas na prateleira de uma loja de material esportivo. Um belo dia, foi comprada e, logo depois, entrou em campo para sua primeira partida de futebol. O que ela jamais poderia imaginar é que aquele seria apenas o pontapé inicial de muitos outros jogos extraordinários e inesperados.

Blog do autor: <http://www.ricardoazevedo.com.br/>

Facebook do autor: <https://www.facebook.com/rjdazevedo/?fref=ts>

Blog que menciona a obra: <http://www.ricardoazevedo.com.br/livro/o-chute-que-a-bola-levou/>

✓ TIPO DE ATIVIDADE:

Leitura de texto literário, audição de música, interação com a internet e com aplicativos para *tablet*. Ampliação do conhecimento sobre os diversos tipos de textos, produção textual escrita em diferentes suportes e oral, através de debates e comentários. Sugestões para leitura extensiva.

✓ TEMPO ESTIMADO:

Três etapas de, aproximadamente, 1 hora e 30 minutos cada.

✓ ATIVIDADES PREPARATÓRIAS:

- Espaço ambientado com objetos relativos ao tema Futebol (bolas, goleiras, fotos de jogadores, música "É uma partida de futebol" do grupo Skank).
- Computadores com acesso à internet
- *tablets* com aplicativos de jogos de futebol (Football Chairman, Real Football 2013 ou FIFA 14)
- impressora
- cartolinas e canetões
- exemplares do livro O chute que a bola levou, de Ricardo Azevedo.



1ª ETAPA: DESPERTANDO O INTERESSE PELO TEMA

10.1.1 Assista ao vídeo “Futebol a Paixão Nacional” (<https://www.youtube.com/watch?v=Mvtp-xgjlQY>) disponível no youtube, que será mostrado pela docente responsável pela biblioteca. A seguir, responda às questões:

10.1.1.1 Você considera o futebol uma paixão nacional?

- Sim
 Não

10.1.1.2 Você prefere assistir aos jogos em que local?

- Em casa pela TV
 No próprio estádio de futebol
 Em bares/restaurantes
 Outro local: Qual? _____

10.1.1.3 Qual o seu time do coração?

10.1.2 Em 2016, os jogos olímpicos serão no Brasil e a nossa seleção já está preparada para mais esse desafio. Em sua opinião, qual a importância de fazer parte de um time que irá atuar nos jogos olímpicos?

10.1.3 Reúna-se a outros dois colegas e interaja por 15 minutos com alguns dos jogos encontrados como Football Chairman, Real Football 2013 ou FIFA 14, disponíveis nos *tablets* da biblioteca.

10.1.3.1 Como foi essa experiência com os jogos?



10.1.4 Agora, navegue pelo computador em sites de notícias sobre esporte.

10.1.4.1 Selecione uma notícia interessante, provocante ou sensacionalista.

10.1.4.2 Transcreva o título da notícia que você selecionou.

10.1.4.3 Comente com seus colegas sobre essa notícia.

2ª ETAPA: AMPLIANDO O CONHECIMENTO SOBRE TIPOS DE TEXTO

10.1.5 Busque na internet textos (poemas, crônicas, contos, notícias) que tenham como tema o futebol.

10.1.5.1 Selecione um desses textos que você julgou mais interessante ou pitoresco para leitura individual. É importante que cada colega selecione um tipo diferente de texto.

10.1.5.2 Qual o título e o nome do autor do texto que você selecionou?

10.1.5.3 Que impressões você teve sobre o texto lido?

10.1.5.4 Leia o seu texto para o grupo de colegas e compartilhe suas impressões sobre ele.

10.1.6 Organizem-se em dois times. O time de defesa e o time do ataque. Qual o nome que o grupo deu ao seu time?



10.1.6.1 O seu time tem de elaborar frases de estímulo à leitura, com as seguintes palavras:

partida, gol, time, atacante, camisa, campo

ou outras que sejam relativas ao tema Futebol. Para essa atividade o time deverá usar as cartolinas e os canetões. Após cada time elaborar suas frases, haverá uma mostra das melhores frases de incentivo à leitura.

10.1.6.2 Quais foram as frases elaboradas pelo seu time?

10.1.7 Leia o livro O CHUTE QUE A BOLA LEVOU, do autor Ricardo Azevedo.

10.1.7.1 Quais foram suas impressões sobre o livro lido?

10.1.7.2 Levante cinco ideias básicas do livro.



10.1.7.6 Faça uma comparação entre o conteúdo do livro e os conteúdos dos textos da 1ª etapa:

3º ETAPA: OUTRAS VIVÊNCIAS SOBRE O TEMA

10.1.8 O mundo do futebol é repleto de desafios, alegrias, vitórias, frustrações e até de momentos cômicos. Assista a algumas entrevistas de jogadores de futebol que revelam a variedade de sentimentos que envolvem essa paixão do povo brasileiro:

- entrevista emocionada do goleiro Júlio César, durante a Copa do Mundo no Brasil, e 2014. (<https://www.youtube.com/watch?v=a-Y78yfArSk>)

- entrevista confusa do jogador João Paulo, do São Paulo (<https://www.youtube.com/watch?v=S11RThP6RLw>)

- entrevistas bizarras do futebol (<https://www.youtube.com/watch?v=S8riSOIWysE>)

10.1.8.1 Quais foram suas impressões sobre esses vídeos? Que vídeo/s mais o/a agradou/aram?



10.1.9 Visite o blog do autor Ricardo Ramos
<http://www.ricardoazevedo.com.br/>

10.1.10 Visite o perfil do autor Ricardo Ramos no facebook
<https://www.facebook.com/rjdazevedo/?fref=ts>

10.1.11 Seja o técnico!

Com certeza, você sabe quem são os verdadeiros craques do futebol do nosso país. Então, seja o técnico e monte a Seleção Brasileira ideal! Quais são os craques que irão formar essa seleção?

10.1.11: "Monte sua seleção e registre a escalação no *blog* do projeto *Passos da Leitura* (<http://projetopassosdaleitura.blogspot.com.br/>).

10.1.12 Seja o Chef!

Imagine que você deseja criar um restaurante, baseando-se nas duas grandes paixões do brasileiro: gastronomia e futebol.

10.1.12.1 Como será o nome do seu restaurante?

10.1.12.2 Que pratos temáticos você, como Chef, irá criar?

10.1.12.3 Qual será o diferencial do seu restaurante?



10.1.13.1 Compartilhe sua história no *blog* do projeto *Passos da Leitura* (<http://projetopassosdaleitura.blogspot.com.br/>).

10.1.14 Para finalizar, visite o *blog* do projeto *Passos da Leitura* (<http://projetopassosdaleitura.blogspot.com.br/>) e comente suas impressões sobre o caminho que você acabou de percorrer.

10.1.15 SUGESTÕES DE ATIVIDADES EXTENSIVAS

Filmes

O casamento de Romeu e Julieta

O filme brasileiro aborda o tema Shakespeariano do amor impossível entre dois jovens, filhos de famílias rivais. Ao invés da cidade de Verona, seus personagens vivem na moderna e trepidante São Paulo e a rivalidade, aqui, surge do futebol. Julieta é uma torcedora Palmeirense. Romeu corinthiano roxo, conhece Julieta e faz o impossível para conquistar a bela e sua família: finge ser palmeirense a ponto de se tornar sócio do clube e freqüentar os jogos do Verdão. A mentira gera uma série de confusões, mal entendidos, acontecimentos inesperados e absolutamente deliciosos entre as duas famílias rivais.

Entrevistas

Entrevista de Matthew Shirts, disponível no youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=Ukuq0TdFRIU>)

Matthew Shirts é um jornalista americano formado em Ciências Sociais pela Universidade de Berkeley e em História pela Universidade de Stanford. Matthew chegou ao Brasil em 1976 como aluno de intercâmbio na Universidade de São Paulo. Estuda a cultura do Brasil, inclusive o futebol, sendo torcedor do Corinthians.

Livros

Do mesmo autor

Fragosas Brenhas do Mataréu. São Paulo: Ática. (Ganhador Prêmio Jabuti)

Armazém do folclore. São Paulo: Ática.

Contos de adivinhação. São Paulo: Ática.

Contos de espanto e alubrimento. São Paulo: Scipione.

Outra enciclopédia canina. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

Cultura da terra. São Paulo: Moderna.



Sobre o mesmo tema

A bola e o goleiro, de Jorge Amado. São Paulo: Companhia das Letras.

Uma história de futebol, de José Roberto Torero. Rio de Janeiro: Objetiva.

Copa do Mundo – figurinhas e figurões, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta. São Paulo: Nova Alexandria.



10.1.15 REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. *O chute que a bola levou*. São Paulo: Moderna, 2012.

FUTEBOL. *A Paixão Nacional*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Mvtp-xgjlQY>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

Entrevista de Julio César durante a Copa do Mundo no Brasil em 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=a-Y78yfArSk>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

Entrevista de David Luiz após a eliminação da Copa do Mundo no Brasil em 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bpeu-dhbRqkY>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

Entrevista confusa do jogador do São Paulo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S11RThP6RLw>>. Acesso em: 28 jan. 2016.

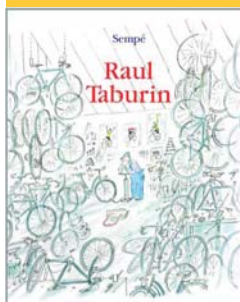
Entrevistas bizarras do futebol. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S8riSOIWysE>>. Acesso em: 28 jan. 2016.



10.2 ATIVIDADE 2

RAUL TABURIN

Autor e Ilustrador: Jean-Jacques Sempé
 Editora: Cosac Naify



Sinopse: Raul Taburin é o melhor mecânico de bicicletas de Saint-Céron: sabe identificar todos os barulhos, corrente solta, guidão desbalanceado, rodas de aro torção, e também as minúcias como um chiado, um treme-treme. Sua fama é tamanha que o veículo passou a ser chamado de taburinha. Apesar disso, Taburinha nunca soube se equilibrar sobre duas rodas, um segredo que ele jamais revelou, até mesmo para sua mulher. Tal inabilidade ciclística quase se torna pública quando um fotógrafo que é seu amigo decide retratá-lo dando algumas voltas de bicicleta.

Facebook do autor: <https://www.facebook.com/Sempe.dessin/?fref=ts>

Blog que menciona a obra: <http://lendoparavoce.blogspot.com.br/2015/01/raul-taburin-sempe.htm>

✓ **TIPO DE ATIVIDADE:**

Leitura de texto literário, audição de música, interação com a internet, jogos, vídeos e celulares. Ampliação do conhecimento sobre os diversos tipos de textos, produção textual escrita em diferentes suportes; produção oral em debates e comentários. Sugestões para leitura extensiva.

✓ **TEMPO ESTIMADO:**

Três etapas de, aproximadamente, 1 hora e 30 minutos cada.

✓ **ATIVIDADES PREPARATÓRIAS:**

- Espaço ambientado com objetos relativos à temática Bicicleta como meio de transporte, prática desportiva e lazer.
- Computadores com acesso à internet
- Celulares com acesso à internet
- cartolinas, lápis de cor, canetinhas, tintas guache.
- exemplares do livro Raul Taburin, de Jean-Jacques Sempé



1ª ETAPA: DESPERTANDO O INTERESSE PELO TEMA

10.2.1 *Brainstorming*¹ : Explosão de ideias!

10.2.1. Com a turma em círculo, exponha aos colegas o seu ponto de vista em relação a seguinte questão: A nova paisagem urbana da nossa cidade, com a construção de ciclovias.

10.2.1.2 Após esse compartilhamento de opiniões, registre a opinião que mais representa a ideia do grupo.

10.2.2 Agora, a turma passará a ser dividida em dois grupos. Escolha pertencer a um deles:

- Grupo A: favoráveis à inclusão de ciclovias no cenário urbano, como meio de transporte, prática desportiva e lazer.

- Grupo B: contrários à inclusão de ciclovias no cenário urbano, considerando-as modismo dispensável, até certo ponto inútil.

Nos grupos, discutam sobre a (in)validade das ciclovias (a favor ou contra). Após, cada grupo terá 15 minutos para defender a sua posição sobre o tema.

10.2.2.1 Registre o que considerou mais importante nesse debate.



¹ O *brainstorming* ou tempestade de ideias é uma atividade desenvolvida para explorar a potencialidade criativa de um indivíduo ou de um grupo, por meio da explicitação de opiniões, para alcançar objetivos pré-determinados.



10.2.3 Individualmente, acesse a internet nos computadores da biblioteca e assista aos seguintes vídeos:

- Reportagem - Metade da população da Holanda usa a bicicleta como meio de transporte: <https://www.youtube.com/watch?v=XE0npl80lsY>

- Jornalismo - Uso da bicicleta como transporte inicia série sobre mobilidade urbana: <https://www.youtube.com/watch?v=ayzWI-4vJmA>

- A importância das ciclovias em SP (Bike Courier): <https://www.youtube.com/watch?v=OBcZJS-Y6io>

Após assistir aos vídeos selecionados, expresse a sua opinião sobre:
10.2.3.1 O cuidado ambiental/sustentabilidade que o uso das bicicletas proporciona.

10.2.3.2 A importância do uso das bicicletas como meio de transporte para o trabalho, nas grandes cidades.

10.2.3.3 A importância do uso das bicicletas para o condicionamento físico das pessoas.



10.2.5 Você convive com diferentes tipos de texto. Após a leitura dos três fragmentos, identifique o que caracteriza, basicamente, cada um deles.

Notícia

Incentivo ao uso da bicicleta: uma tendência mundial²

A bicicleta vem ganhando espaço no cotidiano do brasileiro não só como mais uma opção de lazer, mas como um importante meio de transporte diário. Hoje, no Brasil, são mais de 60 milhões de bicicletas, metade são usadas pela população para ir ao trabalho. [...] Maiores reféns do trânsito, as grandes capitais já recebem algumas iniciativas. Por exemplo, as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo contam com o sistema de aluguel de bicicleta – Bike Rio e Ciclo Sampa – resultado da parceria entre as prefeituras e bancos. [...] Outra iniciativa na cidade já está em andamento, um bicicletário público com vestiário está sendo criado próximo a estação de metrô Faria Lima. O projeto que partiu de um abaixo assinado com mais de 23 mil assinaturas, terá manobristas, armários, ferramentas para bicicleta, e funcionará 24 horas.



No Mundo Diferente do Brasil, alguns países já estão bem desenvolvidos em relação a ciclovias. Como por exemplo, a cidade de Bogotá, que possui 359 km de ciclovia, Nova York 675 km e Berlim 750 km. Em Tóquio e na Holanda, 25% dos trajetos são feitos de bicicleta. Portanto, esses países procuram além das ciclovias, outras iniciativas para estimular o uso da bicicleta. Na França, 20 empresas e instituições somando mais de dez mil funcionários, pagam 25 centavos de euro a cada quilômetro percorrido de bicicleta no trajeto casa-trabalho. [...]

No Mundo Diferente do Brasil, alguns países já estão bem desenvolvidos em relação a ciclovias. Como por exemplo, a cidade de Bogotá, que possui 359 km de ciclovia, Nova York 675 km e Berlim 750 km. Em Tóquio e na Holanda, 25% dos trajetos são feitos de bicicleta. Portanto, esses países procuram além das ciclovias, outras iniciativas para estimular o uso da bicicleta. Na França, 20 empresas e instituições somando mais de dez mil funcionários, pagam 25 centavos de euro a cada quilômetro percorrido de bicicleta no trajeto casa-trabalho. [...]

Além de manter uma população mais saudável e diminuir a poluição e os congestionamentos das grandes metrópoles, outros dados chamam a atenção para os diferentes benefícios do uso da bicicleta como transporte diário. Segundo um estudo realizado em Nova Iorque, as vendas das lojas de rua aumentaram em até 49% após a construção de ciclovias. O estudo argumenta que um ciclista tem menos barreiras para entrar numa loja local que, ao contrário do carro, é mais fácil encontrar um ponto para prender a bicicleta. Outro fator interessante é a questão da segurança. Porém, um estudo feito na Universidade do Colorado em Denver, nos Estados Unidos, mostra o contrário. O estudo afirma que o aumento de bicicletas nas estradas reduz o número de acidentes de trânsito e ainda torna o tráfego mais seguro.

² Notícia do site SustentArqui, disponível em < <http://sustentarqui.com.br/urbanismo-paisagismo/incentivo-ao-uso-da-bicicleta-uma-tendencia-mundial/>



10.2.5.1 Registre o tema abordado:

Obra de arte:



Ciclistas, 1989, óleo sobre tela, 180 x 213 cm, col. Maria Coussirat Camargo
Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre.

10.2.5.2 Registre suas impressões:



Texto literário:

“A bicicleta de Irina Dunn”

Sérgio Caparelli

Um peixe de bicicleta
Equilibra-se como pode.
Ele avança dentro d’água
De um mar sem ciclovia

E quase perde o equilíbrio
Com o guidão da maresia.

Pois um peixe de bicicleta,
Dentro do mar de espuma,
Segue, contra a corrente,
Com os pedais de bruma,
As rodas luzindo ao sol,
Sem corrente nenhuma.

Levo Irina na garupa
E pedalo em linha reta
Pois Irina disse um dia
(Mas não sei se estava certa):
“Mulher precisa de homem
Como um peixe, de bicicleta.”

10.2.5.3 Registre seu comentário:

10.2.6 Use a sua criatividade!

A partir da ilustração central³, imagine o que poderia ser essa situação. Narre-a, criando uma situação anterior, como introdução.

Crie também uma situação posterior, que passará a ser a conclusão, ou seja, uma narrativa com início, meio e fim.



³ A ilustração de Colin Mcnaughton faz parte da obra “Era uma vez: essa é uma história que fica para agora” (1982), dos autores Isis Maria de Palma Augusto e Claudio Antonio Marques Luiz. Imagens Editora/SP.



10.2.6.1 Agora, transcreva o texto completo.

10.2.7 O escritor gaúcho Caio Fernando de Abreu, ao se referir à vida, compara-a com o andar de bicicleta:

“Porque a vida é como andar de bicicleta: quando você perde o medo, aprende, está indo muito bem e feliz... Aí Deus diz: Ok, agora sem rodinhas.”

Aceite o desafio de criar uma comparação original e pitoresca, em que possa se utilizar de outras palavras que designam bicicleta: bike, bici, velocípede, magrela.

10.2.8 Você concorda com a proposta encontrada no cartum ou discorda dela? Justifique sua resposta.



10.2.9 Leia o livro RAUL TABURIN, do autor Jean-Jacques Sempé

10.2.9.1 Quais foram suas impressões sobre o livro lido?

10.2.9.2 Levante cinco ideias básicas do livro.

10.2.9.3 Raul Taburin, personagem da obra de mesmo nome, surpreende o leitor por suas características físicas e psicológicas. Identifique-as, transcreva-as e registre um comentário sobre o comportamento de Raul.



10.2.9.4 A narrativa é construída com diferentes recursos verbais e não-verbais. Identifique os recursos que contribuem para a leveza da narrativa e para o desejo de o leitor continuar lendo o texto até o final.

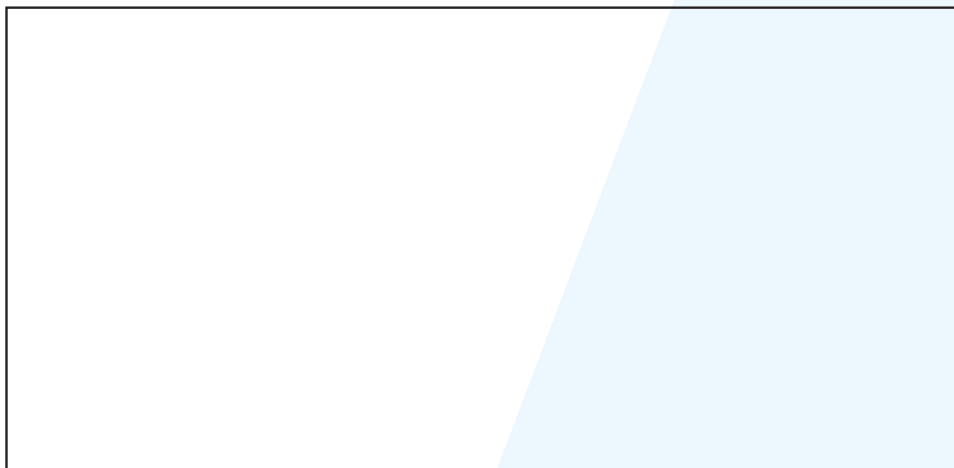
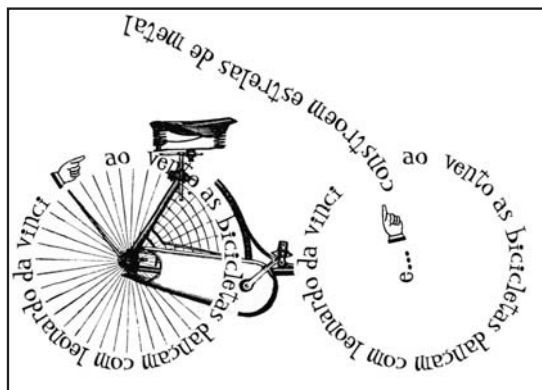
10.2.9.5 As ilustrações do autor que complementam o sentido da história são ricas em detalhes. Selecione uma das ilustrações do livro e elabore um comentário sobre o seu conteúdo.

10.2.9.6 Você está sendo desafiado a criar a declaração reveladora de Raul Taburin, constante do final da história, empregando linguagem tipicamente jovem. Elabore o texto e registre-o.

10.2.8.2 Faça uma comparação entre o conteúdo do livro e conteúdos veiculados nos textos da 1ª etapa:



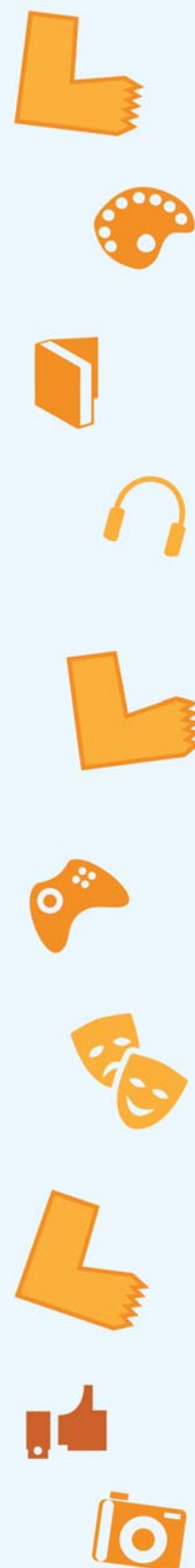
10.2.10 Observe o desenho que mescla traço e palavras. Use sua imaginação e criatividade, e crie um desenho com os mesmos recursos, cujo texto será de sua autoria.



3ª ETAPA – OUTRAS VIVÊNCIAS SOBRE O TEMA

10.2.9 As bicicletas são usadas para a prática de atividades físicas e esportes. Utilize o celular com acesso à internet e pesquise esportes que são praticados com bicicletas.

10.2.9.1 A seguir, identifique quais modalidades você encontrou em sua pesquisa:



10.2.9.2 Dentre as modalidades referidas, identifique a/as que mais lhe chamou/aram a atenção?

10.2.10 Acesse a internet e navegue em sites de artistas plásticos cujas obras representam bicicletas.

- a artista Mariana Kalacheva, (<http://kalacheva.com/portfolio/?lang=en>).

- o artista Riccardo Guasco (<http://www.riccardogiasco.com>).

10.2.10.1 Quais foram suas impressões sobre essas obras de arte?

10.2.10.2 Identifique uma obra de que você mais gostou, explicando por quê.



10.2.11.5 Disponibilize o vídeo no Youtube, visite o blog do projeto Passos da Leitura (<http://projetopassosdaleitura.blogspot.com.br/>) e poste o link do vídeo da apresentação do rap. Para finalizar, aproveite para comentar suas impressões sobre o caminho que você acabou de percorrer.

10.2.12 SUGESTÕES DE ATIVIDADES EXTENSIVAS

Filme de animação

As bicicletas de Belleville, dirigido por Sylvain Chomet, 2002.

Livros

Do mesmo autor

A volta às aulas do pequeno Nicolau - Jean-Jacques Sempé

Pequeno Nicolau no recreio - Jean-Jacques Sempé

Sobre o mesmo tema

Diários de bicicleta – David Byrne. Editora Amariyls.

A bicicleta que tinha bigodes – Ondjaki – Pallas, 2012.

Vá de Bike: Um Guia Radicalmente Prático Para Você Andar de Bicicleta – Grant Petersen - Odisseia

Poesia de Bicicleta – Sérgio Capparelli - L&PM

10.2.13 REFERÊNCIAS

A *IMPORTÂNCIA das ciclovias em SP* (Bike Courier). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=OBcZJS-Y6io>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

ABREU, Caio Fernando de. *Bicicleta*. Disponível em:<

<http://pensador.uol.com.br/frase/ODQ5NjEz/>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

AUGUSTO, Isis Maria de Palma; LUIZ, Claudio Antonio Marques. *Era uma vez: essa é uma história que é para agora*. São Paulo: Imagens Editora, 1982.

CAMARGO, Maria Coussirat. *Ciclistas*. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 1989, óleo sobre tela, 180 x 213 cm.

CAPARELLI, Sérgio. *A bicicleta de Irina Dunn*. In: CAPARELLI, Sérgio. *Poesia de Bicicleta*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

GRUPO TRIO. *El rap de la bicicleta*. 2006. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=cmqg-ecEdsl>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

GUASCO, Riccardo do. Disponível em: <<http://www.riccardogiasco.com>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

INCENTIVO ao uso da bicicleta: uma tendência mundial. Disponível em <

<http://sustentarqui.com.br/urbanismo-paisagismo/incentivo-ao-uso-da-bicicleta-uma-tendencia-mundial>>. Acesso em 20 fev. 2016.

KALACHEVA, Mariana. Portfólio. Disponível em: <<http://kalacheva.com/portfolio/?lang=en>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

METADE da população da Holanda usa a bicicleta como meio de transporte.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XE0npl80lsY>>. Acesso em 20 fev. 2016.

SEMPÉ, Jean-Jacques. *Raul Taburin*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

USO da bicicleta como transporte inicia série sobre mobilidade urbana. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ayzWl-4vJmA>. Acesso em 20 fev. 2016.

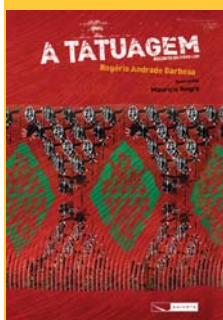


10.3 ATIVIDADE 3

A TATUAGEM - RECONTO DO POVO LUO

Autor: Rogério Andrade Barbosa – **Ilustrador:** Maurício Negro

Editora: Gaivota



Sinopse: Duany mal ajudava a mãe e a irmã com a moenda do milho e outros afazeres de sua aldeia. Seu maior desejo – o qual compartilhava com todas as garotas da sua idade – era ter a tatuagem mais bonita de seu povo, para conseguir um bom pretendente para casar. Contudo, Duany encontrará pelo caminho uma criatura misteriosa, que mudará o rumo de sua vida. Acompanhe esse conto da tradição oral da etnia luo e descubra que nas mais fantásticas histórias podemos nos deparar com os mesmos dilemas de nossa realidade.

Facebook do autor: <https://www.facebook.com/rogerio.andradebarbosa>

Site do autor: <http://www.rogerioandradebarbosa.com/>

Site da Editora: <http://www.editoragaivota.com.br/livro/a-tatuagem-reconto-do-povo-luo/>

✓ TIPO DE ATIVIDADE:

Leitura de texto literário, interação com a internet, vídeos e celulares. Ampliação do conhecimento sobre os diversos tipos de textos, produção textual escrita em diferentes suportes; produção oral em debates e comentários. Sugestões para leitura extensiva.

✓ TEMPO ESTIMADO:

Três etapas de, aproximadamente, 1 hora e 30 minutos cada.

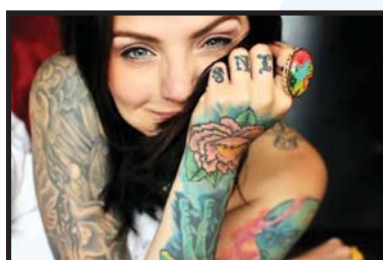
✓ ATIVIDADES PREPARATÓRIAS:

- Espaço ambientado com objetos relativos à temática Tatuagem e suas diversas simbologias.
- Mapa Mundi
- Computadores com acesso à internet
- Celulares com acesso à internet
- exemplares do livro Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo, de Leusa Araújo.
- exemplares do livro A Tatuagem – Reconto do povo Luo, de Rogério Andrade Barbosa.



1ª ETAPA: DESPERTANDO O INTERESSE PELO TEMA

10.3.1 Observe as imagens a seguir:



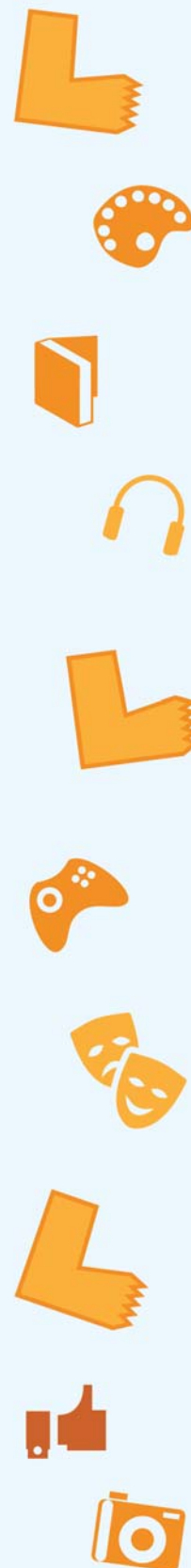
10.3.2 Vamos fazer um debate? No grande grupo, manifeste sua opinião sobre a linguagem corporal dos jovens contemporâneos que aparecem nas imagens.

10.3.3 Organizem-se em dois grupos por afinidade:

- os que são favoráveis ao uso desses adereços;
- os contrários às alterações no corpo.

Ainda, três alunos devem ser indicados para avaliarem a discussão, os quais serão os juízes desse debate. Cada grupo terá 15 minutos para organizar os argumentos que irão defender, bem como os critérios que os juízes irão observar na avaliação.

10.3.4 Você faz parte de qual grupo? Registre sua opinião sobre o assunto.



10.3.5 Você já se deteve para observar as tatuagens de uma determinada pessoa? Podem ser visualizados objetos, animais, pessoas, flores, palavras, entre outros símbolos. Consulte na internet os significados desses símbolos, dessas mensagens, e registre as que mais chamou a sua atenção.

2ª ETAPA: AMPLIANDO O CONHECIMENTO SOBRE TIPOS DE TEXTO

10.3.6 A leitura do livro “Tatuagem, *piercing* e outras mensagens do corpo”, de Leusa Araújo (Editora Cosac Naify), propicia o entendimento da tatuagem em sua evolução: há 5 mil anos, como marca de diferentes etapas da vida, como prática curativa, como função estética, como registro de crimes e castigos, entre tantos outros. Aproveite o contato com essa obra.

10.3.6.1 Registre suas impressões sobre a leitura que realizou:

10.3.7 Elabore um roteiro de perguntas para entrevistar uma pessoa que se disponha a responder sobre o tema tatuagem, a partir de situações pessoais, familiares ou sociais.

10.3.7.1 Registre o seu roteiro de perguntas:



10.3.10.5 De acordo com a leitura do livro, qual motivo levou o povo Iúro a criar essa lenda? Sua resposta pode ser elaborada a partir do envolvimento da “asquerosa” píton na narrativa, considerando o universo das jovens indígenas desse povo.

10.3.10.6 Sinta-se desafiado a mudar o final da história. Como seria esse novo desfecho?

3º ETAPA: OUTRAS VIVÊNCIAS SOBRE O TEMA

10.3.11 Observe, no cenário da cidade, a existência de vários estúdios de tatuagem. Considerando que se trata de uma intervenção na pele humana, pergunta-se: há condições de higiene, de cuidados com a esterilização de materiais suficientes para garantir a preservação do corpo de quem procura esse serviço? Há, também, profissionais de tatuagem ambulantes que realizam seu serviço desprovido de qualquer cuidado. Como você se posiciona a respeito dessa realidade, observando que se amplia o número de tatuagens entre as pessoas de diferentes idades?



10.3.12 Procure na internet notícias publicadas em jornal ou em portais que apresentem situações desastrosas relativas à confecção de tatuagem entre os menos avisados. Transcreva a situação mais inusitada.

10.3.13 Observe espaços urbanos onde se encontram grafites, considerados “a tatuagem na pele da cidade”. Você vê alguma relação entre imagens grafitadas em paredes e tatuagens feitas nas pessoas, enquanto denúncia de condições inaceitáveis de vida num mundo que submete e assujeita o homem? Argumente sua resposta.

10.3.14: “Para finalizar, visite o *blog* do projeto *Passos da Leitura* (<http://projetopassosdaleitura.blogspot.com.br/>) e comente suas impressões sobre o caminho que acabou de percorrer.



10.3.15 SUGESTÕES DE ATIVIDADES EXTENSIVAS

Livros

Sobre o mesmo tema

O fazedor de Tatuagem – Ricardo Azevedo – Editora Moderna

O Guia da tatuagem – Lebooks edições

O despertar das tatuagens – Regina Drummond – Giz editorial

Do mesmo autor

História africanas para contar e recontar

O rei do mamulengo

Na Angola tem? No Brasil também.

10.3.16 REFERÊNCIAS

ARAUJO, Leusa. *Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

BARBOSA, Rogério Andrade. *A tatuagem: reconto do povo luo*. São Paulo: Editora Gaivota, 2012.

BERG, Rosa. Tatuagem. Disponível em: <https://rosaberg.wordpress.com/2009/11/06/tatuagem/>. Acesso em: 22 fev. 2016.

MAGALHÃES, Vinícius F. Natalino. Disponível em: < <http://prosaeglosa.blogspot.com.br/2015/12/miniconto.html>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

MUNDO DAS TATUAGENS. Disponível em: <<http://www.mundodastatuagens.com.br/blog/>>. Acesso em: 20 fev. 2015.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo que ora se apresenta objetivou verificar as possibilidades de ressignificação do espaço da biblioteca escolar, ampliando suas ações e, a partir da proposta, dinamizar a mediação de leitura nesse ambiente, utilizando os materiais que compõem o acervo literário do PNBE 2013, destinado ao Ensino Fundamental.

Para tanto, buscamos investigar o espaço da biblioteca escolar selecionada identificando o acervo literário do PNBE 2013 e sua utilização por professores e estudantes. A investigação e posterior intervenção propiciaram perceber o desconhecimento do programa em questão pelos docentes em geral. Nessa dimensão, inclui-se, portanto, o não envolvimento de docentes com as políticas públicas de leitura, tampouco os objetivos do PNBE, programa que distribuiu, anualmente, até 2014 obras literárias, periódicos e obras de referência a todas as escolas públicas do país, o que envolveu alto investimento financeiro do governo federal, conforme exposto no decorrer deste estudo.

Verificamos, ainda, que, em decorrência da falta de conhecimento dos acervos e dos objetivos do programa, a chegada dos acervos do PNBE na escola não estava sendo divulgada aos estudantes e professores, sendo que muitas caixas sequer eram abertas e, quando o foram, os livros ficavam armazenados em armários na sala da coordenação pedagógica.

Esse dado demonstra o despreparo da escola em reconhecer a importância dos acervos enviados pelo governo federal. Igualmente, consideramos uma falha dos órgãos que distribuem esses acervos em capacitar adequadamente os docentes que iriam atuar junto aos estudantes, utilizando-se desse material.

O estudo, ainda, buscou analisar o novo perfil leitor de professores responsáveis por bibliotecas escolares e de educandos dos anos finais do ensino fundamental. Para alcançar esse objetivo, realizamos observações e aplicamos questionários aos docentes, os quais resultaram em considerações relevantes sobre os sujeitos envolvidos.

Observamos, por exemplo, que os professores demonstraram envolver-se com os diversos tipos de leitura, contudo o livro literário não ocupa o primeiro lugar em suas preferências, deixando espaço significativo para jornais e revistas. Demonstraram, no entanto, ter acesso às tecnologias de informação e comunicação e valorizar o uso dessas ferramentas para a leitura em geral.

Verificamos também que o corpo docente confere importância à leitura para o desenvolvimento intelectual e pessoal dos sujeitos. Além disso, considera importante o desenvolvimento de práticas de leitura e de formação de leitores na biblioteca. Esses dados

contrastam argumentos dos professores em defesa da biblioteca e a ausência de práticas leitoras no âmbito do espaço escolar. O que mais chamou atenção foi o uso indevido da biblioteca como espaço de punição a atividades indisciplinadas cometidas por estudantes, como depósito de livros didáticos usados e novos e de entulhos.

Não constatamos trabalho coletivo de professores para mudar as condições de utilização desse importante espaço escolar. É maior a preocupação com registros e catalogação do que com atividades de leitura. Não há expectativa de encontrar na biblioteca oportunidades de ampliação do interesse de leitura. Aproveitamos a investigação para conscientizar professores acerca da riqueza do acervo literário do PNBE 2013 existente na biblioteca, estimulando-os a utilizar esses livros na perspectiva de um centro cultural multimídia, relacionando-os com textos apresentados em outras linguagens e suportes.

Nesse sentido, este estudo buscou propor atividades de mediação leitora, a partir do acervo literário do PNBE 2013, utilizando distintos materiais, diferentes linguagens e variados suportes, considerando o novo perfil do leitor contemporâneo e os novos modos de ler. Com essa finalidade, elaboramos um conjunto de portfólios em suporte impresso e digital como proposta de registro de atividades de leitura que pode ser implementada na biblioteca escolar, para orientar o processo de formação do leitor entre professores responsáveis por bibliotecas escolares e estudantes, iniciando com o público do 6º ao 9º anos.

O conjunto de portfólio é considerado uma inovação em termos de registros de atividades pensadas e desenvolvidas nas bibliotecas escolares no Brasil, pois não há projeto semelhante no território nacional. A inspiração para a elaboração desse material se deu pela experiência positiva dos materiais aplicados nas bibliotecas CRA, do Chile, consideradas bibliotecas escolares dinâmicas, contemporâneas, com atuação em rede, que se constituem como um programa permanente de formação de leitores integrado às atividades da escola.

As ações propostas convidam os estudantes e o/os docente/s a valorizar/em sua história de leitura e a registrar/em suas vivências sem medo de se expor. O material é considerado um espaço amplo para o registro de situações vividas e de situações imaginadas. O conjunto de portfólios e o seu uso efetivo, enfim, procuram estimular o envolvimento de professores e estudantes com os diferentes acervos do PNBE existentes nas escolas. É uma iniciativa que procura contribuir, a partir da realidade da escola, com a diminuição dos baixos índices de leitura apresentados em pesquisas no país. Unida a outras iniciativas, constitui-se como uma reflexão sobre o real significado do espaço da biblioteca na escola com o protagonismo de professores e estudantes críticos, que se apropriam do conteúdo de diferentes acervos, valorizando textos literários como forma de ampliação da linguagem e da imaginação.

REFERÊNCIAS

BEREMBLUM, Andréa; PAIVA, Jane. *Por uma política de formação de leitores*. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

BRASIL. Senado Federal. *Lei 12244 de 24 de maio de 2010*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm>. Acesso em: 9 fev. 2016.

BRASIL. *Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE): leitura e bibliotecas nas escolas públicas brasileiras*. Secretaria da Educação Básica, Coordenação – Geral de Materiais Didáticos. Elaboração Andréa Beremblum e Jane Paiva. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2008.

CADEMARTORI, Lígia. Somente distribuir não basta. In: PAIVA, Aparecida (Org.). *Literatura fora da caixa: o PNBE na escola: distribuição, circulação e leitura*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2012. p. 9-11.

CAMACHO, Gerinaldo. *Blog Biblioinstrucción*. Tabuleta de argila. Disponível em: <<http://biblioinstruccion.blogspot.com.br/2011/07/origenes-de-las-bibliotecas-la.html>>. Acesso em: 4 fev. 2016.

CARVALHO SILVA, Jonathas Luiz. Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil e análise da Lei 12.244/10. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 489-517, jul./dez. 2011.

CHARTIER, Anne Marie; CHARTIER, Roger. Novas tecnologias - ler e escrever, aprender e apagar. In: RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Literatura e identidade na era da mobilidade*. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2016.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução Reginaldo de Moraes. São Paulo: Ed. da Unesp/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CHARTIER, Roger. A leitura e o leitor. *Verbo, Revista da ABEU*, São Paulo, n. 10, p. 20-23, ago. 2014.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2002.

CHARTIER, Roger. Os livros resistirão às tecnologias digitais? *Revista Nova Escola*, São Paulo, ed. 204, ago. 2007. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/fundamentos/roger-chartier-livros-resistira-tecnologias-digitais-610077.shtml>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

CIRINO, Darciane Barros Leão. *Programa Nacional Biblioteca na escola – PNBE: apropriação dos acervos nas escolas municipais de Ipameri-GO*. 2015. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Catalão, GO, 2015.

COLL, César; MONEREO, Carles; SILVA, Milena da Rosa. *Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FAILLA, Zoara. Leitura dos “retratos”: o comportamento leitor do brasileiro. In: FAILLA, Zoara (Org.). *Retratos da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Instituto Pró-Livro, 2012. p. 21-54.

HISTÓRIA dos livros e das bibliotecas. 2011. Disponível em: <<http://historiadoslivrosedasbibliotecas.blogspot.com.br>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Programa Internacional de Avaliação De Alunos (Pisa): resultados nacionais - PISA 2009 / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais*. Brasília, DF: O Instituto, 2012.

KICH, Morgana. *Mediação de leitura literária: o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) 2008/2011*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Caxias do Sul, 2011.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2009.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução Carlos Irineu da Costa. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MACIEL, Francisca Isabel Pereira. O PNBE e o Ceale: de como semear leituras. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (Org.). *Literatura Infantil: políticas e concepções*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 7-20.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1996. v. 49. (Série Temas).

MONTUANI, Daniela. Acervos de literatura chegam na escola? In: PAIVA, Aparecida (Org.). *Literatura fora da caixa: o PNBE na escola: distribuição, circulação e leitura*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2012. p. 77-110.

MORAIS, Elaine Maria da Cunha. Formam-se leitores nas bibliotecas escolares? In: PAIVA, Aparecida (Org.). *Literatura fora da caixa: o PNBE na escola: distribuição, circulação e leitura*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2012. p. 39-76.

NUÑEZ, Eloy Martos. Espaços de leitura: projetos, conteúdos e animação cultural. In: RÖSING, Tania Marisa Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2002. p. 223-254.

PAIVA, Aparecida. Políticas públicas de leitura: pesquisas em rede. In: PAIVA, Aparecida (Org.). *Literatura fora da caixa: o PNBE na escola: distribuição, circulação e leitura*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2012. p. 13-37.

PEREIRA, Fernanda Rohlf. *O PNBE nas UMEIs de Belo Horizonte: literatura infantil distribuída, literatura incluída?* 2011. 72 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

RAMOS, Flávia Brocchetto. *Literatura na escola: da concepção à mediação do PNBE*. Caxias do Sul, RS: Educus, 2013.

RIO GRANDE DO SUL. *Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul*. 1980. Indicação 33/80.

RIO GRANDE DO SUL. *Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul*. 1998. Indicação.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Pedagogia dos multiletramentos. In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (Org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 11-31.

RÖSING, Tânia Mariza Kuchembecker. *A formação do professor e a questão da leitura*. Passo Fundo: Ed. da UPF, 1996.

RÖSING, Tânia Mariza Kuchembecker. *Perfil do novo leitor: em construção, a importância dos centros de promoção de leitura de múltiplas linguagens*. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2001.

RÖSING, Tania M. K. Do currículo por disciplina à era da educação-cultura-tecnologia sintonizadas: processo de formação de mediadores de leitura. In: RÖSING, Tânia Mariza Kuchembecker; SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho. *Mediação de Leitura: discussão e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.

RÖSING, Tânia Mariza Kuchembecker; SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho. *Mediação de Leitura: discussão e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.

RÖSING, Tânia Mariza Kuchembecker; TEIXEIRA, Eliana; RODRIGUES, Lucas Werschedet. *Roteiro de práticas leitoras para a escola II: artes visuais: explorando os sentidos: Educação Infantil*. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2011.

SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação Ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. O papel da leitura face ao patrimônio cultural. In: RÖSING, Tania M. K. (Org.). *Literatura e identidade na era da mobilidade*. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2016.

SANTOS, Fabiano dos. Agentes de leitura: inclusão social e cidadania cultural. In: SANTOS, Fabiano dos; RÖSING, Tania Mariza Kuchembecker; MARQUES NETO, Jose Castilho (Org.). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009. p. 37-45.

SILVA, E. T. da. Biblioteca escolar: da gênese à gestão. In: ZILBERMANN, R.; RÖSING, T. M. K. *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009a. p. 187-204.

SILVA, E. T. O professor leitor. In: SANTOS, F. dos; NETO, J. C. M.; RÖSING, T. M. K. (Org.). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009b. p. 23-36.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura na escola e na biblioteca*. 2. ed. Campinas: Papairus, 1986.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez, 1996.

TELES, Lília. 70% dos brasileiros não leram em 2014. *Jornal da Globo*, Rio de Janeiro, 31 mar. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2015/04/70-dos-brasileiros-nao-leram-em-2014-diz-pesquisa-da-fecomercio-rj.html>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZILBERMANN, Regina. A escola e a leitura da Literatura. In: ZILBERMANN, Regina; RÖSING, Tania Marisa Kuchenbecker. *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009. p. 17-39.

APÊNDICE A – Dinamização do acervo do PNBE 2013

**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO E DOUTOURADO**

**DINAMIZAÇÃO DO ACERVO DO PNBE 2013 NO ESPAÇO DA BIBLIOTECA
ESCOLAR PARA ALUNOS DAS SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL
MESTRANDA: THIANE DE VARGAS
ORIENTADORA: TANIA M. K. RÖSING**

“A biblioteca escolar deve ser um lugar ágil, dinâmico, vivo. Um espaço de aprendizagem aberto a múltiplas formas e novos gêneros, a diversos suportes de leitura e informação.”

Bibliotecas CRA (Chile)

TEMA: A biblioteca escolar como espaço de formação de leitores.

DELIMITAÇÃO DO TEMA: A dinamização do acervo do PNBE 2013 pela mediação docente no espaço da biblioteca escolar de uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Passo Fundo/RS.

JUSTIFICATIVA: Contribuir com a dinamização dos múltiplos acervos existentes na Biblioteca Escolar da Escola Municipal Daniel Dipp, com foco nos materiais integrantes do acervo do PNBE 2013

PROBLEMATIZAÇÃO: Como encontrar estratégias para dinamizar o acervo do PNBE 2013, por intermédio do trabalho coletivo, que possa ampliar o entusiasmo pela leitura dos usuários desse espaço escolar.

OBJETIVO: Contribuir com a construção coletiva de estratégias de leitura a serem desenvolvidas no espaço da Biblioteca Escolar, por intermédio da dinamização de distintos materiais de leitura, objetivando a formação de leitores reflexivos, críticos e atuantes na

sociedade, pelo trabalho coletivo e interdisciplinar, em especial entre alunos das séries finais do Ensino Fundamental.

METODOLOGIA: 1) Fazer um levantamento dos acervos existentes no espaço da biblioteca da escola. 2) Observar as ações de leitura desenvolvidas por professores e alunos com o objetivo de promover uma discussão sobre biblioteca numa perspectiva educacional, cultural e tecnológica. 3) Democratizar estudos acadêmicos desenvolvidos sobre bibliotecas contemporâneas e sugerir materiais de leitura para enriquecer acervos de bibliotecas escolares. 4) Identificar, entre os materiais de leitura existentes na biblioteca escolar selecionada, o acervo do PNBE 2013. 5) Construir estratégias de seleção de livros para alunos dos anos finais, pelo processo de seleção 12 livros do acervo referido para serem lidos por 4 grupos de alunos os quais se constituirão em fundamento de práticas leitoras multimídiais. 6) Organizar um *blog* para registrar as experiências dos alunos envolvidos nas vivências de leituras múltiplas. 7) Disponibilizar aos professores e alunos, em diferentes suportes, os títulos do acervo do PNBE 2013 e *websites* relacionados com atividades de leitura similares.

CRONOGRAMA:

AÇÕES	2014		2015											2016				
	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	M	A
Elaboração do Projeto de Pesquisa	x	x																
Pesquisa Exploratória			x	x	x													
Pesquisa Bibliográfica	x	x	x	x	x	X	x	X	x	x	x	x	x	x				
Elaboração de práticas leitoras						X	x	x	x									
Intervenção com professores e alunos						X	x	x	x									
Elaboração dos portfólios para professores e alunos							x	x	x	x	x	x	x	x				
Intervenção com professores e alunos										x	x	x						
Produção do texto				x	x	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		
Qualificação								X										
Revisão da dissertação															x	x	x	
Defesa																		x

INFORMAÇÕES DO PROFESSOR RESPONSÁVEL PELA BIBLIOTECA ESCOLAR

DADOS PESSOAIS

1- NOME DO/A ENTREVISTADO/A: _____

2- IDADE: _____ anos

3- SEXO: M F

4- FORMAÇÃO:

- ENSINO MÉDIO
- ENSINO SUPERIOR: Especifique: _____
- ESPECIALIZAÇÃO: Especifique: _____
- MESTRADO: Especifique: _____
- DOUTOURADO: Especifique: _____

5- ANO DE CONCLUSÃO DO CURSO SUPERIOR: _____

6- TEMPO DE ATUAÇÃO NO MAGISTÉRIO: _____

7- TEMPO DE ATUAÇÃO NA ESCOLA DANIEL DIPP: _____

8- IDENTIFIQUE O(S) MOTIVO(S) QUE O/A LEVOU(ARAM) A ATUAR NO ESPAÇO DA BIBLIOTECA ESCOLAR DA ESCOLA DANIEL DIPP:

ATUAÇÃO NA BIBLIOTECA

9- EXPLÍCITE ALGUMAS EXPECTATIVAS QUE VOCÊ TEM EM RELAÇÃO AO TRABALHO DESENVOLVIDO NA BIBLIOTECA ESCOLAR, A PARTIR DE SUA LIDERANÇA:

10- APRESENTE ALGUMAS EXPECTATIVAS DOS ALUNOS EM RELAÇÃO AO SEU TRABALHO COMO PROFESSOR RESPONSÁVEL PELA BIBLIOTECA ESCOLAR DA ESCOLA DANIEL DIPP:

11- REVELE ALGUMAS IMPRESSÕES SOBRE O CONTEÚDO DO ACERVO DO PNBE 2013, DESTINADO À ESCOLA DANIEL DIPP:

1.1- EM RELAÇÃO ÀS NECESSIDADES E AOS INTERESSES DOS ALUNOS:

1.2- COMO POSSIBILIDADE DE EMPRÉSTIMO À COMUNIDADE ESCOLAR:

1.3- ENQUANTO RECURSO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES LEITORES:

1.4- AS CONTRIBUIÇÕES DESSE ACERVO PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES DA ESCOLA:

CONFIRME SUAS IMPRESSÕES SOBRE O TRABALHO DESENVOLVIDO NA BIBLIOTECA ESCOLAR USANDO O RECURSO DE IMAGENS.

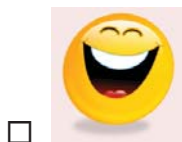
12- COMO VOCÊ SE SENTE A MAIOR PARTE DO TEMPO NO ESPAÇO DA BIBLIOTECA?



13- A PARTIR DA LEITURA DE UM TEXTO ATRAENTE, COMO VOCÊ PENSA EM SE MOSTRAR ÀS PESSOAS COM QUEM CONVIVE?



14- QUANDO VOCÊ INDICA UM LIVRO A DETERMINADO LEITOR E RECEBE UM COMENTÁRIO, SEJA POSITIVO OU NEGATIVO, SOBRE O SEU CONTEÚDO, COMO VOCÊ SE SENTE?



15- AO RECEBER A SOLICITAÇÃO DE MAIS UM LIVRO SELECIONADO INTUITIVAMENTE PARA A LEITURA DE UM JOVEM INCIANTE NESSE PROCESSO, INDIQUE, NOS ÍCONES QUE APONTAM AS PREVISÕES DO TEMPO, COMO VOCÊ PRESSUPÕE OS PRÓXIMOS DIAS PARA ESSE LEITOR:

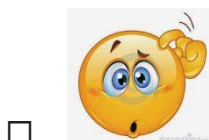


16- SE VOCÊ TIVESSE A OPORTUNIDADE DE TRABALHAR EM EQUIPE NA BIBLIOTECA, COMO VOCÊ PODE PREVER O RESULTADO DO TRABALHO COLETIVO?





17- VOCÊ CONSIDERA PERTINENTE TRABALHAR NUMA BIBLIOTECA ESCOLAR CUJAS AÇÕES DE LEITURA RESULTASSEM DE ORIENTAÇÕES DE UM SISTEMA MUNICIPAL DE BIBLIOTECAS, FAZENDO PARTE DE UMA REDE EFETIVA?



APÊNDICE B – Dinamização do acervo do PNBE 2013



**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO E DOUTORADO**

**DINAMIZAÇÃO DO ACERVO DO PNBE 2013 NO ESPAÇO DA BIBLIOTECA
ESCOLAR PARA ALUNOS DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

MESTRANDA: THIANE DE VARGAS

ORIENTADORA: TANIA M. K. RÖSING

**“A biblioteca escolar deve ser um lugar ágil, dinâmico, vivo. Um espaço de
aprendizagem aberto a múltiplas formas e novos gêneros, a diversos suportes de leitura
e informação.”**

Bibliotecas CRA (Chile)

TEMA: A biblioteca escolar como espaço de formação de leitores.

DELIMITAÇÃO DO TEMA: A dinamização do acervo do PNBE 2013 pela mediação docente no espaço da biblioteca escolar de uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Passo Fundo, RS.

JUSTIFICATIVA: Contribuir com a dinamização dos múltiplos acervos existentes na Biblioteca Escolar da Escola Municipal Daniel Dipp, com foco nos materiais integrantes do acervo do PNBE 2013

PROBLEMATIZAÇÃO: Como encontrar estratégias para dinamizar o acervo do PNBE 2013, por intermédio do trabalho coletivo, que possa ampliar o entusiasmo pela leitura dos usuários desse espaço escolar.

OBJETIVO: Contribuir com a construção coletiva de estratégias de leitura a serem desenvolvidas no espaço da Biblioteca Escolar, por intermédio da dinamização de distintos materiais de leitura, objetivando a formação de leitores reflexivos, críticos e atuantes na sociedade, pelo trabalho coletivo e interdisciplinar, em especial entre alunos das séries finais do Ensino Fundamental.

METODOLOGIA: 1) Fazer um levantamento dos acervos existentes no espaço da biblioteca da escola. 2) Observar as ações de leitura desenvolvidas por professores e alunos com o objetivo de promover uma discussão sobre biblioteca numa perspectiva educacional, cultural

e tecnológica. 3) Democratizar estudos acadêmicos desenvolvidos sobre bibliotecas contemporâneas e sugerir materiais de leitura para enriquecer acervos de bibliotecas escolares. 4) Identificar, entre os materiais de leitura existentes na biblioteca escolar selecionada, o acervo do PNBE 2013. 5) Construir estratégias de seleção de livros para alunos dos anos finais, pelo processo de seleção 12 livros do acervo referido para serem lidos por 4 grupos de alunos os quais se constituirão em fundamento de práticas leitoras multimídiais. 6) Organizar um *blog* para registrar as experiências dos alunos envolvidos nas vivências de leituras múltiplas. 7) Disponibilizar aos professores e alunos, em diferentes suportes, os títulos do acervo do PNBE 2013 e *websites* relacionados com atividades de leitura similares.

CRONOGRAMA:

AÇÕES	2014		2015												2016			
	N	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	M	A
Elaboração do Projeto de Pesquisa	x	x																
Pesquisa Exploratória			x	x	x													
Pesquisa Bibliográfica	x	x	x	x	x	X	x	X	x	x	x	x	x	x				
Elaboração de práticas leitoras						X	x	x	x									
Intervenção com professores e alunos						X	x	x	x									
Elaboração dos portfólios para professores e alunos							x	x	x	x	x	x	x	x				
Intervenção com professores e alunos										x	x	x						
Produção do texto				x	x	X	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		
Qualificação								X										
Revisão da dissertação															x	x	x	
Defesa																		x

LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÕES JUNTO AO CORPO DOCENTE DA ESCOLA

1- NOME DO/A ENTREVISTADO/A: _____

2- IDADE: ____ anos

3- SEXO: M F

4- FORMAÇÃO:

ENSINO SUPERIOR: Especifique: _____

ESPECIALIZAÇÃO: Especifique: _____

MESTRADO: Especifique: _____

DOUTOURADO: Especifique: _____

5- ANO DE CONCLUSÃO DO CURSO SUPERIOR: _____

6- TEMPO DE ATUAÇÃO NO MAGISTÉRIO: _____

7- TEMPO DE ATUAÇÃO NA ESCOLA DANIEL DIPP: _____

8- QUEM O/A INTRODUZIU À LEITURA:

8.1- NA FAMÍLIA:

- PAI
- MÃE
- TIO/TIA
- AVÔ/AVÓ
- OUTRO: _____

8.2- NA ESCOLA:

- PROFESSOR/A
- BIBLIOTECÁRIO/A
- FUNCIONÁRIO/A
- COLEGA/AMIGO

9- EM RELAÇÃO ÀS SUAS PREFERÊNCIAS DE LEITURA, ASSINALE O QUE VOCÊ COSTUMA LER, POR ORDEM DE PREFERÊNCIA (1, 2, 3, 4):

- JORNAIS
- REVISTAS
- LIVROS LITERÁRIOS
- OUTRO: _____

10- QUAL O SUPORTE DE LEITURA MAIS UTILIZADO?

- IMPRESSO
- DIGITAL
- LEIO INDEPENDENTE DOS SUPORTES

11- VOCÊ UTILIZA OS NOVOS MODOS DE LER E DE ESCREVER EM EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS MÓVEIS (CELULARES, TABLETS)?

- SIM
- NÃO

12- EM RELAÇÃO AO USO DO COMPUTADOR, VOCÊ COSTUMA UTILIZÁ-LO PARA:

- ACESSAR REDES SOCIAIS
- PESQUISA
- COMUNICAÇÃO POR E-MAIL
- JOGOS
- COMPRAS
- OUTROS: _____

13 - VOCÊ COSTUMA LER EM BIBLIOTECAS?

- SIM. QUE TIPO DE BIBLIOTECA? _____
- NÃO.

14- ASSINALE OUTROS ESPAÇOS NOS QUAIS VOCÊ COSTUMA LER:

- CASA
- LIVRARIA
- JARDIM/ PÁTIO
- PRAIA/PISCINA
- PRAÇA
- TRANSPORTE
- OUTRO: _____

15- ASSINALE UM OU MAIS ITENS QUE INDICAM INFLUÊNCIAS EFETIVAS EM SUAS LEITURAS

- AMIGO
- AMIGO VIRTUAL
- REDE SOCIAL OU BLOG
- ESCOLA/UNIVERSIDADE
- TELEVISÃO
- LISTAS DE LIVROS MAIS VENDIDOS
- EVENTOS LITERÁRIOS
- OUTRO: _____

16- A LEITURA PODE SER ENTENDIDA EM DIFERENTES GRAUS DE IMPORTÂNCIA. A PARTIR DE SUAS EXPERIÊNCIAS, CLASSIFIQUE O GRAU DE IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE 1 A 5, SENDO 1 O DE MENOR IMPORTÂNCIA E O 5 DE MAIOR IMPORTÂNCIA:

- PARA A APRENDIZAGEM DOS ESTUDANTES
- PARA O SUCESSO PROFISSIONAL
- PARA A CONVIVÊNCIA SOCIAL
- PARA AS VIVÊNCIAS CULTURAIS
- PARA O DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL E PESSOAL DOS SUJEITOS

17- EM RELAÇÃO ÀS ATIVIDADES DA BIBLIOTECA ESCOLAR, CLASSIFIQUE O GRAU DE IMPORTÂNCIA DE 1 A 5, SENDO 1 A DE MENOR IMPORTÂNCIA E 5 A DE MAIOR IMPORTÂNCIA:

- EMPRÉSTIMO DE LIVROS LITERÁRIOS
- DEPÓSITO DE LIVROS DIDÁTICOS
- DESENVOLVIMENTO DE PRÁTICAS DE LEITURA E FORMAÇÃO DE LEITORES
- CONSULTA EM ACERVOS
- REALIZAÇÃO DE TRABALHOS ESCOLARES

APÊNDICE C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “O espaço da biblioteca escolar: dinamização do acervo do PNBE 2013 nas séries finais do ensino fundamental”, de responsabilidade da pesquisadora Thiane de Vargas, sob orientação da profa. Doutor Tania M. K. Rösing.

A escolha do tema desta pesquisa deve-se ao fato de a biblioteca escolar ser um espaço de grande potencial para o incentivo à leitura, ao desenvolvimento da cultura e à aquisição de conhecimentos. Percebe-se, no entanto, que este espaço está sendo pouco utilizado pelos professores em práticas de leitura pela dinamização do acervo do Programa Nacional Biblioteca na Escola - PNBE. Ainda, percebe-se que o uso da biblioteca está sendo distorcido, sendo utilizada em atividades não pedagógicas, como para castigo de alunos indisciplinados ou almoxarifado para guardar entulhos, segundo observações feitas pela pesquisadora.

O objetivo geral desta pesquisa é ressignificar a utilização do espaço e a mediação de leitura na biblioteca escolar, por intermédio da dinamização do acervo do PNBE 2013, objetivando a formação de leitores críticos, reflexivos e atuantes na sociedade, com atividades voltadas aos educandos dos anos finais do ensino fundamental.

A sua participação na pesquisa será respondendo ao questionário elaborado pela pesquisadora o qual irá coletar informações referentes aos hábitos e práticas leitoras do responsável pela biblioteca escolar e do corpo docente e trará subsídios para a elaboração de uma proposta de intervenção na biblioteca da escola. Você terá a garantia de receber esclarecimentos sobre qualquer dúvida relacionada à pesquisa e poderá ter acesso aos seus dados em qualquer etapa do estudo.

Sua participação nesta pesquisa não é obrigatória e você pode desistir a qualquer momento, retirando o seu consentimento. As suas informações serão armazenadas e posteriormente destruídas. Os resultados da pesquisa serão divulgados, mas as informações relacionadas à sua identificação não serão divulgadas e você terá a garantia do sigilo e da confidencialidade dos dados.

Caso você tenha dúvidas sobre o comportamento dos pesquisadores ou sobre as mudanças ocorridas na pesquisa que não constam no TCLE, e caso se considera prejudicado (a) na sua dignidade e autonomia, você pode entrar em contato com a pesquisadora pelo telefone (54) 9652-0623 ou com o Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo pelo telefone (54) 3316-7000, ou também pode consultar o Comitê de Ética em

Pesquisa da UPF, pelo telefone (54) 3316-8157, no horário das 8h às 12h e das 13h30min às 17h30min, de segunda a sexta-feira.

Dessa forma, se você concorda em participar da pesquisa como consta nas explicações e orientações, coloque seu nome e assine no local indicado abaixo.

Desde já, agradecemos a sua colaboração e solicitamos a sua assinatura de autorização neste termo, que será também assinado pela pesquisadora responsável em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com a pesquisadora.

Passo Fundo, ____ de _____ de _____.

Nome do (a) participante: _____

Assinatura: _____

Nome da pesquisadora: Thiane de Vargas

Assinatura: _____

ANEXO A – Acervo literário do PNBE 2013

Acervo 2 - Anos finais do Ensino Fundamental		
Título	Autor	Editora
1001 fantasmas	Heloisa Prieto	A Página Distribuidora de Livros
A escrava Isaura	Ivan Jaf - Bernardo Guimarães - Eloar Guazzelli Filho	Editora Anglo
A família Pântano 4 - Aparências	Colin Thompson - Índigo	Brinque Book
A língua de fora	Juvenal Batella de Oliveira	Vieira e Lent Casa Editorial
A primeira vez que vi meu pai	Márcia das Dores Leite	Artes e Ofícios
A reforma da natureza	Monteiro Lobato - Paulo Borges	Editora Távola
A roda do vento	Nélida Piñon - Maurício Veneza	Record
A tatuagem - reconto do povo Luo	Rogério Andrade Barbosa - Mauricio Negro	Editora Gaivota
A vida naquela hora	Joao Luiz Anzanello Carrascoza	Editora Scipione
Adolescente poesia	Sylvia Orthof	Rovelle
Amanhã você vai entender	Rebecca Stead - Flávia Souto Maior	Editora Intrínseca
Anne de Green Gables	L.M. Montgomery - Maria do Carmo Zanini - Renée Eve Levie	Martins Editora
Antes que o mundo acabe	Marcelo Carneiro da Cunha	Editora Projeto
As mil e uma noites	Ferreira Gullar	Editora Revan
Cara senhora minha avó	Elisabeth Brami - Ana Carolina Oliveira	Editora Dimensão
Chifre em cabeça de cavalo	Luiz Raul Machado - Ana Freitas Machado	Editora Nova Fronteira
Com certeza tenho amor	Marina Colasanti	Gaudi Editorial
Contos clássicos de vampiro	Bruno Lins Da Costa Borges - Marta Chiarelli de Miranda	Hedra Educação
Contos e lendas da Amazônia	Reginaldo Prandi - Pedro Rafael	A Página Distribuidora de Livros
Desenhos de guerra e de amor	Flavio de Souza	Pearson Education do Brasil
Diário de Biloca	Edson Gabriel Garcia	Saraiva
Dom quixote em cordel	Antonio Klevisson Viana	Manole
É fogo!	Celso Gutfreind	In Pacto
Enquanto aurora: momentos de uma infância brasileira	Margarida de Aguiar Patriota	Viveiros de Castro Editora
Estação dos bichos	Alice Ruiz - Camila Jabur - Fê	Editora Iluminuras
Evocação	Marcia Kupstas - Adams Teixeira de Carvalho	Editora Ática
Fotografando Verger	Ângela Lühning - Maria Eugênia	Editora Claro Enigma
Gatos guerreiros - na floresta	Erin Hunter - Marilena Moraes	Martins Fontes
Histórias para jovens de todas as idades	Laura Constância Austregésilo de Athayde Sandroni - Allan Rabelo de Moraes	Editora Nova Fronteira
Lã de vidro: diálogos poéticos	Andre Moura	Morales Perlingeiro Editora
Lampião na cabeça	Luciana Sandroni - André Neves	Editora Rocco
Livro de recados	Paulinho Assunção	In Pacto
Mary Shelley: o mistério da imortalidade	Elena Guiochins - Rodrigo Villela - Alejandro Magallanes	Base Editorial
Meu coração é tua casa	Federico Garcia Lorca - Jaime Prades - Pádua Fernandes	Comboio de Corda Editora
Mil coisas podem acontecer	Jacobo Fernández Serrano - Luiz Reyes Gil	Autêntica
Moça Lua e outras lendas	Waldir Ayala - Simone Bragança R.	Ediouro

	Matias	
O burrinho pedrês	João Guimarães Rosa	Ediouro
O chute que a bola levou	Ricardo Azevedo - Marcelo Cipis	Editora Moderna
O doente imaginário	Molière - Marília Toledo - Laerte	Editora 34
O flautista de Hamelin	Robert Browning - Antonella Toffolo - Marcos Bagno	Edições SM
O gato do xeique e outras lendas	Malba Tahan - Lucas	Ediouro
O mar e os sonhos	Roseana Murray	Abacatte Editorial
O outro passo da dança	Jose Carlos Dussarrat Riter	Artes e Ofícios
O pássaro de fogo contos populares da Rússia	Alexander Afanássiev - Denise Regina de Sales - Nikolai Trochtchinski Chmelev	Berlendis Editores
O príncipe Teiú e outros contos	Marcus Haurelio Fernandes Faria	Editora Aquariana
O que a terra está falando	Ilan Brenman	Edelbra
Ordem, sem lugar, sem rir, sem falar	Leusa Regina Araujo Esteves - Nelson Provazi	Editora Scipione
Os livros que devoraram meu pai	Afonso Cruz - Mariana Newlands	Texto Editores
Os noivos	Alessandro Manzoni - Eliana Aguiar - Umberto Eco	Editora Record
Pescador de ilusões	Marcelo Fontes Nascimento Viana Sant'Ana - Wesley Rodrigues de Oliveira	Barba Negra Produção Cultural
Poesia de bicicleta	Sergio Capparelli - Ana Gruszynski	Newtec Editores
Quarto de despejo - diário de uma favelada	Carolina Maria de Jesus - Vinicius Rossignol Felipe	Abril Educação
Quebra-nozes e Camundongo Rei	E.T.A Hoffmann - Nelson Provazi - Bruno Berlendis de Carvalho	Berlendis Editores
Sangue de dragão - palco de paixões	Flávia Savary - Rogério Borges	Editora FTD
Sangue fresco	João Carlos Marinho	Gaudi Editorial
Sete histórias de pescaria do seu vivinho	Fábio Sombra da Silva - João Marcos Parreira Mendonça	Abacatte Editorial
Signo de câncer	Silvana Maria Bernardes de Menezes	Editora Lê
Tá falando grego?	Ricardo Hofstetter	Sociedade Literária
Três anjos mulatos do Brasil	Rui de Oliveira	Editora FTD
Um sonho no caroço do abacate	Moacyr Scliar	Global Editora
Acervo 3 - Anos finais do Ensino Fundamental		
Título	Autor	Editora
A caminho de casa	Ana Tortosa - Márcia Leite - Esperanza León	O Jogo de Amarelinha Serviços Editoriais
A criação das criaturas	Tacus	Edições SM
A distância das coisas	Flávio Carneiro - Andrés Sandoval	Edições SM
À esquerda, à direita	Jimmy Liao - Lin Jun - Cong Tangtang	Editora Moitará
A fábrica de robôs	Karel Tchapek - Vera Machac	Hedra Educação
A jornada	Erin E. Moulton	NC Editora
A princesa flutuante	George Macdonald - Luciano Vieira Machado - Mercè López	O Jogo de Amarelinha Serviços Editoriais
A turma do Pererê coisas do coração	Zivaldo Alves Pinto	Editora Globo Livros
A vaca na selva	Edy Maria Dutra da Costa Lima	Gaudi Editorial
A volta às aulas do pequeno Nicolau	René Goscinny - Jean-Jacques Sempé - Pedro Karp Vasquez	Editora Rocco
Ana e Pedro - cartas	Vivina de Assis Viana - Ronald Claver	Saraiva e Siciliano
As memórias de Eugênia	Marcos Bagno - Miguel Bezerra	Posigraf
Atrás do paraíso	Ivan Jaf	José Olympio Editora
Coraline	Neil Gaiman - Dave McKean	Editora Rocco
Desculpe a nossa falha	Ricardo Ramos - Alexandre de Matos Rocha	Abril Educação
Domingo para sempre e outras	Celso Gutfreind	Artes e Ofícios

histórias sobre nunca mais		
Emil e os detetives	Erich Kästner - Ângela Cristina de Salles Mendonça - Walter Trier	Editora Rocco
Engenhoso fidalgo Dom Quixote de la Mancha	Miguel de Cervantes - Sergio Molina - Angeles Durini - Federico Jeanmaire	Martins Fontes
Era uma vez Esopo	Katia Canton - Debora Muszkat - Gabriel Veiga Jardim - Sonia Guggisberg - Tiago Judas - Victor Lema Riqué	DCL Difusão Cultural do Livro
Espetinho de gafanhoto, nem pensar!	Daniela Chindler - Suppa	Editora Rocco
Fantástica fábrica de chocolate	Roald Dahl - Dulce Costa - Quentin Blake	Martins Fontes
Histórias de bichos	Heitor Cony - Clarice Lispector - Dalton Trevisan - Franz Kafka - Ivan Angelo - Luiz Vilela - Marques Rebelo - Murilo Rubião - Oscar Wilde - Virginia Woolf - João Alphonsus de Guimaraens - Marina Colasanti - Eloar Guazzelli Filho - Miguel Torga - Maria Aparecida Viana Shtine Pereira - Marcelo Backes - Carlos Silveira Mendes Rosa - Leonardo Froes	Editora Ática
Histórias de mistério	Lygia Fagundes Telles - Eloar Guazzelli	Editora Schwarcz
Isso ninguém me tira	Ana Maria Machado - Maria Eugenia Longo Cabello Campos	Editora Ática
Jacques Cousteau: o mar, outro mundo	Manola Rius Caso - Marcos Bagno - Alejandro Magallanes	Editora Miguilim
Justino, o retirante	Odette de Barros Mott	Saraiva e Siciliano
Kamazu	Carla Caruso	Colégio Claretiano Assoc. Beneficente Editora
Maroca e Deolindo e outros personagens em festas	André Luís Neves da Fonseca	Pia Sociedade Filhas de São Paulo
Médico à força	Molière - Ronald Polito - Enrique Lorenzo	Edições SM
Menino do mato	Manoel de Barros	Texto Editores
Menino perplexo	Israel Mendes	Editora Dublinense
Moby Dick	Herman Melville - Fouca Dabli - Carlos Frederico Barrere Martin - Jame'S Prunit	Editora Moitará
Ninguém me entende nessa casa! Crônicas e casos	Leo Cunha - Rogério Soud	Editora FTD
No longe dos Gerais	Nelson Alves da Cruz	Cosac & Naify
No reino da pontuação	Christian Morgenstern - Andrea Emilia Knecht - Rathna Ramanathan	Berlendis Editores
O diário de Gian Burrasca	Luigi Bertelli - Reginaldo Francisco	Editora Gutenberg
O fantasma de Canterville	San Michael Wilson - Nina Basilio	Companhia Editora Nacional
O Golem do Bom Retiro	Mário Teixeira - Renato Alarcão	Editora UDP
O Guarani	Carlos Gomes - Antonio Scalvini - Rosana Rios - Juliano José de Oliveira	Editora Scipione
O livro dos dragões	Marcos Maffei Jordan	Editora Hedra
O livro selvagem	Juan Villoro - Antônio Xerxenesky	A Página Distribuidora de Livros
O Minotauro	Monteiro Lobato - Odilon Alfredo Pires De Almeida Moraes	Editora Távola
O mistério do 5 Estrelas	Marcos Rey	Gaudi Editorial
O negrinho do pastoreio	André Diniz	Editora Adler
O nome da fera	Celso Guttfreind	Editora Dimensão
O pintor que pintou o sete	Fernando Sabino	Berlendis Editores

O quinze	Rachel de Queiroz - Shiko	Editora Ática
O senhor dos ladrões	Cornelia Funke - Sonali Bertuol	A Página Distribuidora de Livros
O tempo escapou do relógio e outros poemas	Marcos Bagno - Marilda Castanha	Editora Piá
Orixás: do Orum ao Ayê	Alexandre Miranda Silva	NBL Editora
Os gêmeos do Popol Vuh	Jorge Luján - Heitor Ferraz Mello - Saúl Oscar Rojas	Editora UDP
Pão feito em casa - três jovens. Uma receita. Alguns segredos.	Rosana Rios	Edições Besourobox
Pluft, o fantasminha e outras peças	Maria Clara Machado	Editora Nova Fronteira
Poetrix	José de Castro - Santuzza Affonseca	Signo Editora
Raul Taburin	Jean Jacques Sempé - Mario Sergio Conti	Cosac & Naify
Se a memória não me falha	Sylvia Orthof - Tato	Vida Melhor Editora
Tristão e Isolda	Helena Maria Gomes - Renato Amaral Alarcão	Berlendis Editores
Um certo livro de areia	Adriano Bitarães Netto	Saraiva e Siciliano
Um na estrada	Caio Riter - Amanda Granzini	Editora Melhoramentos
Você é livre!	Dominique Torres - Maria Valéria Rezende	Autêntica